



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

LIANA LIBERATO LOPES CARLOS

MEMÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO:
TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS CIGANOS EM SOBRAL (1974-2000)

FORTALEZA

2016

LIANA LIBERATO LOPES CARLOS

MEMÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO:
TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS CIGANOS EM SOBRAL (1974-2000)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C28m

Carlos, Liana Liberato Lopes.

Memória, cultura e tradição : trajetória histórica dos ciganos em Sobral (1974-2000) / Liana Liberato Lopes Carlos. – 2016.

96 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

1. Ciganos. 2. Cultura. 3. História oral. 4. Memória. 5. Tradição. I. Título.

CDD 370

LIANA LIBERATO LOPES CARLOS

MEMÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO:
TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS CIGANOS EM SOBRAL (1974-2000)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 16 / 11 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Francisca Geny Lustosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Lailson Ferreira da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

A Deus, Senhor da Vida por minha existência.

A minha mãe, Rosinha, que me pegou pelo colo e me ensinou a dançar a vida, a buscar sonhos e a projetar o futuro.

Ao meu amado pai, Antônio Francisco, fonte de inspiração que me revelou o amor na calada do silêncio.

A minha avó, Maria da Solidade, eterna mãe que preenche o tempo a contar histórias guardadas na lembrança.

À Rosana e à Patrícia irmãs da vida, do amor e do coração, com vocês é possível dividir um amor incondicional.

Ao meu esposo, Marcos, que me ensinou o encanto do amor e da beleza que a vida nos permite viver. A ele devo os meus dois valiosos tesouros.

Aos meus filhos, Marcos Júnior e Ana Teresa (in memoriam) que me ensinaram a esquecer de mim.

AGRADECIMENTOS

Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada... se é contribuir que contribua generosamente [...] (Rm: 12, 6-8). Este trabalho foi feito por muitos sonhos, estruturado pelo apoio de muitos ombros, creditado pela confiança e pela solidariedade de tantos outros. A todos que de forma visível, ou não, estiveram presentes, ajudaram e fizeram parte, o meu infinito agradecimento.

Seria leviano de minha parte não reconhecer as contribuições presentes neste trabalho. Pelas linhas de tantas mãos se teceram fios de ideias e de diálogos, no entanto, torna-se privilégio entender os múltiplos olhares que projetaram o destino deste texto. No decorrer dessa caminhada de dois anos, pude aprender que o caminho é longo, por isso não se deve andar sozinho.

Ao arquiteto do universo, Deus protetor e Soberano, por me permitir caminhar com mansidão e tranquilidade pelas estradas da vida. “Porque nós estamos em suas mãos, nós e nossos discursos, toda nossa inteligência e nossa habilidade” (Sb: 7, 16).

Ao meu eterno professor, Dr. Rogério Bessa Fontenele, fonte de inspiração, mestre cauteloso com as palavras e pesquisador a quem tenho enorme admiração, como um farol iluminou caminhos e descortinou possibilidades para que eu seguisse adiante com a pesquisa junto à comunidade cigana do Bairro Sumaré.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, ser humano tranquilo, complacente e de referência acadêmica. Ensinou-me que o conhecimento também nos traz simplicidade. A leveza em respeitar o meu ritmo, me fez crescer como pessoa e como profissional. Sou grata acreditar no meu compromisso!

Aos professores Patrícia Holanda, Geny Lustosa, Almir Leal e Fátima Leitão, mestres que me posicionaram a buscar o conhecimento e contribuíram de forma exitosa com reflexões e observações no tocante à materialização da pesquisa. Dentre estes enalteço Profa. Juraci Cavalcante Maia, pessoa que de forma simples e profunda, em face aos tempos que os adornos se sobrepõem ao essencial, foi capaz de materializar a ação generosa do cuidar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, por me possibilitar um espaço de achados valiosos, jamais esquecidos.

Aos colaboradores da UFC, Geísa, Adalgisa, Serginho e Ariadina, que sempre me atendem com um sorriso no rosto. Sou grata pela atenção e pela presteza no atendimento.

À Linha de Pesquisa de História da Educação Comparada – LHEC, a qual sou integrante, que como facho de luz iluminou caminhos e me posicionou a pensar na educação de forma transdisciplinar, sou grata pela recepção, pelo acolhimento e pela aprendizagem.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação – UFC, em especial os professores Luiz Botelho, Kelma Matos, Eliane Dayse e Maria José, pelas contribuições e pelas importantes reflexões acerca da pesquisa.

Ao professor Edvar Costa, pelo olhar atento e pela escuta sensível que me fizeram pensar de forma reflexiva sobre a pesquisa.

Aos amigos e integrantes do grupo de pesquisa LHEC – UFC, com vocês foi possível realizar sonhos e dividir conhecimentos. Sou lhes grata pela companhia, pelo acolhimento e pelo brilho de cada olhar!

À comunidade cigana do Bairro Sumaré em Sobral, pela forma como me acolheram e se dispuseram a ajudar-me na realização desta pesquisa, ensinando-me mais que eu pudesse imaginar.

Meu especial agradecimento aos ciganos Vademar (in memoriam), Benoar, Batista, Osório, Eliete, Zezita, Dulcineide, Nazaré e Natália, que me emprestaram suas histórias e partilharam seus afetos comigo. Sou eternamente grata pelas conversas na calçada, pelos goles de café e pela confiança em mim depositada.

À querida Tatá, pessoa de grande estima e que não deixava faltar os quitutes da tarde, o meu carinho, respeito e gratidão.

À Gina, como guardiã de afeto foi aquela que me acolheu e esteve sempre pronta a ajudar, muito obrigada!

Ao Sr. Gilmar e às meninas da copa, que inúmeras vezes me serviram, sou grata pela confiança e pela credibilidade.

A minha madrinha, Tereza Maria, pessoa enviada por Deus para cuidar dos que dela precisam. Como uma mãe, me acolheu quando eu me entristecia, me fortaleceu quando me encontrava desencantada, com ela dividi minhas lágrimas e alegrias durante minhas estadias em Fortaleza, por isso sou lhe grata eternamente!

Aos amigos do Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA) e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que acompanharam de perto minhas alegrias, alívios e angústias, participando das dúvidas, das reflexões e das inspirações do conturbado e frutífero cotidiano da vida acadêmica, minha gratidão!

Ao amigo Lailson Ferreira da Silva, pessoa com quem dividi conhecimentos. Sou lhe grata pelas considerações tão pontuais.

Às amigas Maryland Bessa e Roselene Moura, amigas do coração que me auxiliaram nas horas mais inusitadas, pessoas com quem pude contar horas a fio pelo telefone na calada da noite e nas madrugadas, entre risos, gargalhadas e lágrimas, sou grata por vocês existirem em minha vida!

À amiga Luciana Moura, sempre disposta ajudar e a pensar junto comigo.

Sou lhe grata pela leitura atenta e criteriosa desta dissertação.

À amiga Ticiane Nunes, pela revisão e pelas correções textuais.

As minhas alunas responsáveis pelos primeiros contatos com os ciganos, minha gratidão e respeito pelo trabalho que juntas desenvolvemos.

Às irmãs da Comunidade Servas Pobres de Jesus Cristo, com quem aprendi a viver na partilha, na simplicidade e sobretudo na fé e na esperança em Cristo.

Àqueles que não foram citados, mas que torceram por mim e vibraram pela concretização desse momento. Meus sinceros agradecimentos!

Dessa forma, entendo a vida como um ciclo, tudo muda, tudo passa, só o amor permanece. Nesse construto de dois anos foi possível colorir o caminho e renovar a alegria de viver novos projetos, novos sonhos. Por fim, agradeço ao acaso pelos encontros inesperados e pelos valiosos achados!

“CANTO CIGANO

Canta, cigana, Canta... Deixa que o vento da
vida te carregue,
Que a brisa te abrace E que as folhas te teçam
arpejos, Nos ninhos dos pássaros.

A solidão nos faz Aprender a viver, Dentro de
nós,
Num castelo encantado.

Onde se é possível, Chorar sozinha
E rir, feliz, Para todos os passantes,
Caminhantes, Andantes de muitas terras,
De muitos sonhos, De muitas estradas.

Deixa voar, O seu sonho de paz, Porque, um
dia, você terá.

Não chore, Não chore, cigana,
Cante. Porque, mesmo sem cantar,
Você encanta. E, Mesmo chorando,
Você sorri.”

(Cecília Meireles)

RESUMO

Discutir a memória, a cultura e a tradição da comunidade cigana na cidade de Sobral é uma maneira de colocá-la em evidência nos debates acadêmicos sobre identidade. A escolha dessa temática surgiu a partir de uma experiência de pesquisa na área da interdisciplinaridade na cidade de Sobral – CE, onde desenvolveu-se um estudo com a Comunidade Cigana do Bairro Sumaré. Dessa maneira, a presente pesquisa tem como objetivo central, investigar a Comunidade Cigana do Bairro Sumaré, Sobral – CE, a fim de traçar um perfil da identidade sociocultural dos membros da comunidade investigada. A partir daí, analisou-se a memória, a cultura e a tradição cigana, em comparação a cultura não cigana. O ponto de partida para esse propósito de pesquisa foi a problemática de compreender, a partir da memória, como ocorreu o processo de fixação dos ciganos assentados na cidade de Sobral, assim como, também, compreender os estereótipos instituídos no momento da sua chegada à cidade e como esses estigmas continuam presentes na atualidade. Essa pesquisa se caracteriza, ainda, como de cunho qualitativo, visto que, a partir dos relatos de vida dos ciganos do Bairro Sumaré, constrói-se o perfil da comunidade investigada, considerando cada informação encontrada como uma peça indispensável para a compreensão desses ciganos como membros de uma comunidade. A metodologia utilizada no desenvolvimento desse trabalho foi baseada na História oral e na observação dos participantes, sendo as fontes utilizadas as entrevistas com os ciganos do Bairro Sumaré, o diário de campo e a mídia eletrônica, os quais foram analisados e contextualizados com a historiografia dos ciganos. Para a sua elaboração, esse estudo apoiou-se no arcabouço teórico de autores como Chartier (2002), Pesavento (2005), Paul Ricoeur (2007), Paul Thompson (1992), Verena Alberti (2005), Bosi (1994) dentre outros. A partir da realização da pesquisa, compreendeu-se que os ciganos do Bairro Sumaré, embora historicamente tenham sido esquecidos pela historiografia local, são sujeitos participantes e produtores da história local, ou seja, da História de Sobral, pois, a partir da sua fixação na cidade, passaram a intervir no modo de vida, no comportamento, na cultura e na economia local.

Palavras-Chave: Ciganos. Cultura. História Oral. Memória. Tradição.

ABSTRACT

The present work aims to discuss the history, tradition and the culture of the Roma community in Sobral city, from the perspective of the comparative history. It is a way to put it in evidence in academic debates about identity. The choice of this theme came from my experience as a researcher in the field of interdisciplinarity in the city of Sobral-CE, where we developed a research with the Roma community in the neighborhood of Sumaré. Thereby, the present research has the core objective, to investigate the Roma community in the neighborhood of Sumaré, in Sobral city in order to trace a sociocultural profile of the members of the community investigated. Based on this information, it was analyzed the tradition, culture and education, to the detriment of non-Roma culture. This research is inserted in the line of history of comparative education and is characterized as qualitative approach. The research methodology used in the development of this work was the research with the oral history and the observation of participants, being the data sources obtained from the interviews with the Roma community members in the neighborhood of Sumaré, the field diary and electronic media, which were analyzed and contextualized with the historiography of the Roma community. This study is based on the theoretical framework of authors like Chartier (2002) Pesavento (2005), Paul Ricoeur (2007), Paul Thompson (1992), Verena Alberti (2005), Bosi (1994) among others. From this research, it was realized that the Roma community members in the neighborhood of Sumaré, although historically have been forgotten from the local historiography, are participants and producers of the local history, which was, the History of Sobral, because from their settlement in the city, they started to intervene in lifestyles, behavior, culture and local economy.

Keywords: Roma Community. Culture. Oral History. Tradition.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O IMAGINÁRIO: A CONSTRUÇÃO DE UM TEMA	16
2.1	Um breve contexto histórico: os ciganos e suas relações internacionais	18
2.2	Os ciganos no olhar dos historiadores e viajantes	20
2.3	História cultural: narrativas e representações sociais dos ciganos	23
2.4	Ciganos: direitos humanos, equidade, cidadania e inclusão	25
2.5	Educação cigana: os processos educativos e o papel da escola	28
2.6	Aproximação com o tema: os primeiros contatos com os ciganos	32
2.7	Sobral e os ciganos: contextualizando a pesquisa	39
3	DESVENDANDO A TRAMA POLÍTICA DA CIDADE DE SOBRAL: OS CIGANOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES COM A POLÍTICA LOCAL	43
3.1	A vida dos ciganos na cidade Sobral: do imaginário a realidade	48
3.2	A oportunidade do encontro: por uma escuta sensível	50
3.3	O lócus da pesquisa: o bairro sumaré	53
3.4	A memória revisitada: os ciganos e a ocupação no Bairro Sumaré	55
3.5	Os ciganos do Bairro Sumaré: história, memória e trajetórias de vida	56
4	AS FONTES ORAIS: AS MARCAS DA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA .	61
4.1	Entrevistas com os ciganos: revisitando a memória dos ciganos no Bairro Sumaré	63
4.2	A fala do Sr. Benoar e as marcas da educação cigana	64
4.3	Cultura e tradição dos ciganos do Bairro Sumaré: entre a permanência e a rupture	73
4.4	Entre o presente e o passado: os ciganos do Bairro Sumaré em tempos de modernidade	75
4.5	Os depoimentos do cigano Batista	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	86
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ...	93
	ANEXO B – CARTA DE DONA ANA	95

1 INTRODUÇÃO

Considerarei¹ neste instante cabível a sensibilidade de Gabriel Garcia Márquez, quando em suas teias literárias nos remete que “a vida de uma pessoa não é o que lhe acontece, mas aquilo que lhe recorda e a maneira como o recorda”. Dessa maneira inicio minhas primeiras incursões com esta pesquisa, recordando-me quando cursava Letras em 1988 na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), quando o Professor Rogério Bessa Fonteneles relatava sobre a presença dos ciganos em Sobral e comentava de forma exitosa que esses povos detinham uma memória rica de saberes, por isso eram esses povos que interessavam às pesquisas acadêmicas. Sem entender muito sobre o assunto, apenas ouvia falar o contrário, o tempo correu por outros caminhos e outras afinidades surgiram.

Este trabalho é guiado por lembranças, interlocuções, aproximações e vivências, as linhas que seguem expressam um afeto que tomou conta de minha trajetória nos últimos anos e que, certamente, não cessará após o processo de conclusão desta dissertação. No entanto, difundir pesquisas com os ciganos, nos permite, de modo patente, vislumbrar a diversidade sociocultural brasileira e ao mesmo tempo contribuir para a superação do preconceito e dos estigmas sofridos por esses povos. Logo, é oportuno salientar que precisamos dar visibilidade a esses povos que possuem vasta riqueza cultural e não podem ser negados, uma vez que estão no nosso meio e fazem parte de uma sociedade que comporta os mais diversos saberes que nela existem, reconhecendo que a diversidade cultural é inerente a tudo que é humano.

O desejo de investigar os ciganos nasceu em minha trajetória enquanto estudante e profissional, tive a oportunidade de conviver com a comunidade cigana do Bairro Sumaré e desenvolver o projeto intitulado *A Diversidade Cultural na Cidade de Sobral-CE*. O referido projeto me possibilitou um melhor conhecimento acerca dos aspectos sociais e culturais da cidade de Sobral-CE, ao mesmo tempo que mantive uma aproximação com os ciganos. Como simples observadora e sempre atenta às dimensões socioculturais dos ciganos e às suas relações com os sobralenses, descobri outra forma de entender a cidade de Sobral a partir dos depoimentos narrados pelos ciganos.

Acreditamos que a originalidade do nosso trabalho decorre do fato de elegermos um campo no qual a história linear deixou lacunas, por isso recorreremos às memórias dos ciganos, afinal, são povos ágrafos e possuidores de uma cultura rica e diversificada. Embora sejam reconhecidos como povos resistentes, contribuíram com a cultura, com política e,

¹ As incursões em 1ª pessoa do singular no texto referem-se à voz da pesquisadora em campo.

sobretudo, com a economia local. Entretanto, adentramos na seara das lembranças dos ciganos por intermédio da oralidade, por essa razão, a História entra como fonte auxiliar desta pesquisa.

Dessa forma, esta dissertação busca, como objetivo central, investigar a comunidade cigana do Bairro Sumaré, Sobral-CE, a fim de traçar um perfil da identidade sociocultural dos membros da comunidade investigada e, por conseguinte, analisar a tradição, a cultura e a educação cigana, em comparação a cultura não cigana. Diante do exposto, o que queremos com esta pesquisa é mostrar os ciganos como protagonistas do processo de formação cultural e identitária brasileira e, assim, amenizar os estereótipos e os estigmas que foram delineando suas histórias de vida. Logo, entender os ciganos a partir dos seus comportamentos e modos de vida é entender o homem enquanto um ser cultural, político e histórico.

Os ciganos, ao se instalaram na cidade, viviam da troca e da venda de animais, além de manter contatos com os coronéis políticos locais. É certo que esses foram fatores que possibilitaram a fixação do grupo na cidade de Sobral. Os homens trabalhavam com o comércio ambulante, as mulheres faziam a leitura das mãos, jogavam búzios e cartas prevendo o futuro das pessoas, as famílias viajam em busca de melhores condições de vida e a cidade era um ponto de apoio para abastecer o gado e para comprar alimentos. É partindo dessas práticas sociais, dos modos de vida cigana e de suas relações com os não ciganos que buscamos analisar a tradição e a cultura cigana.

Ressaltamos que os ciganos nos possibilitam desvendar liames imprescindíveis no campo do saber de feito cultural por se tratar de um grupo social, esculpido por meio de uma pluralidade cultural advinda de tradições formadas em outros territórios e em vivências sociais. Entretanto, mais que olhar para trás, é uma tarefa exigente a atividade de reconstrução no campo educativo, em especial, quando se busca desenvolver estudos com as comunidades ciganas, as quais ora se encontram em risco de apagamento. Desta feita, entender o outro como parte de nós constitui uma relação de integração e de sociabilidade a partir das diferenças, pois são esses povos que se encontram esquecidos pela sociedade, de vozes silenciadas que interessam para o nosso campo investigativo.

Face aos dilemas, aos desafios e às transformações do processo histórico, político e cultural que versam a atual conjuntura governamental brasileira, observamos a concretização e a aplicação de políticas afirmativas reivindicadas por minorias sociais. Com a *1ª Conferência*

*Nacional de Promoção da Igualdade Racial*², que propõe eliminar expressões que apresentem a etnia cigana de maneira difamatória, a fim de prevenir discriminações, fica evidente que a discriminação e o preconceito não afetam somente os ciganos, mas igualmente os negros, os índios e outros grupos de diferentes nacionalidades.

Não obstante, a Constituição de 1988 trouxe avanços para os grupos étnicos, nesse contexto os ciganos têm assumido um posto de reconhecimento e de valorização da identidade cigana por parte das políticas públicas e dos programas nacionais de direitos humanos. Um marco histórico que contribuiu para o fortalecimento dos direitos e da valorização da cultura cigana foi o decreto presidencial, publicado em 24 de maio de 2006, que determinou o *Dia Nacional do Cigano no Brasil*. Isso tem evidenciado, sobretudo, um reconhecimento público da importância dos povos ciganos na formação histórica e cultural do Brasil.

Nessa linha de raciocínio, entendemos a cultura como elemento indissociável das práticas educativas, portanto, reconhecer e valorizar a cultura e as tradições ciganas é entender a educação de forma mais ampla, situando-a como uma área interdisciplinar em que o conhecimento torna-se sistemático e coletivo. Diante do exposto é necessário um diálogo profícuo com os grupos sociais ciganos, embora esquecidos e excluídos da sociedade, faz-se necessário apresentar as contribuições que os mesmos tiveram na formação identitária e cultural brasileira.

Optamos em recorrer à oralidade como metodologia a ser explorada por duas razões: primeiro, pela escassez de fontes documentais e bibliográficas sobre o tema em estudo e, segundo, por ser um aspecto revelador que nos remete a um tipo de fonte valiosa, o testemunho oral, uma fonte que fala e com a qual o pesquisador dialoga e que expressa muito mais que uma simples informação, a sensibilidade de quem é entrevistado, o que propicia uma perspectiva diferente de penetrar no âmago das questões tratadas. Em síntese,

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade. (ALBERTI, 2005, p. 42).

Em estudos sobre o tema no âmbito Internacional tivemos acesso aos trabalhos de Nunes (1996), Fonseca (1996), Lopes (2008), Coelho (1995) e Casa Nova (1999), que

² A 1ª Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial ocorreu em Brasília em maio de 2005 é uma nova política no campo das políticas públicas, visando à construção de um Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial, e tem como participação os representantes da população negra, indígena, ciganos, judeus, árabes e demais grupos socialmente discriminados da sociedade brasileira. Assim, a Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, além de buscar o diálogo franco e democrático e promover a interlocução direta da sociedade civil com o Estado, tem o objetivo de fortalecer a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (BRASIL, 2005).

concentram seus estudos com os ciganos a partir de suas vivências nas comunidades ciganas na Europa, especificamente em Portugal, Espanha e França. Tais referências nos possibilitaram entender os modos de vida cigano a partir da tradição e da cultura.

Embasados nos estudos da ciganologia brasileira, tivemos acesso aos estudos de Ferrari (2005), Teixeira (2008), Goldfard (2013), Souza (2013), Moonen (2005), que concentraram seus estudos em “descrever processos de auto- categorização e de ‘eticização’ da situação dos Ciganos diante das políticas afirmativas do Estado”. Esses estudos, contudo, nem sempre se baseiam em pesquisas e mostram-se limitados teoricamente, principalmente, ao utilizarem categorias exteriores como “tradição”, “perda cultural” e “sedentarismo” para descrever as relações sociais entre os ciganos (FERRARI, 2012).

Se fizemos um levantamento acerca dos ciganos no Ceará, deparamo-nos com as contribuições de Bessa (1988) e de Silva (2015), já que, mesmo realizados em contextos diferentes, encontramos pontos comuns sobre as afirmações apresentadas pelos autores que os ciganos estão miscigenados, ou seja, já existe casamento de cigano com os não ciganos, visto que compartilham os seus modos de vida em sociedade e possuem moradias fixas, no entanto, se reconhecem como ciganos.

Por meio de uma memória coletiva, os laços com o passado se interligam com o presente na tentativa de explicar a sua existência no mundo. Assim, é possível perceber como a identidade cigana se constitui a partir da memória coletiva e do compartilhamento de um passado em comum. A memória é onde cresce a história que, por sua vez, alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Contudo, o traço definidor das marcas identitárias do ser cigano estão no interior do grupo e se definem a partir dos costumes e do modo de vida que cada grupo carrega a partir das marcas culturais vivenciadas, ou seja, pela forma de ser e de viver o homem se define.

Ao intitular a referida dissertação, *Memória, Cultura e Tradição: trajetória histórica dos ciganos em Sobral (1974-2000)*, não queremos aqui apenas apresentar os ciganos como um grupo sociocultural, mas mostrar as contribuições que os mesmos trouxeram para a formação cultural e identitária brasileira e suas contribuições para a cidade de Sobral.

Por fim, esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *O imaginário: a construção de um tema*, realizamos a apresentação dos povos ciganos partindo da Europa até a sua chegada ao Brasil e ao Ceará, pois acreditamos ser relevante a apresentação do contexto histórico dos povos ciganos pelo mundo para, a partir

daí, compreendermos as continuidades e as rupturas culturais existentes entre os primeiros grupos ciganos e os ciganos da Comunidade do Sumaré.

No Segundo capítulo intitulado *Desvendando a trama política da cidade de sobral: os ciganos e suas contribuições com a política local*. Este capítulo tem como objetivo abordar as práticas políticas que compuseram o contexto histórico da cidade de Sobral para, a partir disso, apresentar os ciganos como protagonistas dessa história. Portanto iremos discutir a cultura e a tradição cigana, partindo das suas práticas e história, para isso optamos por analisar a mulher cigana e a sua função social na comunidade cigana e realizamos, ainda, uma discussão sobre os direitos humanos e a constituição de 1988 sobre os direitos e deveres dos ciganos como cidadãos brasileiros. *A oportunidade do encontro: por uma escuta sensível*, realizamos uma discussão histórica sobre a cidade de Sobral analisando a cidade e seu contexto político, social e econômico na década de 1970, momento da chegada dos ciganos na cidade. A partir da apresentação da cidade podemos compreender as relações que serão constituídas entre ciganos e não ciganos, assim como o imaginário que se constitui na cidade de Sobral sobre os ciganos e suas práticas culturais.

E no que se refere ao terceiro capítulo, intitulado *As fontes orais: as marcas da reconstrução histórica*, realizamos uma discussão historiográfica acerca da memória e da história oral as quais por nós são utilizadas como arcabouço teórico e metodológico para analisarmos e discutir as narrativas dos ciganos da Comunidade do Sumaré. As narrativas dos depoentes são apresentadas de forma dialógica, porque as memórias são tratadas de forma sensível, pois as mesmas tratam dos sentimentos e dos ressentimentos que o ato de rememorar provoca nos narradores. Salientamos que as memórias por nós analisadas versam sobre diversas temáticas, especialmente, como a tradição, a cultura, a educação e o choque cultural que permearam o processo de fixação dos ciganos na cidade de Sobral.

Enfim, a presente dissertação se revela como uma possibilidade de discussão e de análise da cultura e da tradição cigana e sua contribuição para o processo de formação identitária do Brasil. Destacamos, ainda, que esse estudo contribui de forma significativa para a difusão da cultura e da tradição cigana na cidade de Sobral, afinal, o grupo cigano por nós estudado tem suas memórias e história entrelaçados com o crescimento e o desenvolvimento da cultura, da economia e da política da cidade de Sobral.

2 O IMAGINÁRIO: A CONSTRUÇÃO DE UM TEMA

Sabemos que o sonho é a força motriz que rege a humanidade e foi essa força que nos fez caminhar em busca do que acreditamos enquanto ser humano. Um antigo dito popular diz: “a esperança é a última que morre”. O tempo não perdoa! Com o corpo marcado pela memória, os ciganos moldam o mundo a sua volta com seus adereços e vestimentas, inscrevem suas histórias por meio da esperança que é representada pela memória que funciona como um filme num presente contínuo. Por meio de expressões e de valores culturais distintos, as comunidades ciganas usam o mito e o simbolismo espelhados nos ensinamentos dos seus ancestrais.

Tomamos como referência a obra magistral de Thomas Bulfinch (2002), *O livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis*, que retrata a saga dos deuses e dos heróis da mitologia grega, dentre essas histórias reza a lenda, *A caixa de Pandora*, que uma linda mulher enviada por Júpiter à Terra é oferecida a Epimeteu que de bom grado aceitou, embora advertido pelo irmão, para ter cuidado com Júpiter e seus presentes, Epimeteu tinha em sua casa uma caixa que guardava artigos malignos. Certo dia, Pandora tomada por intensa curiosidade de saber o que continha àquela caixa, destampou-a para olhar. Assim, escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas, misérias, inveja, ódio, despeito e vingança que atingiram a humanidade. Pandora apressou-se em colocar a tampa na caixa, mas, infelizmente, escapara todo o conteúdo da mesma, com exceção de uma única coisa, que ficara no fundo, a esperança³.

Foi exatamente nas leituras dos mitos, das histórias e das epopeias que saímos do imaginário e adentramos no mundo enfrentado pelas comunidades ciganas, do oriente ao ocidente, nas irremediáveis perseguições enfrentadas pelos ciganos, encontramos o fio condutor de luta, de resistência e de esperança. Compreendemos que, independente de onde estejam, a saga continua, no entanto, encontramos no nosso caminhar a mesma esperança que restou no interior da caixa de pandora. Os ciganos mesmo ao se depararem com tantas mazelas ainda conseguem avistar a esperança que a vida lhe apresenta.

No início, estudar a comunidade cigana parecia simples, porém o começo dessa caminhada não foi tão simples assim. Pareceu-nos, de fato, que naquele momento estávamos

³ Pandora foi mandada por Júpiter com boa intenção, a fim de agradar ao homem. O rei dos deuses entregou-lhe, como presente de casamento, uma caixa, em que cada deus colocara um bem. Pandora abriu a caixa, inadvertidamente, todos os bens escaparam, exceto a esperança. Essa versão é, sem dúvida, mais aceitável que a primeira. Realmente, como poderia a esperança, joia tão preciosa, ter sido misturada a toda a sorte de males, como na primeira versão? (BULFINCH, 2002, p. 22).

abrindo a “Caixa de Pandora” da nossa pesquisa, pois, à medida que discutíamos o tema, nos embrenhávamos em um novelo de questões difíceis de ser expostas. A partir daí, compreendemos que a comunidade cigana do Bairro Sumaré guarda em suas sagas os rastros de dramas vividos e de perseguições ao longo de suas vidas cujo único caminho é a peleja do continuar a viver, como afirma Cecília Meireles (1963, p. 25) “o meu povo não quer ir e nem vir o / Meu povo quer passar”.

Uma reveladora proposta de análise histórica nos é apresentada, a carência de trabalhos publicados muitas vezes justificada com um repetido argumento da escassez de documentação. Entretanto, havia algo mais forte que nos conduzia a estudar a temática em questão, o que não resultou apenas de uma decisão imediata, ancorada na conveniência de atender um prazo estabelecido e na oportunidade que nos foi oferecida de realizar uma pesquisa num período de 24 meses, além de outras razões pessoais. O interesse contínuo em elaborar uma análise sobre os ciganos sempre nos acompanhou ao longo dos anos, especialmente quando ingressamos na universidade, além das lembranças dos tempos de infância, pois, desde essa terna idade, víamos e ouvíamos as histórias remotas acerca dos ciganos.

Contudo, podemos dizer, por um lado, que os ciganos são comunidades “vivas” compostas por grupos e por indivíduos com histórias e posicionamentos diferentes uns dos outros e, por outro, capazes de incorporar novas dimensões e comportamentos sociais, econômicos e culturais, assim, acreditamos que são comunidades heterogêneas que não podem ser consideradas como espelho para todas as outras. Partindo do histórico acima, torna-se difícil percebermos se o tema foi escolhido ou se ele nos escolheu. Afinal, escolher implica envolvimento entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, sendo a escolha o resultado de um processo por diversas vezes suplantado pelo desejo de compartilhar os caminhos atravessados e construídos entre o pesquisador e o seu objeto de estudo. Enfim, a partir dessa interseção objeto de estudo e investigador, nasceu essa dissertação, intitulada *Memória, cultura e tradição: trajetória histórica dos ciganos em Sobral (1974-2000)*.

Cientes da importância da contextualização na pesquisa histórica, é conveniente investigar e apresentar as origens dos povos ciganos para adentrarmos no estudo da comunidade cigana do Bairro Sumaré em Sobral. Partindo dessa perspectiva, apresentamos de modo indiciatório as origens dos ciganos na Europa. Segundo Fonseca (1996), o traçado de migração cigana pode ser comparado a uma espinha de peixe espalhada pela Europa, pois é onde se concentra a maior parte da população cigana.

Em toda a Europa foram adotadas as políticas anti-ciganos, a pior delas foi praticada na Alemanha que culminou no Holocausto cigano, quando foram perseguidos e exterminados nos campos nazistas. Durante a Idade Média, há notícias de preconceito contra esses povos, alguns motivos seriam porque eles praticavam furtos ou, simplesmente, por ser ciganos, possuidores de uma cultura única e ameaçada de extinção, sempre cultivaram os estereótipos com que eram estigmatizados nos países por onde se instalavam.

2.1 Um breve contexto histórico: os ciganos e suas relações internacionais

A própria história do Estado-Nação, na Europa e em Portugal, remete-nos para uma história de “unidade” e de “uniformidade” que nos revela a imagem dos ciganos como o outro, o “diferente”. Convém ressaltar que a legitimidade presumida pelo olhar europeu acerca dos ciganos se constituiu a partir do contexto sócio-histórico da colonização portuguesa no Brasil, perseguidos ou não, o fato é que, por volta do século XVII, os ciganos já haviam se espalhado por todos os países da Europa, de onde partiram para as Américas e para a África.

Os ciganos que vieram para o Brasil estão divididos em três grupos, os primeiros foram os *Calons*, esses povoaram Espanha e Portugal e depois se espalharam na América do Sul chegaram como degredados e trouxeram as primeiras profissões – latoeiro, ferreiro, armeiro, mensageiro –, dessa forma, também colaboraram para o desenvolvimento da cultura brasileira, com a música e com a dança flamenca. Os membros desse grupo ainda vivem à margem da sociedade, pois vivem em acampamentos e precisam de políticas públicas para ter acesso a cidadania. Os *Rom* são predominantes da Romênia e se espalharam pela Alemanha, falam o *romani* (considerada a língua cigana), e estão subdivididos em *Kalderash*, *Matchuaia*, *Curcira*, *Lovraia* chegaram como imigrantes refugiados de guerra. E, por último os *Sinti*, chamados de *Manouch*, são mais numerosos na Itália, no sul da França e na Alemanha. Falam a língua *sintó*, que é considerada como uma variação do *romani* (TEIXEIRA, 2011).

A atual definição da Organização das Nações Unidas (ONU) coloca o termo “cigano” para se referir a grupos heterogêneos, que vivem em diferentes países e sob diversas condições sociais, econômicas e culturais, mas unidos por raízes históricas e linguísticas comuns, além do modo de vida distinto da sociedade padronizada pela indústria cultural. Neste sentido, é importante compreender o conceito de civilidade. Conforme Elias (1994), a “civilização” expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo, a noção de civilidade traz, portanto, a ideia de julgar-se superior às sociedades mais antigas, bem como julgar as sociedades contemporâneas diferentes, como portadora de “traços primitivos”.

Para Levi-Strauss (1983), as comunidades fechadas, tradicionais ou frias são aquelas baseadas em costumes, tabus e rituais que determinam os modelos de conduta a seguir. Assim, reconhecemos os ciganos como grupos sociais que fazem parte das comunidades fechadas e habitualmente se opõem às sociedades contemporâneas. Com base nos estudos de Nunes (1996), as comunidades ciganas sentem-se ameaçadas pelo ostracismo a que foram votados ao longo da história. E, por essa razão, consideram a sociedade não cigana hostil, opondo-se a ela por um processo de aculturação, ou seja, perda ou transformação dos traços culturais originários.

A priori, cabe sublinhar que os ciganos possuem formas próprias de organização social e uma cultura rica em costumes e em crenças, sustentadas no tripé: cultura, identidade e territorialidade. Assim, quando ocupam um território, usam os recursos naturais para sua reprodução social, cultural e econômica; para tanto, utilizam-se de inovações e de práticas geradas e transmitidas pela tradição de geração para geração. (decreto nº 6.040, 2007) (BRASIL, 2007).

Nos estudos de Coelho (1892), os ciganos afirmam ser do Egito, passando a ser reconhecidos como *Gitanos* na Espanha, pelos ingleses eram chamados de *Gypsies* e pelos gregos modernos de *Gyftoi*, mas é possível que alguns se considerem de origem grega ou mesmo oriental. Em estudo sobre o tema, Souza (2013) reconhece os ciganos como populações nômades que têm, em comum, a origem indiana e uma língua (o romani) originária do noroeste do subcontinente indiano. Para a pesquisadora, essas populações constituem minorias étnicas em inúmeros países do mundo e recebem diversos nomes.

O certo é que em suas andanças influenciaram com seus hábitos de vida livre, atuavam como comerciantes e tinham seus estilos próprios de se vestir, com suas indumentárias passaram a ser reconhecidos. Contudo, a integração dos ciganos com os não ciganos alcançou visibilidade a partir das suas práticas culturais e profissionais, o que não impediu que se distinguissem etnicamente dos brasileiros.

Portanto, os ciganos se integraram também à sociedade brasileira, o contato com os estrangeiros e a sociedade agrária e escravocrata do Brasil Rural no início do século XIX, se difundia numa mistura de raças alterando as relações sociais e culturais do povo brasileiro e, assim, possibilitando novas formas de viver, sendo descritos como comerciantes nômades, onde atuaram também no interior de Minas Gerais; negociantes no mercado de escravos africanos do Rio de Janeiro; oficiais de justiça (meirinhos) no judiciário carioca; vendedores urbanos e cartomantes.

Em pesquisa sobre o tema, pudemos descobrir que muitos desses ciganos que chegaram ao Brasil vieram banidos para cumprir pena nas colônias portuguesas. No Brasil, o aparecimento dos povos ciganos se remonta desde o período Colonial, Mello Moraes Filho (1981) desenvolveu um trabalho pioneiro acerca dos ciganos no Brasil. O autor nos fala que os ciganos que chegaram ao Brasil eram vendedores de escravos e de cavalos, trabalhavam com os metais, ferros e ouro, e as mulheres liam a sina e faziam magias. Em função do estilo de vida nômade, o grupo dos *Calons* foram os primeiros a desembarcar no Brasil, inicialmente mantinham suas famílias através do comércio de compra e venda de animais. Aos poucos, esta forma de sustento foi sendo substituída pelo comércio de outros bens, como automóveis, terrenos, casas, corretagem e empréstimo de dinheiro a juros.

Segundo Bessa (2004), os ciganos de Sobral são *Calons* descendentes da Bahia, o autor nos revela que as expressões linguísticas e as atividades exercidas pelo grupo são fatores preponderantes para tal definição. A comunidade cigana em Sobral se preocupa com a não preservação do dialeto, uma vez que só os mais velhos ainda o usam como uma forma de defesa ou comunicação restrita, para eles seu dialeto é denominado *dialeto egipciano*.

Ressaltamos que a história dos ciganos se remonta de miticismo, tanto a historiografia internacional, quanto a nacional nos informa que os ciganos encontram-se espalhados pelo mundo e são povos ágrafos. Sempre trouxeram um ar misterioso, as imagens das tendas, da leitura de mãos, as vestimentas fazem parte do imaginário das pessoas sobre estes povos, eles realmente têm muitos mistérios e segredos a começar pela sua origem, esta é completamente incerta, nem mesmo os próprios ciganos conhecem, a ausência de documentos é uma lacuna nos revela a tal incerteza.

Depois de saber um pouco sobre a origem dos ciganos no contexto mundial, observemos agora como o olhar dos historiadores e dos viajantes também contribuíram para desenvolver estigmas sobre os grupos.

2.2 Os ciganos no olhar dos historiadores e viajantes

Os relatos e as observações descritas pelos historiadores e pelos viajantes foram importantes para a historiografia brasileira. Com o objetivo de conhecer outras sociedades e aliados ao desejo de conhecer as terras tropicais, os viajantes registraram e descreveram os povos encontrados, informando suas peculiaridades de vida.

Os relatos são aqui pensados enquanto saberes que envolvem o imaginário e o simbólico. Por essa razão, correspondem a determinados interesses e estratégias. Nessa

circularidade de informações é oportuno visibilizar os ciganos enquanto sujeitos que contribuíram para o processo de formação cultural e identitária brasileira.

Parafrazeando Mia Couto (2006), não podemos fazer um divisor de águas entre o social e o histórico, para que seja possível realizar pesquisas com os ciganos é necessário abrir-se ao outro e ao conhecimento. É preciso um olhar de dentro para fora, o que exige do pesquisador ser um eterno viajante do tempo. É nessa viagem que a fronteira do olhar e da escuta se entrecruzam, possibilitando filtrar as narrativas da história de um povo.

Muitos foram os viajantes que passaram pelo Brasil desde o período colonial. Cabe destacar que no início do século XIX, o Brasil foi porta de entrada para muitos estrangeiros, o que possibilitou uma aproximação com a Europa. Os viajantes que adentraram o país eram pessoas de classes sociais distintas, de formação intelectual variada que se empenhavam no intuito de revelar os aspectos sociais e políticos do Brasil. Por meio de crônicas, diários, memórias e relatos de viagem, os viajantes desenhavam o cenário histórico e cultural do povo brasileiro, apresentando os ciganos como parte integrante da sociedade brasileira.

Os estudos com os povos ciganos envolvem uma historiografia internacional e nacional, as trajetórias itinerantes desses povos deixaram sinais inconfundíveis em todas as esferas das estruturas sociais, haja vista, que se encontram espalhados em todo o mundo, adaptando-se aos elementos culturais instituídos ou gerados em cada sociedade. Os ciganos são mencionados por autores que tiveram um papel importante na construção da narrativa nacional brasileira, como Gilberto Freyre (1936), Arthur Ramos (1947) e Luís Câmara Cascudo (1967, 1981). Já autores como Auguste de Saint-Hilaire (1816-22), Henry Koster (1816), Maria Graham (1823) e Jean-Baptiste Debret (1834) descreveram ciganos *calons* e *roma* no Brasil.

Maria Graham, em seu *Diário de uma viagem ao Brasil*, apresenta um retrato peculiar de uma sociedade iletrada e pouco refinada em seus hábitos e costumes, apresentando os ciganos como compradores e vendedores de escravos. Os ciganos aparecem também nos diários e nos relatos de viagens de historiadores, a partir das narrativas produzidas lá fora, que influenciaram de modo significativo na formação identitária e cultural brasileira.

É natural que as viagens, enquanto rota e caminho a ser trilhado pelos viajantes, tivessem provocado no imaginário dos homens, das mulheres, dos leigos e dos clérigos reações e sentimentos frequentemente contraditórios. Neste sentido, o olhar de um viajante não é neutro, vem carregado de experiências vividas, conhecimentos científicos e registros sensíveis.

Dessa forma, nos lembra Debret quando chegara ao Rio de Janeiro em 1816. O historiador captou e compôs cenas que permitem retratar as imagens da cidade comparadas a um mosaico étnico dividido nas mais diversas fisionomias, cores e adereços, representando as diversas nações. Isso implica no reconhecimento cultural e identitário dos mais diferentes grupos sociais, no entanto, é possível percebermos que o olhar atento carregado de sensibilidade do autor retrata imagens que falam por si até hoje, revelando o Brasil no início do Séc. XIX.

É interessante notar que as mais importantes contribuições dos ciganos para o Brasil foram negligenciadas por historiadores que integraram a expansão colonial brasileira. Embora não fossem reconhecidos como verdadeiros artistas circenses e excelentes comerciantes, os ciganos foram a solda que uniu as três peças de fundição da mestiçagem atual do Brasil, como afirma Mello Morais Filho (1981) em seus estudos sobre os Ciganos no Brasil.

As contribuições de Gilberto Freyre sobre a formação do povo brasileiro durante a época colonial apontam que o Brasil foi um verdadeiro caldeirão de mistura racial. Para o autor, a história do Brasil colônia é um construto social de miscigenação, tendo em vista a diversidade populacional brasileira, decorrente de uma história de escravidão e de migrações providas de todo o mundo.

Com o degredo colonial, a Coroa Portuguesa escolheu Ceará e Maranhão para serem os primeiros destinos dos ciganos degredados, pois existia o interesse na ocupação deles em áreas sem forte atividade de mineração e de agricultura e longe dos principais portos da colônia (do Rio de Janeiro a Salvador). Dessa maneira, ajudariam a ocupar extensas áreas dos sertões nordestinos, já ocupadas por populações indígenas (PIERONI, 2000; TEIXEIRA, 1998). No início do século XVIII, aparecem registros de ciganos em Salvador, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Atualmente, no século XXI, existem registros da presença de ciganos em todos os lugares do Brasil.

Historicamente, a chegada dos ciganos ao Ceará foi por volta do ano de 1932. De acordo com os relatos dos participantes da pesquisa, cerca de 500 ciganos foram se distribuindo entre Piauí e Pernambuco. No Ceará, especificamente embasado nos estudos de Bessa (1999), os primeiros vestígios do grupo cigano em Sobral marcam o ano de 1936, iniciando assim o processo de sedentarização na região na década de 1970. Atualmente, ainda segundo os participantes da pesquisa, vivem na cidade de Sobral-CE aproximadamente 150 Ciganos, entre crianças e adultos, que se concentram no Bairro de Sumaré, já existindo a

miscigenação entre famílias, que é a união entre outras pessoas da comunidade que não são ciganos.

À luz dos relatos dos viajantes e dos historiadores, não descartamos que as representações sociais e as mais variadas expressões dirigidas aos ciganos de forma inexpressiva e excludente da sociedade, legitimam o desconhecimento da formação histórica e cultural brasileira por parte dos não ciganos. É partindo desse pressuposto que a pesquisa com as comunidades ciganas exige do historiador um olhar plural, multidisciplinar e intercultural.

É oportuno ressaltar que para conhecer uma comunidade ou grupo social não é necessário buscar algo que ficou preso no passado, mas tomar posse das diferenças e das fronteiras entre o “eu” e o “outro”, bem como situá-los no tempo e no espaço e pensar na cultura como algo categórico que de forma autêntica define os indivíduos a partir dos contextos regionais, locais e específicos. Assim sendo, conceber o caminho de inserção dos ciganos no processo de formação cultural de um povo é ter em mente essa perspectiva de debate.

Ao observar o olhar lançado pelos historiadores e pelos viajantes sobre os ciganos, conheceremos a história cultural desse povo a partir de suas narrativas e representações sociais.

2.3 História cultural: narrativas e representações sociais dos ciganos

Na esteira de Pesavento, a História Cultural não se trata de fazer uma História do Pensamento ou, ainda, pensar uma História da Cultura nos velhos moldes. Trata-se de estudar a cultura como uma forma de expressão e de tradução da realidade que se faz de forma simbólica, onde as ações dos atores sociais se apresentam de forma cifrada (PESAVENTO, 2005). Destarte, entendemos que estudar a cultura cigana é conhecer a partir das representações sociais e dos espaços ocupados por eles seus costumes, crenças e tradições.

Ao estudar os ciganos, uma via de possibilidades e de interpretações nos evoca quando lembramos das imagens deixadas no imaginário social e nos deparamos com a complexidade cultural cigana. Guiados pelo pensamento de Sandra Jatahy Pesavento (2005), um novo olhar acerca dos povos ciganos nos envolve quando nos colocamos a pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

Historicamente, a cultura cigana faz parte de um universo complexo, rico e dinâmico. O amor à natureza, à sabedoria de viver e à liberdade são representados no

cotidiano dos ciganos, além da diversidade de cores, adereços, música, dança crenças e tradições que compõem esse mosaico cultural. Para Laraia (1999), o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são explicados pela história cultural de cada grupo. Assim, entendemos o fato de que indivíduos de culturas diferentes como os ciganos são identificados por suas características culturais.

Roque de Barros Laraia (1999) aponta como a cultura influencia o comportamento social e diversifica o homem. Para ele, a nossa herança cultural é desenvolvida por meio de diferentes gerações e sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos “padrões” aceitos pela maioria da comunidade. Por isso, discriminamos o comportamento de pessoas “diferentes” de nós.

Acreditando, como Marx Weber (1945 *apud* GEERTZ, 2003, p. 10), que “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu”. Geertz (2003) ressalta que a cultura é formada por construções simbólicas compartilhadas, ou seja, uma “teia de significados” amarrados na coletividade. Desta feita, entendemos a cultura como uma elaboração coletiva proveniente de partilha e troca de saberes entre os indivíduos que compõem uma sociedade.

Vivemos numa sociedade caracterizada pela necessidade de nos relacionarmos num contexto cada vez mais multicultural e heterogêneo. Por um lado, a pressão homogeneizadora e, por outro, a incerteza sobre a própria identidade. É na convivência com o outro que o ser humano se insere nas mais diversas esferas sociais, levando consigo a cultura do seu povo, o que significa que, quanto mais conhecemos a nós mesmos, tanto mais estamos habilitados a compreender o outro (RICOUER, 2007).

Durante o trabalho de campo e na observação de participante, observamos como tendem a ser definidas as relações entre ciganos e não ciganos. Dessa maneira, é necessário frisar o que Goffman nos diz:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...]. (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Desse modo, entendemos que o processo de estigmatização não ocorre devido à existência do atributo em si, mas, pela relação incongruente entre os atributos e os estereótipos que os moradores de Sobral criaram para definir os ciganos. Por serem pessoas distintas que

possuem atributos e características discrepantes dos moradores, eram vistos como estranhos e indiferentes, passando a ser mal vistos pela sociedade.

No bairro em estudo, investigamos que as relações entre ciganos e não ciganos entram em conflito, sofrendo um processo de aculturação, ou seja, os ciganos passam a romper com a tradição e a adquirir novos costumes e hábitos cotidianos. Por outro lado, os moradores passam a conviver com outros valores e a conhecer outra cultura a partir do outro dito “diferente”.

2.4 Ciganos: direitos humanos, equidade, cidadania e inclusão

A Constituição de 1988 traz uma extraordinária abertura de tratamento para os ciganos, os quais estão abrangidos pelos artigos 215 e 216, que mandam preservar, proteger e respeitar o patrimônio cultural brasileiro. Este patrimônio é constituído pelos modos de ser, viver, se expressar e produzir de todos os segmentos que formam o processo civilizatório nacional. A partir da reformulação constitucional de 1988, embora o Brasil se reconhece como um país multicultural e pluriétnico, no entanto, os ciganos ainda continuavam na sombra de um povo sem voz e omissos dos debates das políticas públicas. Vale ressaltar que mesmo ainda sendo o único país em que um descendente de cigano chegou à presidência da república, Juscelino Kubitschek (1956-60) (MOONEN, 2000), somente após 500 anos de colonização, as constituições federais passaram a reconhecer os ciganos como parte integrante da nação brasileira.

Podemos dizer que à época do Brasil Colônia não vigorava o pressuposto da igualdade entre as pessoas, sendo o empreendimento colonial constituído na relação desigual senhor-escravo. Dessa forma as noções de igualdade, liberdade e fraternidade, lemas da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão 1789, sequer haviam sido formuladas como direitos de todos.

Para entender a trajetória brasileira e a construção dos direitos civis, sociais e políticos é preciso se reportar ao Brasil Colônia, mantido como colônia de Portugal onde integrou na sua organização social, e, portanto, no campo dos direitos, traços marcantes da relação de dependência com o império Lusitano (CRUZ; GUARESCHI, 2014). As autoras nos lembram que o sistema produtivo estabelecido com a Coroa era fundamentalmente agrícola e baseado no trabalho escravo, incidindo diretamente no campo dos direitos civis, uma vez que estes não eram considerados humanos mas pertencentes a um senhor.

Os direitos humanos passaram a ser reconhecidos quando negou a presença dos povos colonizados pelo mundo. Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamado pelas Nações Unidas, com o intuito de promover o respeito, a liberdade de expressão, a justiça e a paz no mundo legitima todos os povos e as nações para o pleno cumprimento desse compromisso. Para que as pessoas possam viver em liberdade é oportuno dar o direito de ir e de vir nos espaços e/ou territórios por elas ocupados, adquirindo o direito de expressão à vida. A Declaração Universal dos Direitos Humanos reconhece no Art.2 que:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ONU, 2009, p. 4).

Notamos que o conhecimento sobre os direitos de liberdade entre homens e mulheres é considerado como uma ferramenta fundamental para garantir o respeito pelos direitos de todos. Nesse sentido, promover o desenvolvimento das relações entre as nações, considerando a dignidade e o valor do ser humano possibilita o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla.

Falar de direitos humanos é lidar com um assunto cotidiano, cujas implicações atingem as mais diversas esferas sociais, dentre elas os direitos de equidade e o respeito pelos povos ciganos. Reivindicar direitos é a reação mais comum especialmente quando se sofre algum tipo de opressão, eis o motivo de surgimento dos direitos relegados à proteção da dignidade humana, qualidade moral intrínseca a todos os homens e mulheres ciganos.

De acordo com o artigo 11 da carta da transdisciplinaridade⁴, concebemos que todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas a título de Habitante da Terra, ele é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional da dupla cidadania pertencer a uma nação e à Terra – constitui um dos objetivos da pesquisa transdisciplinar. Compreendemos que a dignidade do ser humano também é de ordem cósmica e planetária, afinal, o aparecimento do ser humano na Terra é uma das etapas da história do Universo.

Vale ressaltar que os estudos com os povos ciganos exige do pesquisador uma mudança no olhar sobre o individual, o cultural e o social, direcionado para uma reflexão

⁴ A Carta da Transdisciplinaridade foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, não se reclamando a nenhuma outra autoridade a não ser a da sua obra e da sua atividade. Segundo os procedimentos serão definidos em acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, a Carta está aberta à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressivas de ordem nacional, internacional e transnacional, para aplicação dos seus artigos nas suas vidas. Desta forma, a questão da Transdisciplinaridade toca de perto o interesse dos educadores.

respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado, do Ocidente e do Oriente, buscando contribuir para a sustentabilidade e inclusão desses povos na sociedade.

O homem é um ser social que está em constante contato com a sociedade em que vive, Morin (2002) nos revela que a realidade humana é trinitária: indivíduo, sociedade e espécie, e está envolvido numa teia de significados que representam a identidade humana. Sendo assim, lembramos da comunidade cigana do Bairro Sumaré, onde emergiram diversas questões que circundam o reconhecimento da inclusão e a identidade cultural desses indivíduos, dentre elas destacamos, a questão da cidadania, afinal apesar de encontrarem-se situados e fixados, em espaços sociais globais, os mesmos não abrem mão da herança cultural que trazem nos seus hábitos, costumes, memórias dentre outros (MORIN, 2002). Portanto, ao pensarmos no indivíduo cigano hoje, surge a questão: os ciganos são indivíduos que possuem de fato seus direitos e deveres garantidos pela constituição no espaço onde se encontram fixados?

Com a IX Conferência Nacional dos Direitos Humanos e a I Conferência Nacional de Promoção de Igualdade Racial, em 2010, os avanços nos debates das políticas ciganas no Brasil valorizaram o respeito à diversidade e às iniciativas dos movimentos em prol da inclusão social dos ciganos acerca dos direitos de equidade defendidos como uma questão de direitos humanos, onde colocaram propostas viáveis para garantir os seus direitos e sua inserção na sociedade brasileira.

As propostas reivindicadas estão sustentadas nos: direitos e políticas; educação, saúde, cultura e comunicação. Dessa forma, os ciganos em busca dos seus direitos e deveres colocaram como pauta de reivindicações as seguintes questões:

[...] 3) Assegurar o uso tradicional dos trajes típicos da mulher cigana, garantindo sua entrada em todo e qualquer local público [...]

14) Garantir à educação escolar diferenciada as crianças ciganas, respeitando suas crenças, costumes e tradições [...]

21) Iniciar o projeto “Cartão Educação”, para as crianças e adolescentes sejam matriculados em, no máximo, 24 horas nas redes públicas estaduais e municipais, sempre que chegarem com suas famílias em uma nova cidade [...]

24) Assegurar o povo cigano que em filmes, novelas, seriados, documentários e outros, serão respeitados seus costumes, crenças e tradições. Assim como, eliminar em livros e materiais didáticos, expressões qual apresentem o povo cigano de uma forma negativa; Incluir o dia 24 de maio no calendário de festividade do Brasil como o Dia Nacional do Cigano, por se comemorar nesta data o dia de Santa Sara Kalí (Padroeira Universal do Povo Cigano) (BRASIL, 2007, p. 24-28).

Mesmo diante das reivindicações, os ciganos ainda permanecem numa situação de invisibilidade social, sendo possível perceber que a valorização da cultura cigana e a educação escolar diferenciada ainda são desconhecidas por parte da sociedade não cigana.

Quando se fala da diversidade dos povos e culturas, sistematicamente, se omite e silencia a existência do povo cigano. Um fato curioso nos aponta que os ciganos nunca pretenderam dominar ou impor sua cultura a outros povos e, contrariamente, sempre se caracterizaram por serem respeitosos à diversidade e pluralidade. Por serem denominados “povos nômades” facilmente tiveram acesso e contato com outras culturas, afinal o contato com outras culturas nos possibilita uma rede de conhecimentos, de práticas educativas distintas e inovadoras.

Conforme a Declaração Universal dos direitos Humanos no art 7, “Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei”. Convém destacar que embora os direitos não sejam proporcionados de igual forma para todos, é possível afirmar que um marco histórico para as relações dos ciganos com a sociedade, e o país quanto uma nação, deu-se com o decreto presidencial em 2006, instituindo o dia 24 de maio, como o dia nacional dos ciganos por se comemorar nesta data o dia de Santa Sara Kalí (Padroeira Universal do Povo Cigano).

Diante desse fato curioso, quase nada sabemos sobre esses povos seja na esfera da vida social, cultural e ou histórica. Isso nos revela o desconhecimento que temos da história política e social brasileira. Logo, essa abordagem nos possibilita estudar a história do Brasil a partir dos sujeitos que nele se encontram resgatando os papéis desempenhados pelos ciganos e seus descendentes, quanto protagonistas da história política e social brasileira para compreender a nossa própria história.

Embora a legislação na teoria dê garantia aos ciganos brasileiros, os mesmos direitos aos não ciganos, na prática muitos destes são violados. Neste sentido, incluir os ciganos na luta da igualdade por seus direitos em busca da conquista de sua cidadania é resgatar a dívida histórica do país para com o povo cigano.

2.5 Educação cigana: os processos educativos e o papel da escola

A educação é considerada e analisada como atributo individual e primordial no processo de realização dos indivíduos. No entanto, a compreensão das desigualdades educacionais deve tratar a educação não somente dessa perspectiva, mas também como um processo de aquisição que agrega as políticas educacionais para todos os grupos sociais

respeitando as diversidades culturais e etnias as quais os grupos independentes da raça, cor e sexo estejam inseridos, nesse contexto a política de inclusão educacional para as comunidades ciganas são inexistentes.

No Brasil nunca existiu uma política pró-cigana, nem leis que tratam especificamente das minorias ciganas. No entanto, na constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, existem alguns artigos que por extensão podem também ser aplicados aos povos ciganos.

No artigo 3º, evidencia-se como um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, a promoção do bem a todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

No artigo 5º, está escrito que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros, residentes no país, inviolabilidade de direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Desta maneira, observa-se na Constituição Brasileira o direito a não-discriminação, o que na maioria das vezes só fica na teoria. Ainda no artigo 5º, percebe-se o direito à livre locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens. Esse, provavelmente, é o direito mais importante para a maioria dos ciganos, o direito à livre locomoção.

Nota-se, portanto, na Constituição Brasileira, a garantia de alguns direitos que cabem também aos ciganos, porém, na prática, conforme já foi mencionado, muitos destes direitos são constantemente ignorados e violentados.

Historicamente as comunidades ciganas se organizam numa dinâmica sociocultural ampla e complexa, compartilham seus modos de vida a partir de normas e regras instituídas no berço familiar, que para eles é sua base de organização social. Contudo, os valores culturais das famílias ciganas são diferentes e se contrapõem aos valores padrões formais da comunidade não cigana que, por sua vez, são instituídos e ensinados pela escola. Perante a esse conflito de valores, os ciganos acabam por não se identificarem com a escola.

A constituição estabelece no Art. 215. Parágrafo 1º que: “o estado garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 2002, p. 45). Além disso, o Ministério da Cultura também reconhece e estimula iniciativas de cultura que atuem na preservação e proteção das Culturas Ciganas no Brasil. No entanto, quando se fala da diversidade dos povos e culturas sistematicamente se omite e silencia a existência do povo

cigano que nunca pretendeu dominar ou impor sua cultura a outros povos, e contrariamente sempre se caracterizou por ser respeitoso a diversidade e pluralidade.

O fato de viverem numa sociedade, que veicula um sistema de valores diferenciados dos que são praticados no seio da sua cultura de origem, leva os ciganos a se afirmarem como culturalmente diferentes em face de uma sociedade que os tem rejeitado das mais diversas formas, pondo em causa a sua própria existência, enquanto pessoas e enquanto grupo. Inferimos que a escola é um espaço de socialização, onde a diversidade entre culturas são evidentes, de modo nenhum, ela é neutra.

Morin (2002) nos diz que a educação do futuro deve contemplar a condição humana. Isso se dá ao reconhecermos a natureza antagônica e heterogênea dos seres humanos, como também a diversidade cultural inerente a estes. Isso significa dizer que devemos ensinar a compreensão entre as pessoas, entre todos os níveis educativos como condição de direito e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Diante dessa realidade passamos a nos questionar: qual o papel desempenhado pela escola junto às comunidades ciganas se a socialização e a participação deles no sistema político historicamente os hostilizaram e os manteve sob suspeita permanente?

Compreender a educação, como uma teia de significados que cristalizam o homem em suas relações sociais, históricas, culturais e transcendentais, nos leva a tomá-la para além da sala de aula, nos mais diversos espaços sociais. Todas essas formas de representar o mundo são práticas que envolvem o homem num processo educativo. Como diria Brandão (2007, p. 7)

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Este pensamento colabora para uma compreensão da educação além dos espaços formais, desse modo é possível ver os espaços públicos, frequentados pelos ciganos como lugar de acolhimento, receptividade e socialização, um ambiente que também dissemina práticas educativas que fogem dos padrões escolares.

Neste sentido a educação deve, portanto, adaptar-se constantemente as mudanças da sociedade, sem negligenciar as vivências e os saberes da experiência humana permitindo que cada indivíduo possa tomar consciência de si próprio e do meio social o qual está inserido. Dessa forma Delors (2012) enfatiza a necessidade do ser humano aprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver e no meio social.

Os ciganos revelam outra forma de viver e de se organizar, quebrando regras e performances dos modelos instituídos na escola, para eles, a preservação dos ensinamentos recebidos é uma forma de cultivar a educação, a cultura e a tradição da família. Por isso, são povos que constituem uma história de beleza, magia, encanto, arte, música e, ao mesmo tempo, de medo e de estereótipo. Afinal, a educação é cultural na medida em que se entende por cultura modos de vida, costumes e tradições de um povo, estado ou nação.

Segundo Aires (2004), uma parte significativa das comunidades ciganas, especialmente aquelas que enfrentam processos de maior pobreza e exclusão social, encaram ainda a escola como um espaço alheio e adverso à sua cultura. É também encarado, pelos ciganos, como um espaço de “domesticação”, onde as crianças, por desconhecimento e racismo, são mal vistas e maltratadas. Quando estas comunidades (ciganas) aceitam integrar um processo educativo, fazem-no numa óptica minimalista, somente para dotar as crianças dos elementos culturais mínimos – aprender a ler, a contar e a escrever.

Os ciganos não veem a escola como um fator que desempenhe o papel significativo para suas vidas, a atitude de desvalorização e desconfiança da escola é facilmente compreendida, quando fazemos uma análise comparativa das comunidades ciganas na Europa, com a comunidade cigana em estudo. Nos estudos de Casa-Nova (2008) os ciganos estiveram excluídos do sistema de ensino, à semelhança de outras minorias e grupos sociais, como as mulheres e as classes mais desfavorecidas, o que nos leva a inferir a inexistência de uma política educacional para atender as comunidades ciganas em que a marginalização, a rejeição e a perseguição foram os sentimentos mais frequentes.

Para Boas (2005, p. 18), “cultura é cada elemento explicativo da diversidade humana, ou seja, cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu”. Os ciganos são vistos como sujeitos sociais capazes de vivenciar, assimilar e comunicar a cultura de seus ancestrais. São povos que possuem traços físicos e culturais marcantes, costumes e tradições próprios que sofrem a estigmatização no meio social. São conhecidos como nômades e se organizam em comboio para seguir a vida.

Para os ciganos a quiromancia e os jogos podem ser vistos como uma prática de saúde, um cuidado com o outro, um ritual que se mistura às práticas das rezadeiras, benzedadeiras, constroem estratégias de atenção e cuidado, modelos que se inter cruzam para uma dinamicidade no processo educativo. Dessa forma, estilo de vida e cultura são determinantes que se configuram como formas de viver e inventar o cotidiano, a partir dos intemperes que os grupos sociais apresentam.

Nem sempre o que a escola ensina é de fato relevante para a realidade que os grupos sociais vivenciam. Vale ressaltar que a escola não utiliza no processo de sociabilização nenhum dos instrumentos simbólicos, considerados pelos ciganos como efetivos instrumentos de socialização. A língua, a história ou os símbolos nacionais, ensinados na escola são instrumentos recorrentes e elementos centrais da formação da identidade. No entanto, não são na realidade componentes da identidade cigana. Vale ressaltar que mais importante que olhar a cultura de um povo, é perceber as diferenças existentes entre elas. Como consequência desse distanciamento e desconhecimento da cultura cigana, a escola se torna um local intrigante às comunidades ciganas.

Neste sentido nos lembramos da Comunidade Cigana do Bairro Sumaré. Quando chegaram à cidade de Sobral, não tinham endereço fixo, levavam uma vida itinerante. A itinerância acompanha a vida dos ciganos ao longo dos tempos está intimamente relacionada ao sentido de seguir a viagem, a desinstalar-se, o que possibilitou o afastamento deles com a escola. As mulheres eram educadas para cuidar dos irmãos mais novos e ajudar nos afazeres domésticos, os homens viviam à custa de atividades conhecidas como “economia informal”, além daqueles que vendiam e compravam pequenos objetos pessoais como pulseiras e relógios, ouro bichado (ouro quebrado), faziam e consertavam painéis de alumínio, barro e bronze, também trabalhavam com o couro para a confecção de arreios.

Contudo, não devemos deixar de ressaltar que a principal atividade de sobrevivência do grupo era a compra e venda de animais. É dever da escola na sua ação e difusão do conhecimento promover o respeito e o reconhecimento das mais diversas culturas existentes na sociedade. Diante desse cenário, o que se percebe é a incapacidade e o despreparo por parte dela para lidar positivamente com a diversidade. Diante dessa realidade, percebemos que as instituições escolares inviabilizam os ciganos e os desconhecem no meio social, além dos seus manuais que os currículos escolares nada dizem sobre eles.

2.6 Aproximação com o tema: os primeiros contatos com os ciganos

Neste capítulo apresentamos os caminhos trilhados na pesquisa, tomando por base a aproximação da pesquisadora e o envolvimento com o tema, que vai desde sua formação acadêmica aos primeiros contatos com a comunidade cigana em Sobral.

Encontros e desencontros encaixados na memória provocam, desacomodam, constroem e reconstroem outros tantos, contudo, a convivência com os ciganos se desvendou em histórias compartilhadas, que se desencadearam e processaram por outras tantas. Dessa

forma, os ciganos começaram a visitar minha interioridade quando cursava a graduação em Letras, no entanto, somente em fevereiro de 2013, foi possível uma maior aproximação com a comunidade cigana, a partir da disciplina de Seminário Interdisciplinar a qual ministrei no curso de Pedagogia nas Faculdades INTA.

Ao propor aos alunos uma pesquisa com a comunidade cigana, pude perceber a rejeição deles em estudar os povos ciganos. Embora com a curiosidade e o desejo de conhecer, observei que boa parte dos alunos se manifestou dizendo que cigano “era perigoso” só vivia de “matar e roubar”. Imediatamente uma das alunas se manifestou dizendo que morava no Bairro Sumaré há tempo, pois conhecia muitos ciganos e que não era bem assim. A postura e o posicionamento da aluna foram promissores, possibilitando-me adentrar na seara da pesquisa. Tal postura também me permitiu realizar em condições ideais, não racionalmente pensadas, uma observação de participante, prolongada e profunda. Entretanto, essa reflexão veio possibilitar o levantamento de inúmeras questões suscetíveis de uma análise mais intensa sobre os ciganos da comunidade do Bairro Sumaré.

Ao analisar os depoimentos colocados pelos alunos, emergiu a questão: será que podemos generalizar que todos os ciganos matam, roubam e mendigam? Diante de tal questão concluímos que as ações atribuídas aos ciganos podem ser praticadas por qualquer outro sujeito não cigano, no entanto, devido aos estigmas constituídos sobre os ciganos, qualquer ato praticado por eles assumem um significado diferenciado.

Todavia, essa conclusão revelou-se a partir do olhar e das vozes de pessoas não ciganas que não têm aproximação e desconhece o grupo social. Essa visão nos permitiu com maior nitidez analisar a situação dos ciganos alocados no Bairro Sumaré e os fenômenos envolvidos nos processos econômicos, sociais e culturais da comunidade em estudo. Matos e Vieira (2001, p. 39) apontam que “[...] pesquisar não é algo abstrato, requer atitudes, cuidados e procedimentos específicos, diante da realidade que se pretende investigar”. Deste modo, urge compreender que as pesquisas com os ciganos exigem do pesquisador um olhar de dentro para fora, uma mudança de atitude e de comportamento acerca dos sujeitos da pesquisa e do local a ser pesquisado.

Compreender o pesquisador como um sujeito, que está em constante relação com o outro, nos faz repensar a interação que une processos, em meio aos fatos, conceitos e atitudes, com vistas a explicitar a relação existente entre sujeito, história, educação e ciência. No entanto, reconheci o momento como oportunidade para pensar sobre o meu exercício enquanto pesquisadora e os contributos do referido estudo para a sociedade em específico para a educação e ainda para os povos ciganos. A partir de então, passei a ter curiosidade para saber

quem eram os ciganos do Bairro Sumaré, como é a vida desse grupo social e o que diferencia os ciganos dos não ciganos.

Portanto, não queremos com esta dissertação apenas apresentar os ciganos como grupo social cultural, mas trazer a ‘história dos esquecidos’ para o cerne do debate contemporâneo e suas contribuições para a história local. Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa se propõe analisar a tradição, a cultura e a memória cigana, que vão tecendo o entrelaçamento entre o passado e o presente.

Contudo, a problemática desta dissertação é compreender e analisar a partir da memória dos ciganos assentados na cidade de Sobral o processo de fixação do grupo, assim como compreender os estereótipos instituídos no momento da sua chegada à cidade e como esses estigmas continuam presentes na atualidade.

Salientamos que para o desenvolvimento desta dissertação e alcance da problemática por nós proposta, empregamos o conceito de memória social, representação, tradição e identidade, os quais fornecem o diálogo instrumental necessário para a compreensão das fontes de pesquisa por nós utilizados na tessitura desse trabalho.

Portanto, a abordagem do referido estudo pode ser classificada como sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, pois essa não se preocupa com números, mas, com o aprofundamento da compreensão do grupo social cigano, estabelecido no Bairro Sumaré, na cidade de Sobral. É oportuno realçar que a adoção da abordagem qualitativa pressupõe uma metodologia própria, recusando o modelo positivista aplicado ao estudo da vida em sociedade, uma vez que o investigador não deve realizar julgamentos nem demonstrar preconceitos e crenças, que possam interferir no produto final da pesquisa (MINAYO, 2001).

Afinal, a opção pela pesquisa qualitativa, emergiu pela possibilidade que nos oferece de utilizar métodos que explicam o porquê das coisas, expondo o que convém ser feito e como devemos tratar as fontes. Enfim, a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, focando na maneira de tratar e compreender as fontes e sua relação com os objetos de estudo. As fontes utilizadas para a construção do presente trabalho foram entrevistas realizadas com cinco ciganos na faixa etária entre 28 a 90 anos do grupo que reside no Bairro Sumaré.

Além da memória oral, fazemos uso de uma fonte secundária, DVD intitulado *Ciganos* (NORDESTE TV, 2013), o qual foi produzido pela rede de televisão Local NORDESTE TV, no ano de 2013. O referido documentário retrata a memória dos ciganos mais velhos, especificamente o Coronel Valdemar e seu sobrinho Benoar. A temática abordada pelo documentário narra a história da chegada dos primeiros ciganos em Sobral na década de

1930, o apoio político local que receberam durante a primeira passagem pela cidade. Além da temática, abordam temas como economia, relações sociais, fixação, costumes e tradição do antigo grupo cigano, destacando a problemática das novas gerações que desrespeitam as tradições antigas. O referido documentário será fundamental na pesquisa à medida que iremos transcrever a fala do narrador, que contrapomos com a entrevista por nós realizados com os ciganos mais velhos. A contraposição da fala dos ciganos será relevante a nós, por possibilitar uma compreensão mais próxima possível do que são as tradições e as identidades ciganas.

Dessa maneira, a metodologia da história oral revela-se fundamental por proporcionar o trabalho com a oralidade do velho. Destacamos que a opção por trabalhar com a narrativa dos velhos emergiu a partir da consciência de que eles que detêm os saberes dos antigos ciganos, que iniciaram o processo de fixação na referida cidade, além do que, por serem mais velhos, os narradores não apreendem cuidado ao contarem a história e tradição do seu povo, pois os mesmos se percebem como sujeitos da história que constitui a chegada dos ciganos em Sobral, especificamente no Bairro Sumaré (JUCÁ, 2011).

Partindo do exposto, adotamos o conceito de memória social, de Ecléa Bosi (2003), segundo o qual, as narrativas dos entrevistados nem sempre estão livres das interferências da ação do mundo. Afinal, falar aproxima as pessoas e constrói um campo de ideias comuns, que são partilhadas na sociedade, normalmente as memórias são passadas de pai para filho, dos mais velhos para os mais novos, a fala aproxima pessoas, e as leva ao compartilhamento de ideias, ou seja, às mesmas memórias.

Enfim, “Não se trata de uma memória-hábito, mas uma memória de eventos únicos, uma memória bergsoniana das coisas em constante transformação, da qual nos fala” (BOSI, 2003). Juntamente com o conceito de memória social, utilizamos, ainda, como arcabouço teórico o conceito de imaginário, de Sandra Jatahy Pesavento (2003), segundo o qual,

[...] representações são operações mentais e históricas, que criam sentidos ao mundo, sem elas este, em si, não possui significado. É por meio delas que se age no mundo, que se constroem identidades. Nesse sentido a representação fica no lugar da realidade, porém, não como uma imagem perfeita do real: o representante não é o representado, ele guarda relações de semelhança, significado e atributos com este. As representações se expressam nos discursos, assumindo múltiplas configurações, as quais se tornam concorrentes, estabelecendo relações de poder. Assim, a percepção dominante acaba ganhando foro de realidade, de verdade, sendo naturalizada. (PESAVENTO, 2003, p. 43).

Segundo a autora, o conceito de representação leva os indivíduos a darem sentido ao mundo em que estão inseridos, construindo dessa maneira o sentido de pertencimento ao lócus espacial e temporal que vivenciam. Afinal, a representação age como uma forma de

possibilitar ao indivíduo uma imagem do real, que é construída a partir do significado atribuído por ele ao discurso, produzido pelas relações de poder nas quais o mesmo encontra-se inserido.

Enfim, o conceito de representação possibilita as pessoas comuns organizarem uma realidade própria, a partir de onde expressam seus comportamentos, hábitos e práticas sociais. Apesar das representações possuírem expressões individuais, estas estão condicionadas por um conjunto de costumes/hábitos compartilhados. Essa estrutura parte do sistema cultural a que pertencem esses indivíduos e é desse espaço que criam possibilidades de expressões, mas também as limitam.

Partindo dessa perspectiva, o historiador deve estudar essas representações, buscando captar as diferenças e os significados, inscritos no que quer que sobreviva da visão de mundo desse passado. Assim, o conceito de representação, fornece ao pesquisador a capacidade de perceber como as culturas formularam maneiras de pensar, agir e transformar o meio onde estão inseridas. Dessa maneira, utilizamos o conceito de representação, que faz uso da elasticidade do tempo, pois essa possibilita o pesquisador a compreender o ir e vir da memória.

Como afirma Ricouer (2007), não há nada melhor que a memória para significar o que aconteceu, ou se passou, antes que declarássemos nos lembrar, por certo o lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si. Afinal, somos cientes de que a memória passa por modificações ocasionadas tanto pelo tempo, quanto pelas emoções ou mesmo situações traumáticas e de ressentimentos.

Dessa maneira, para a compreensão da tradição dos ciganos, utilizamos o conceito de (HOBBSAWM, 1997), que nos informa que a tradição se diferencia dos costumes⁵³ já que a mesma é compreendida como sendo um conjunto de regras que são aceitas por todo o grupo que partilha dos rituais simbólicos, normas estabelecidas, as quais devem ser incutidas, difundidas pelo grupo as gerações atuais e futuras, ocasionando, assim, uma continuidade entre passado e presente.

Na perspectiva teórica acima apresentada, ressaltamos que para compreender os primórdios da inserção do cigano na história da humanidade e especialmente na cidade de Sobral, na década de 1970, nos amparamos teoricamente no conceito de representação e memória social, afinal os mesmos revelam-se fundamentais para a compreensão do processo histórico de fixação do cigano tanto no âmbito nacional, quanto na cidade de Sobral,

⁵ Por costumes entende-se, segundo Hobsbawm (1997), que esse tem a função de possibilitar a inserção das inovações permitindo que as tradições sejam modificadas até determinado ponto.

especificamente no Bairro Sumaré. Afinal, as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança existe apartada da sociedade, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada (HALBWACHS, 2004).

Segundo o conceito de memória coletiva, acima descrito, entendemos a memória como representação do passado, a qual evoca as primeiras impressões e lembranças de outrora, portanto, essenciais no processo de compreensão da tradição, memória e cultura dos ciganos assentados na cidade de Sobral, no Bairro do Sumaré. No entanto, analisar a tradição e a história dos ciganos do Bairro Sumaré revelou-se a nós como possibilidade de compreender e perceber o choque que existe entre a tradição dos antigos ciganos, que desejam sua continuidade, em contraposição com a nova geração de ciganos que adotaram os costumes vigentes da sociedade em que estão inseridos.

Portanto, achamos conveniente informar que a discussão desta dissertação enfoca a priori a história da chegada dos ciganos a cidade de Sobral, analisando as representações construídas acerca da comunidade cigana pela sociedade sobralense, ao mesmo tempo, que visa analisar a tradição dos ciganos, narradas a partir das memórias dos velhos ciganos da referida comunidade. Enfim, este capítulo tem por objetivo explicitar os percursos metodológicos adotados durante esta investigação, e situar as questões que norteiam a pesquisa, o eixo em que se situa o desenho da metodologia empregada e os procedimentos para a coleta e análise de dados.

O estudo com as comunidades ciganas configura-se num grande desafio, onde o pesquisador ultrapassa limites, desconstrói paradigmas e ressignifica suas práticas. Dada a abrangência do estudo em questão, o universo simbólico relativo aos aspectos culturais identitários e representacionais existente nas comunidades ciganas, buscamos a metodologia da história oral com técnica de entrevistas, no intuito de manter uma aproximação com o grupo e difundir informações, que esclarecessem e definissem o comportamento da comunidade cigana em estudo.

A seleção dos entrevistados se deu por faixa etária e gênero, a fim de fazer uma análise histórica comparativa, o pressuposto da seleção visou aferir diferentes percepções e visões nas mudanças dos costumes e tradições face às atividades profissionais exercidas pela geração mais nova. Neste segmento, tentamos elucidar a referida pesquisa como um modo específico de observar a história e a escolha de um campo de observação de determinado tipo – na verdade, um duplo campo de observação, ou mesmo um múltiplo campo de observação, (BARROS, 2014).

Concebemos que trabalhar com a comunidade cigana nos dá essa perspectiva, pois ao mesmo tempo em que trabalhamos com um campo de observação, um recorte histórico, também estamos nos colocando em múltiplos, campos quando fazemos a leitura dos espaços temporais da origem desse povo. A pesquisa nesse âmbito tem origem com a publicação do artigo “História Comparada”, de Marc Bloch em 1928, e outro em 1930. A construção de uma nova perspectiva de pensar a história se dá exatamente com o final da Primeira Guerra Mundial, pois, respirava-se, em parte significativo da intelectualidade europeia, certo ar de desânimo em relação aos caminhos que tinham sido trilhados através do exacerbado culto ao Nacionalismo, que tanto caracterizara a estruturação dos estados-nações nos séculos anteriores (BARROS, 2014).

Segundo o autor, em contraponto a essa história de cunho nacionalista, nasce a perspectiva da história comparada. A “História Comparada de Bloch é antes de tudo uma “História Comparada Problema”, uma história que se constrói em torno de problematizações específicas, e não de curiosidades ou meras factuaisidades”, assim compreendemos que a pesquisa com os ciganos, tendo como referencial metodológico a pesquisa comparada no campo da história, não nos limita às interpretações ou interfere nas descobertas de novas relações, que vão se construindo em torno do objeto estudado. Nesse caso, pesquisar o povo cigano em Sobral requer exatamente esse caminho de pesquisa objetivando contribuir para o avanço de entendimento de fenômenos sociais complexos. Assim concebemos que:

A história comparada, tornada mais fácil de se conhecer e de se utilizar, animará com seu espírito os estudos locais, sem os quais ela nada pode, mas que, sem ela, a nada chegariam. Numa palavra, deixemos, por favor, de falar eternamente de história nacional para história nacional, sem nos compreendermos. (BLOCH, 2001 *apud* BARROS, 2014, p. 10).

Embora a primeira preocupação subjacente à realização das entrevistas fosse questionar os ciganos mais velhos que tivessem um bom conhecimento da história dos seus antepassados, também participaram dois membros mais jovens da família e da comunidade. Todavia, os entrevistados totalizaram cinco ciganos na faixa etária de 28 a 90 anos. Diante da diversidade de informações fornecidas pelos entrevistados mais jovens e pelas mulheres, aferimos que no interior do grupo há desigualdades nos modos de vida e na preservação da cultura e da tradição, o abandono da escola por parte das mulheres incide de forma significativa fato esse devido aos casamentos que ocorrem em idades precoces.

2.7 Sobral e os ciganos: contextualizando a pesquisa

Este texto tem por objetivo apresentar a cidade de Sobral como um espaço de sociabilidade ocupado pelos ciganos, tomando por base a cultura do povo sobralense para a partir disso conhecer as histórias de vida dos ciganos, que chegaram à cidade, situando as razões pelas quais a comunidade cigana deixa a vida intinerante e passa a fazer da cidade o seu local de moradia.

Vivemos em cidades e temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos e vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais são territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em outro tempo e que só tem sentido pelos os que percorreram no passado. Sobretudo as cidades são lugares, dotados de carga simbólica que as diferencia e identifica fazendo evocar ações, personagens e tramas que se realizam em um tempo já escoado (NORA, 1993).

Na esteira de Chartier (1990), a representação de uma sociedade é o modo como em diferentes tempos e espaços uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler. No entanto, a leitura da cidade de Sobral se dá por meio dos fatos históricos e da personificação de Dom José (primeiro bispo diocesano) criando um elo indissociável entre o bispo e o progresso da cidade. É dessa forma que os historiadores, pesquisadores e estudiosos pensam na cidade de Sobral, esquecendo que outros sujeitos também constituíram o espaço da urbe sobralense.

Portanto, contar a história da cidade por outras vozes nos permite compreender, ressignificar e difundir a história da cidade por caminhos outrora esquecidos. Diante dessa premissa, a vida na cidade é curiosa, implica aceitação, tolerância, diferença, mas também tem gerado seu oposto, como: política, cultura e religião, entretanto, é repleta de disputa, segregação mas também de inclusão e indiferença. Visibilizar as divergências que compõem uma cidade é primordial, certamente é nela que se constitui os costumes e a cultura de um povo, dessa maneira podemos observar as suas particularidades por meio do comportamento das pessoas e das relações que se estabelecem entre elas.

Entendemos a cidade de Sobral como um espaço citadino de solo fértil de histórias e paragens do sertão, banhada pelo Rio Acaraú, local onde os ciganos fizeram suas primeiras moradias, carregando em suas memórias as lembranças da cidade banhada pelas águas. Instalada nas margens do Rio Acaraú, local onde surgiram as primeiras fazendas de gado, por volta do século XVIII, Sobral transformou-se numa região rica de grandes

fazendeiros, com a ocupação Portuguesa na capitania do Ceará, fugitivos e invasores estrangeiros se instalavam às margens do rio.

Não obstante, a cidade servia como um ponto de apoio para repor as energias do grupo, comprar alimentos, abastecer o gado e fazer negócios. Não só as circunstâncias geográficas favoráveis, a localização nas proximidades do rio e conseqüentemente do porto atraíram os ciganos para a cidade, haja vista que a principal fonte de renda era o comércio de animais (BESSA, 2004).

O certo é que Sobral se tornou um espaço citadino atrativo para os estrangeiros de longe e de perto, como diria Ítalo Calvino se tornou a cidade dos sonhos. Mesmo apresentando um cenário de urbe elitista, a cidade se revela a partir dos sujeitos que nela habitam. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1999, p. 32) nos diz o seguinte:

[...] uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam.

Em Sobral se desenvolveu hábitos e comportamentos a imitação do modelo francês, o arco do triunfo, cópia acanhada do Arco do triunfo de Paris, casarões decorados com cerâmicas à modelo de Portugal, apesar da cidade se arrojar da vaidade e das riquezas urbanas memoráveis das elites sobralenses, é inevitável os contrastes existentes nela.

A paisagem urbana de uma cidade é percebida em seus diversos aspectos, são lugares da memória e da história de um povo, constituída a partir das relações sociais dos indivíduos. Desta maneira, percebemos o testemunho dado pelo cigano Francisco Benoar Cavalcante⁶ “Sou piauiense de nascimento e sobralense de documento, me considero filho de Sobral e mestiço de dois estados”. A partir da fala do entrevistado, é perceptível que a cidade é dotada de significados e representações ancoradas nas suas memórias e no fortalecimento de sua identidade, além de ser também um espaço simbólico que evoca um passado vivido. Todavia, conhecer a história de uma cidade é partilhar da memória, das histórias e da cultura do povo que nela habita, é lançar mão das oposições: centro e periferia; cosmopolitismo e nacionalismo; global e local.

Todos os grupos sociais utilizam símbolos para estabelecer ordens de hierarquia ou identificar o próprio grupo. A rigor, podemos dizer que cada sujeito quando protagonista de sua própria história, escolhe também seus pontos de referência para se situar no tempo e no espaço. A priori, ao chegar à cidade, os ciganos escolheram o Rio Acaraú, para acamparem,

⁶ Atual líder da Comunidade Cigana do Bairro Sumaré.

não obstante o caminho das águas foi importante fator que aproximou os ciganos da cidade de Sobral, para eles o rio dava sentido as suas vidas e propiciava ao grupo melhores condições de sobrevivência.

Embora o Rio Acaraú tenha sofrido degradação ainda é o cartão de visita da cidade e funciona como referência identitária para Sobral. Por sua localização geográfica, divide a cidade ao meio, onde de um lado estão “os ricos” e do outro “os pobres”. Era lá do lado pobre que as classes menos favorecidas e trabalhadores braçais faziam suas moradas, e do outro lado a classe mais favorecida. Dessa maneira, a cidade se desenhava de um lado a sociedade elitista e do outro os grupos segregados. Frente a esse aparthaide, percebemos que os lugares de uma cidade são dotados de cargas simbólicas que os identificam e os diferenciam.

É natural que os ambientes rurais mais fechados e afastados da cidade são ocupados pelos ciganos, contudo, evitam a vida urbana, fogem dos seus convívios, pois não sentem neles a revitalização cultural do seu grupo de origem. Para Chartier (1990) as representações sociais e identitárias se expressam a partir dos comportamentos e práticas de socialização pelas quais os indivíduos constroem e dão sentidos as suas existências e ao mundo social.

Sobral por muito tempo viveu sob o controle do Bispo Conde Dom José Tupinambá da Frota⁷, homem de visão cosmopolita, conservador e rigoroso nos seus posicionamentos políticos e religiosos. A igreja se constituía como espécie de poder, todos os interesses da vida social ficavam a mando das emissoras de rádio utilizando-se de forma extensiva a Rádio Tupinambá de Sobral e o jornal Correio da Semana, que funcionavam como instrumentos ideológicos e mantendo o controle de todos os acontecimentos políticos e religiosos da cidade durante seu episcopado.

Apesar dos padrões culturais e conservadores dos sobralenses serem distintos dos ciganos, a cidade não deixou de ser para eles um espaço de identidade. A partir do contato e da convivência, os ciganos e sobralenses se socializam e as identidades de ambos se interligam realizando assim uma troca de valores, costumes e saberes. Embora a historiografia local seja quase inexistente e não revele os ciganos como grupo sócio – cultural, que contribuiu com a história e a cultura da cidade de Sobral, é cabível apresentá-los como parte integrante dessa história.

⁷ Bispo conde que nos anos de 1918 a 1959 empreendeu um verdadeiro trabalho em prol da transformação da vida econômica, social e cultural da cidade.

Aqui nos lembramos de José Rogério Fontenele Bessa⁸⁶ que sem nenhum medo de apostar na ciência e nos saberes dos ciganos moradores do Bairro Sumaré difundiu a pesquisa com a comunidade cigana de Sobral, o que resultou na obra: “*A comunidade cigana de Sobral: aspectos linguísticos e etnográficos relativos a mobilidade geográfica, natureza e tempo*”. Tal publicação nos possibilitou a adentrar no campo científico a partir de uma escuta sensível com a comunidade.

Dessa forma, passamos a estudar e compreender os estudos ciganos como contributos para o debate acadêmico, entretanto, realizar pesquisas com a comunidade cigana nos remonta a buscar, em suas narrativas, uma sensibilidade ao mundo místico, pois ao mesmo tempo em que trabalhamos com um campo de observação, um recorte histórico, também estamos nos colocando em múltiplos campos, ao fazermos a leitura dos espaços temporais, além de nos reconhecer como parte desse grupo.

Nas palavras de Michael Stewart (1997 *apud* LOPES, 2008), os ciganos fazem parte do nosso mundo, e, todavia, são distintos da maioria de nós; habitam um mundo que nos é familiar, mas parecem oferecer um modo alternativo de estar nesse mundo”. Concordamos com o autor, porque independente do lugar onde se encontrem e para onde vão, por mais distintos que sejam entre si, os ciganos partilham esta condição paradoxal e ambígua.

Contudo, entendemos que os ciganos nos servem de referência e ou de modelos que legitimam ações e impõem silêncios que se imita ou se coloniza, esta situação por analogia nos possibilita a compreender uma oposição binária entre “eu” e o “outro” tornando a alteridade um ponto de intersecção na vida em sociedade (NÓVOA, 2009). Portanto, novos arranjos, novos conhecimentos se alargam quando nos aproximamos do que nos parece ser estranho e ou diferente.

⁸ Professor pesquisador da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) que desenvolveu pesquisas com a Comunidade cigana do Bairro Sumaré onde na ocasião publicou vários artigos e um livro intitulado “*A comunidade cigana de Sobral: aspectos linguísticos e etnográficos relativos a mobilidade geográfica, natureza e tempo*”.

3 DESVENDANDO A TRAMA POLÍTICA DA CIDADE DE SOBRAL: OS CIGANOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES COM A POLÍTICA LOCAL

Este tópico tem como objetivo abordar as práticas políticas que compuseram o contexto histórico da cidade de Sobral para, a partir disso, apresentar os ciganos como protagonistas dessa história.

Não obstante entendemos a cidade como espaço de socialização e construção humana, onde nos constituímos quanto sujeito ativos e ou passivos na história dela. Numa tentativa de atribuir sentidos às práticas políticas e culturais da cidade de Sobral e suas relações com os ciganos, lembramos da memória de Francisco de Almeida Monte⁹⁷, alcunha, coronel Chico Monte, que compôs o marco político e histórico da zona norte do estado do Ceará. Não podemos fazer um divisor de águas, quando falamos dos políticos coronéis da cidade e dos ciganos, pois os ciganos tiveram apoio dos nomeados políticos Francisco de Almeida Monte e Dr. José Sabóia. Foram eles quem deram vez e voz aos ciganos em Sobral.

O cigano Francisco Benoar Cavalcante¹⁰ nos revela em entrevista que “o primeiro chefe dos ciganos em Sobral foi o político Francisco de Almeida Monte, que tinha uma fazenda próximo à cidade e acolhia os ciganos que chegavam de viagem e lá ficavam arranchados”. Benoar ainda nos conta que Chico Monte foi o patrão dos seus avós. Todavia, a influência dos ciganos com Chico Monte possibilitou o grupo a manterem contatos com outras autoridades locais. Na concepção de Arendt (1997), recuperar o passado é garantir um sentido para o presente, no entanto, ao recorrermos à memória do relato e do testemunho de Benoar, estamos transformando essa narrativa em história, fazendo com que os fatos ganhem sentido, sendo assim, passamos a compreender o envolvimento dos ciganos com os políticos locais.

Na década de 1970 a cidade de Sobral mantinha um contexto político comum a todos os estados nordestinos, época da ditadura militar no Ceará, que serviu de reforço para as famílias sobralenses “Prado e Barreto”, lideranças que se revezaram no poder político da cidade após a morte de Dom José (BEZERRA, 2008), onde se mantiveram por mais de vinte anos no poder sendo identificados como força de atraso pelos períodos em que dirigiram à cidade e pelas suas relações com os coronéis no governo do estado do Ceará além de se aliarem à ditadura entre as décadas de 1962 a 1970. Neste sentido, a cidade de Sobral passou a

⁹ Fazendeiro, homem de poucas letras pelo charme de sua valentia pessoal e jeito bonacheirão, tinha o apoio popular, principalmente na sede do município de Sobral-CE. Foi um líder político desbravado e corajoso o qual os ciganos tiveram uma aproximação e acolhimento nos alpendres de sua fazenda “Pocinhos” (COSTA, 1982, p. 126-127).

¹⁰ Atual líder da comunidade Bairro Sumaré.

ser chamada a “cidade dos coronéis”, expressão criada pelos historiadores locais uma vez que se encontrava inserida neste contexto (FREITAS, 2010).

Com o apoio político local, os ciganos conquistaram suas moradias e auxiliaram as autoridades a adentrar no Bairro Sumaré para executar os seus trabalhos em prol da segurança do bairro, pois naquele tempo não havia calçamento, nem transitava carros, o meio de transporte eram os cavalos. Como os ciganos já eram conhecidos pela boa conduta na cidade, o coronel José Nicodemus de Araújo, militar que ordenava a cidade, determinou o coronel Valdemar Pires Cavalcante¹¹ (in memorian), líder da comunidade cigana de Sobral, que juntamente com seu grupo fizesse o patrulhamento do bairro.

O incômodo com a presença dos ciganos no Bairro Sumaré culminou no conflito entre eles e os moradores, que causavam desordem no referido bairro. Benoar nos recorda que “todas as noites os ciganos se reuniam para fazer o policiamento do bairro, pois lá só tinha ladrão e má conduta”. A partir da fala do depoente, é possível perceber como se deram os primeiros contatos dos ciganos com os moradores do Bairro Sumaré e os desafios enfrentados por eles no processo de integração na cidade de Sobral.

Diante dos conflitos acima relatados, os ciganos acabaram conquistando o espaço e apaziguando as relações conflituosas, possibilitando, assim, o patrulhamento policial no Bairro Sumaré. Embora uma parte dos moradores estivesse em descontentamento com suas presenças, por outro lado, os ciganos ganharam a confiança das autoridades locais. No entanto, tais ações executadas pelos ciganos refletiram num sentido negativo, sobretudo em referência as suas práticas culturais, que suscitaram no imaginário social e nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade não cigana.

Frente ao exposto fica evidente que as práticas e diversidades sociais são dadas a partir de relações que os sujeitos vivenciam. Dessa forma, é possível compreender os ciganos da comunidade do Bairro Sumaré a partir do território por eles ocupado. Para Souza (1995) o território se encontra sob um prisma mais subjetivo, de um espaço no qual o homem estabelece vínculos, constrói sua história, concretiza suas relações e fatos sociais.

Após conquistarem a confiança das autoridades e conhecidos como pessoas destemidas e corajosas, os ciganos passaram a contribuir nas campanhas eleitorais da cidade

¹¹O coronel Valdemar Pires Cavalcante nasceu em 26 de maio de 1917, na cidade de Jequié, no estado da Bahia, foi casado com Durcia Pires Cavalcante, também cigana. Filho de uma família de nove irmãos, sendo três homens e seis mulheres, Valdemar era o mais velho dos três homens, tendo como Patriarca o casal cigano Antônio Pires Cavalcante e Jovelina Pires Cavalcante, todos provenientes do sertão baiano. Valdemar foi quem trouxe a comitiva de ciganos para Sobral no ano de 1936. Valdemar Pires Cavalcante - foi o primeiro líder dos ciganos. Morreu aos 97 anos, na cidade de Sobral no dia 26 de outubro de 2014. Homem de mérito e respeitado por todos.

de Sobral. Benoar nos informa sobre a participação do grupo cigano com os políticos locais, como podemos notar nesta fala:

Nós trabalhava como guarda - costa para não haver desafeto na política, como já tinha o apoio do Dr. Chico Monte me recordo como um sonho bem legível, depois veio o José Parente Prado, Joaquim Barreto e Dr. José Euclides Gomes.¹² (entrevista realizada em 2014).

Os fios da memória de Benoar apesar de fragmentada são guiados por um espaço de experiência, como um tempo vivo e pulsante. O entrevistado relembra a participação dos ciganos na política, visto que no seu íntimo é importante notar que o ato de rememorar parte, antes de tudo, da ligação que o grupo cigano tinha com os políticos locais e com os espaços e ações de suas vivências cotidianas em determinado contexto.

O depoente ao usar a expressão “guarda-costa” remete ao tempo em que foram protagonistas na participação política da cidade. É possível perceber que o termo usado se refere àquele que protege e tem o poder da força representada pelo protótipo da coragem. Contudo, os ciganos acreditavam que a presença deles ao redor dos políticos intimidava os adversários, e evitava desavenças e desentendimentos.

Diante do exposto percebemos que a atuação dos ciganos como pacificadores do bairro se deu a partir das relações de poder, que possibilitaram ao grupo a adquirir suas moradias fixas e se manterem no bairro até hoje. A fim de uma convivência possível e tranquila, podemos observar como se constituem suas identidades a partir das estratégias de socialização, adequação e práticas culturais exercidas por eles no cotidiano.

Apesar de viverem em grupos mais isolados ou restritos, existem casos de agressões entre eles próprios, provocados por vinganças e rivalidades entre as famílias, rixas entre os ciganos nômades e sedentários. Analisando as estratégias utilizadas pelos ciganos como uma forma de autoafirmação de sua identidade cultural, conceito retirado de Certeau, este nos revela que:

Estratégias são intervenções do homem no mundo a partir de um lugar próprio. Elas são capazes de produzir, mapear e impor espaços. As estratégias demandam um lugar suscetível de ser circunscrito como próprio e ser base de onde se pode gerir as relações com uma extremidade de alvos ameaçados. (CERTEAU, 2005, p. 99).

Na vida cigana, quando essas situações acontecem, ocasionam migrações. Em poucas horas, os ciganos abandonam o território e os membros de um determinado clã têm a

¹²Benoar, aposentado, 72 anos de idade. Entrevista realizada na residência do Sr. Benoar em maio de 2014.

obrigação de defender o restante dos membros do mesmo clã, quando são agredidos e insultados. Quando há morte, os campos de contrariedade se limitam, se um pisa no campo do adversário se sujeita à vingança (NUNES 1996). Tais estratégias de agressões enfrentadas no meio cigano são uma forma de reestruturação e reorganização do clã. Para Nunes (1996, p. 170),

Os ciganos vivem e permanecem coesos, dizer que a coesão existe não quer dizer que ela seja sempre uma realidade. Destarte, os ciganos formam no mundo um mosaico de pequenos grupos diversificados onde existe sempre um pequeno etnocentrismo grupal. Pode haver dissídios entre linhagens de um mesmo grupo e então a coesão é quebrada.

Com base nas palavras do autor, observamos que dentro de um mesmo grupo os ciganos se identificam a partir das diferenças existentes enquanto, indivíduo e parte da sociedade e da espécie humana. É nessa heterogeneidade que os ciganos vivem, por meio dessa oposição, nesse contraste e nessas diferenças, é que se traduz a multiculturalidade e a diversidade dos ciganos.

No ano de 1974 os ciganos deixaram a vida itinerante e passaram a ter suas moradias fixas, dessa vez apoiados por José Parente Prado, prefeito que governara a cidade (1973-1977) e alocou os ciganos no Bairro Sumaré. É certo que a chegada ao bairro incomodou os moradores que já eram conhecidos na cidade como valentões, pois costumavam brigar entre si e não permitiam o policiamento no bairro. Historicamente os ciganos deixaram no imaginário social uma força simbólica e figuras hoje quase lendárias em Sobral. Dentre eles Valdemar Pires Cavalcante (in memoriam), até hoje lembrado e recriado, fazendo parte da memória dos ciganos do Bairro Sumaré.

Em uma das entrevistas com o Sr. Valdemar, ele nos relatou que:

Os que vão nascendo e crescendo não adquirem mais de seus pais, o dialeto, algo marcante na identidade do ser cigano. Com o decorrer do tempo crianças e jovens vão sendo acometidos de uma espécie de desafeição ao dialeto ficando restrito aos mais velhos e por esses não serem eternos o destino da linguagem cigana é a extinção.¹³ (Sr. Valdemar, entrevista realizada em maio/2013)

Algo nos chama atenção na fala do Sr. Valdemar, pois o simples observar o meio social em que essas crianças vivem e se desenvolvem, Valdemar nos revela que o meio social condiciona a formação e o desenvolvimento da identidade cigana enquanto um grupo sociocultural. Para Lopes (2008, p.180) “[...] a identidade étnica não é um dado constante, não

¹³Valdemar Pires Cavalcante, aposentado, 97 anos, Entrevista realizada na residência do Sr. Valdemar em maio de 2014.

se apresenta como estado ou atributo definido de uma vez por todas”. Dito de outra maneira, a identidade é uma relação que se constrói a partir do contato social com outros grupos.

A identidade é como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento, ou seja, a identidade do indivíduo passa a ser alterada a partir do seu convívio e espaço social. Entretanto, para se compreender o conceito de identidade em Zygmunt Bauman faz-se necessário primeiramente considerar o contexto histórico-social que os ciganos estão inseridos. Visto que para o autor a identidade é algo que está em um contínuo processo, em um dar-se constante, identidade é movimento, é desenvolvimento. Um processo social que nos move a pensar acerca da não preservação da linguagem cigana é aculturação que os ciganos sofrem. Pois no grupo já temos a miscigenação de ciganos com não ciganos, para o Sr. Valdemar essa é uma das questões preocupantes do grupo cigano.

A estrutura familiar dos ciganos está centrada na figura do patriarca ou chefe da família, aquele que toma as decisões e dita às normas que os demais membros familiares devem seguir. No Bairro Sumaré tal referência ficou centrada na pessoa do Cigano Valdemar que posteriormente nomeou para assumir a função, o Sr. Benoar por ser o seu sobrinho mais velho. O atual líder, o Sr. Benoar Pires Cavalcante, é a referência dos ciganos alocados no bairro, homem de muita presteza e de uma memória sensível, acolhe a todos que dele se aproxima. Sejam eles, pesquisadores, jornalistas, estudantes, professores e demais curiosos que buscam saber a história dos ciganos em Sobral.

O Sr. Benoar é um protótipo, é uma memória viva dos ciganos que já se foram e dos que ali permanecem. Como o garimpeiro garimpa o ouro, Benoar, com sua diáspora linguística faz uma circularidade no tempo e no espaço trazendo as lembranças que o faz ser cigano. Com sua voz mansa, ele vai redesenhado e configurando em sua polifonia discursiva e rica de magias, mistérios, mitos e lendas, as histórias acerca do “SER CIGANO” atraindo, assim, a todos com suas reminiscências, usando a oralidade como fonte de representação histórica desse povo. Ir ao Bairro do Sumaré e não visitar Bena é desconhecer a história dos ciganos em Sobral-CE.

Portanto, A dimensão simbólica do termo “chefe” adquirida pela tradição e pela cultura das comunidades ciganas é descrita pela figura do mais velho, que tenha a capacidade de dialogar com as mais variadas esferas sociais. O controle exercido pelo chefe na comunidade em estudo dá início no âmbito mais restrito, o familiar, e termina por englobar uma rede de poderes ligada às autoridades públicas locais.

Logo, no próximo tópico, damos seguimento a discussão acerca da vida dos ciganos na cidade de Sobral e como está presente no cotidiano deles o imaginário e o real.

3.1 A vida dos ciganos na cidade Sobral: do imaginário a realidade

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam. (PESAVENTO, 1999, p. 32).

A chegada dos ciganos em Sobral ocasionou um burburinho na cidade, pois os mesmos, com suas indumentárias e costumes diferentes, atraíam a atenção de todos. Dessa maneira, não ficaram acampados no centro da cidade, mas sim na periferia, especificamente, próximo ao Rio Acaraú, que corta a cidade. O povo cigano despertava admiração e medo nos sobralenses, sentimentos que tomavam de conta dos todos, ao mesmo tempo em que olhavam com um mito de curiosidade e receio.

Ao chegar na cidade, Valdemar, chefe dos ciganos, era o responsável para apresentar o atestado de boa conduta, documento emitido pela delegacia regional da cidade de procedência, pelo qual o grupo havia passado. Tal atestado era apresentado às autoridades locais para deliberarem e permitir a entrada dos ciganos na cidade.

Salientamos que o estranhamento causado pelos ciganos partia do ir e vir dos homens e mulheres ciganas pelas ruas da cidade. O estranhamento era gerado especialmente pelas ciganas, que desfilavam pelo centro de Sobral com seus vestidos fitados e coloridos, usando brincos grandes e dedos repletos de anéis. O modo de vestir, portar-se das ciganas, causava estranhamento na população, além disso, outra característica que despertava medo e curiosidade sobre os ciganos é que eles ficavam nas portas dos hospitais, praças e mercado público praticando benzeduras, rezas, leitura da sorte e jogos de cartas.

O comportamento das ciganas, ao abordar quem estivesse disposto a saber do seu futuro, pode ser considerado o primeiro contato social entre ciganos e não ciganos, o que por nós se configura como um dos primeiros laços de sociabilidade entre sobralenses e ciganos. No entanto, ao mesmo tempo em que alguns se dispunham a aceitar que as ciganas lessem sua mão, muitos viam com certo receio essas mulheres, chegando mesmo a considerá-las como de má índole, interesseiras por sempre induzirem seus clientes a pagarem por suas funções com bens materiais ou dinheiro. A partir desses hábitos das ciganas, emergiu pela cidade o discurso de que as ciganas enganavam pessoas de bem, raptavam crianças ou roubavam, quando tinham seus serviços recusados pelos indivíduos.

Historicamente nas famílias ciganas os homens vivem do comércio ambulante e do trabalho com metais, nunca sabem quando chegam ou quando partem, não existe cliente

certo e seguro. Já as atividades profissionais femininas têm se apresentado de uma maneira mais folclórica. Enquanto os homens exercem as atividades produtivas, as mulheres usam suas prodigiosas habilidades e técnicas mágicas das mais variadas formas, desde quiromância à interpretação dos sonhos. Essa é uma tática usada pelos ciganos para garantir o sustento da família. A educação dos filhos fica sob a responsabilidade do irmão mais velho quando é carregado pela mãe, quando elas saem para exercer seus trabalhos (NUNES, 1996).

De antemão, começemos a lembrar da comunidade cigana do Bairro Sumaré em Sobral-Ceará com a qual tivemos a oportunidade de conviver, bem como pensar nas agruras e alegrias vivenciadas por a comunidade em estudo. Na comunidade, embora o homem se apresente sempre como chefe, o pai de família, a mulher tem forte influência na educação dos filhos, na organização da comunidade e controle dos conflitos. Todavia, existe um matriarcado disfarçado, no entanto, os laços antes mantidos somente entre os ciganos se alargaram e o casamento entre eles com os não ciganos possibilitou a fixação do grupo na cidade de Sobral. Na esteira de Hobsbawm (1995), os mecanismos sociais vinculados às gerações passadas é um dos fenômenos mais sombrios neste novo cenário contemporâneo, os jovens crescem num presente contínuo sem qualquer relação com o passado.

Nesse caminho, o cenário de comparação em uma perspectiva investigativa nos apresenta a possibilidade de enxergar uma nova história, com base nas mudanças incorporadas em um horizonte possível de ocorrer a setores antes socialmente segregados, que no caso implica em reconhecer como legítima a cultura original dos afrodescendentes, dos índios, das comunidades ciganas e de outras tantas comunidades socialmente exclusas.

Todavia, urge desconstruir estes estereótipos e analisar como os ciganos foram elaborados e difundidos pelo imaginário na sociedade sobralense. Na tese de doutoramento de Maria José Casa Nova (2009), a autora aponta que só é possível a convivência a partir da interação dos sujeitos nos mais diversos espaços de sociabilidade. Seguindo este pensamento, compreendemos que discutir a construção do imaginário e das representações, sobre os ciganos e sua cultura, revela-se o desafio que é pensar o que a sociedade sobralense entendia como diferença, pois somos cientes que cada povo é detentor de uma cultura, a qual pode ter pontos comuns ou díspares.

Geertz (2003) aponta que o homem tende a considerar como cultura o que pratica, herda, difunde e discursa, sendo, portanto, qualquer outro comportamento díspar do seu considerado como incivilizado, bárbaro. Os sobralenses não conseguiam deixar de alimentar no imaginário coletivo uma representação de magia e beleza e ao mesmo tempo de medo. Esse mal foi ocasionado pelo desconhecimento das tradições e da cultura cigana, por parte dos

moradores da cidade, que contribuíram por um lado com os mitos e lendas, sendo esses representados pela difusão de um imaginário do cigano como portador de uma vida aventureira. Por outro lado, o imaginário popular, os associou como sendo bruxos, traiçoeiros, desonestos que matavam e roubavam crianças.

Historicamente, os ciganos vivem de práticas sociais, histórias de vidas que remontam e atravessam sentidos diferentes da sociedade não cigana. O respeito pela cultura, pela diversidade e pelas raízes e origens de um povo é central e decisivo, pois o homem só se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura (MORIN, 2002). Afinal, o ser humano é a um só tempo: físico, biológico, psíquico, social, cultural e histórico. É nessa complexidade da natureza humana que os ciganos se articulam, como parte de uma sociedade que comporta os mais diversos saberes que nela existem, reconhecendo a diversidade e a pluralidade cultural do universo cigano.

3.2 A oportunidade do encontro: por uma escuta sensível

Tratar de narrativas, testemunhos orais e memórias exige do pesquisador um olhar transdisciplinar, uma vez que diversas questões se interpõem e misturam-se: história e memória, fontes orais e documentos, oralidade e escrita. Trabalhar com memória de velho tanto no quesito de metodologia quanto como arcabouço teórico, nos leva a construir uma relação de proximidade com o campo pesquisado.

Afinal, trabalhar com a narrativa de pessoas velhas precisa inicialmente de uma aproximação e conquista de confiança entre o narrador. Afinal, os mesmos muitas vezes consideram que não tem nada de importante a contar, consideram-se muitas vezes como inúteis em relação ao saber da sociedade moderna (JUCÁ, 2009). No entanto, ao optar pelo trabalho com as narrativas dos ciganos velhos, nos deparamos com outra realidade diversa da descrita acima, pois os velhos ciganos quando confiam em um indivíduo não se mostram constrangidos em falar, ao contrário, falam abertamente sobre sua história, cultura e sobre a vida cotidiana. Ressaltamos que as narrativas dos ciganos podem ser tendenciosas ao colocá-los em uma posição favorável na história, o que deve deixar o pesquisador atento, para não ser influenciado pela fala de seu narrador.

Destacamos que os ciganos não deixam de falar do preconceito, das representações da má fama, das distorções culturais e identitárias que permeiam sua história. O Sr. Valdemar relatou também sobre o modo de vida da comunidade não cigana ser mais forte

que os de uma pequena comunidade cigana. Ele nos revela que as jovens, e principalmente as mais jovens, se aculturam de tal modo, a ponto de renegarem suas próprias origens, como se esta constituísse demérito ou desonra. Isto é visível na fala do Capitão Valdemar: “mas quero que se veja, mas num tem... tem jeito, não. Pá, Pá, ajeitar. Os mais novo, esse novo de hoje, inda mais as moçadinha nova, elas num querem nem dizer que são mais cigana” (Sr. Valdemar, entrevista realizada em maio/2013).

O Sr. Valdemar nos contou, ainda, que “muitos valores se perderam depois que se misturou os ciganos com os não ciganos, a intinerância acabou, mas a ciganidade, não” (Sr. Valdemar, entrevista realizada em maio/2013), observamos que ao longo do tempo muito coisa vem se modificando na história dos ciganos do Bairro Sumaré. Diante disso, abrir as cortinas e adentrar no caminho de alargamento para a pesquisa que ora desenvolvemos com os ciganos é compreender o passado como um presente invisível, é percorrer um território como parte globalizada de um conhecimento historicamente acumulado pelo grupo sociocultural cigano.

Todavia, para entender as vivências dos ciganos do Sumaré hoje, é necessário retomar o passado a partir das lembranças que afloram no esquecimento e no saber do Sr. Valdemar e do Sr. Benoar. Entretanto, as memórias dos Senhores Valdemar e do Sr. Benoar são fenômenos sempre atuais, são fios vividos num presente contínuo e que aproximam passado e futuro.

O primeiro contato com o nosso objeto de pesquisa ocorreu a partir de um encontro com o seu Benoar (atual líder da comunidade), quando fui ao campo da pesquisa pela primeira vez, no Alto do Sumaré¹⁴. Durante o percurso fiquei apreensiva e ansiosa, pois todas aquelas imagens estereotipadas tomavam os meus pensamentos, afinal, a pesquisa de campo coloca o pesquisador frente a uma série de provocações, as quais, também, o leva a relativizar verdades e concepções de mundo (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006).

Era uma manhã quando me dirigi à Rua Maria Benvinda, conhecida como rua principal, “rua dos ciganos” que dá acesso às residências de boa parte das famílias ciganas, à procura de falar com o Sr. Benoar., segui até a Rua Marli, ao chegar havia muitos ciganos sentados nas calçadas, estacionei a moto, desci e perguntei onde ficava a casa do Sr. Benoar. Ao chegar à residência me apresentei e expus os motivos que me levaram a procurá-lo. Fui convidada a sentar o que gerou em mim uma inquietação, afinal, a moto se encontrava estacionada do lado de fora da casa, o que me tirava à concentração, pois a ideia de que a

¹⁴ Fica localizado na saída de Sobral para Crateús entre a BR 222, o riacho Mucambinho e a linha férrea, isolado do centro da cidade. Pelo censo de 2010 IBGE, o bairro é populoso com 16.060 habitantes (IBGE, 2016).

qualquer hora a moto fosse roubada. Fui convidada a tomar água e café, aos poucos fui me acalmando e a conversa fluiu. Em um dado momento, chegou uma cigana com o nome de Zezita sentou-se e começou a participar da conversa falando sobre a imagem negativa que o povo tem do cigano. Logo em seguida chegou outra cigana com o nome de Dulcineide e me perguntou se eu era uma jornalista que ia apresentar para a Presidente Dilma os direitos dos ciganos, no mesmo instante também fui interrogada com a seguinte frase: “o que os ciganos ganhavam com esse trabalho que eu estava realizando”? Comecei por responder que era professora e estava pesquisando os ciganos e buscava com a pesquisa contribuir com os jovens e profissionais da educação para o conhecimento de outras culturas.

Nesse primeiro contato senti receptividade e confiança por parte dos ciganos, o que me impulsionou a seguir com a pesquisa, naquele momento muitas possibilidades de interpretação e análise me vieram a mente, a mais forte foi de uma comunidade esquecida pelo tempo, pela história, a meu entender, fato gerado tanto pelas representações difundidas na sociedade, quanto pela produção e desconhecimento da cultura cigana, o que para nós historiadores da educação entendemos como a história de um povo esquecido, de vozes silenciadas pelo processo de exclusão social.

Afinal, como os próprios ciganos dizem: “acho muito interessante esse trabalho com a gente, só assim a gente é lembrado”. Nesse momento percebi minha aceitação no grupo e conduzi os caminhos da pesquisa com encontros pontuais conforme dias e horários marcados. Em virtude das ocupações dos entrevistados essas conversas perduraram por dois anos. Neste primeiro instante meu interesse era manter aproximação com o grupo para compreender o que motivou os ciganos a se fixarem na cidade de Sobral e como se constituía as relações de sociabilidade com os moradores do bairro.

A reflexão sobre a continuidade da pesquisa, juntamente com a interpelação da realidade e os dados recolhidos, conscientizaram-me de que havia pontos de aproximação e afastamento, divergências e ambiguidades, presentes no processo da sociabilidade dos ciganos em Sobral, bem como a problemática que o grupo passa na atualidade, gerada pelo conflito entre as gerações mais velhas e as novas gerações, as quais mantêm seus laços de pertencimento através da oralidade e manutenção de costumes e valores, considerados ultrapassados pelas novas gerações. Todavia faz-se necessário recorrer ao passado para conhecer esses povos como parte integrante do povo brasileiro.

3.3 O lócus da pesquisa: o Bairro Sumaré

O Bairro Sumaré é o campo da pesquisa e seara cultural de sociabilidade e integração dos ciganos, é um espaço de histórias, memórias, vivências, lutas e conflitos. Local é nomeado como o ‘bairro dos ciganos’. E assim ressalta-se aqui o documentário “Sobral no plural” de Nilson Almino de Freitas e a carta de Dona Marizor, uma das primeiras moradoras do bairro, referenciais utilizados para a construção desse corpo teórico.

Parafraseando Benjamin (1994), tudo na história tem uma razão de ser, para entender o presente é necessário retomar o passado. A comunidade cigana do Bairro Sumaré cumpre papel central na história do bairro. O Bairro Sumaré fica na cidade de Sobral, localizado próximo a linha férrea Sobral/Crateús e a estrada BR222 de Fortaleza/Teresina, área de solo acidentado e isolado do centro urbano.

O senhor João Cardozo do Nascimento¹⁵, sendo o primeiro morador do bairro e em suas andanças procurando um lugar para se abrigar com sua família, encontrou naquela época ali uma espécie de paraíso, “só tinha uma casa, muita árvore, a ventilação era forte só se ouvia apenas os cantos dos pássaros, a noite fazia medo porque era muito escuro, em noite de lua clara tudo era melhor”. Apesar de ser um local pouco habitado, devido a sua localização geográfica, na época chuvosa era bastante visitado por quem desejava apreciar as correntezas das águas que corriam do Rio Jaibaras para o Rio Acaraú.

Nessa mesma época apareceu o Sr. Chico Petronilho¹⁶ dizendo que era dono das terras e os poucos moradores que já se encontravam lá tiveram que pagar. O dinheiro era o tostão e o terreno se media por palmo. O bairro cresceu com os impactos das ocupações dos terrenos que foram dando lugar às pastorais, associações, igrejas, escolas, casas e estabelecimentos comerciais.

A famosa bodega do Sr. Iôião era o local que também se negociava a compra e venda de lotes de terras, os tropeiros. Segundo o Houaiss (2010), a palavra tropeiro significa condutor de tropas, de cargas e de gado pois quando ali chegavam, faziam suas transações comerciais e construía suas casas. Entre os fatos históricos do bairro é oportuno realçar que havia um cruzeiro onde em frente fora construída a primeira capela, que recebera o nome de São Miguel Arcanjo. Todas as noites os moradores se reuniam para conversar, os rapazes e moças se divertiam sentados ao redor do cruzeiro, que era o “point” dos moradores do bairro.

¹⁵O Sr. João Cardozo do Nascimento pai de Dona Maria Cardozo do Nascimento conhecida como Dona Marizor foi o primeiro morador do bairro. Dona Marizor em seus escritos nos relata a chegada dos ciganos no bairro.

¹⁶Morador da cidade de Sobral que dizia ser dono dos lotes de terras no Bairro Sumaré.

Naquela capela era celebrada as missas por Dom José Tupinambá da Frota e pelo Pe. Palhano de Sabóia¹⁷. Posteriormente, a capela foi demolida dando lugar a uma escola e o cruzeiro foi transferido para catedral da Sé, onde até hoje encontra-se reerguido. Foi um momento de desgosto e aflição para os moradores. Hoje no bairro encontra-se uma réplica do cruzeiro em frente a Paróquia São José.

O casal de espírito religioso José Modesto Ferreira e Maria Dolores Mendes Ferreira Gomes construíram, com ajuda dos moradores do bairro em um terreno doado pelo Sr. Manuel Figueira, a Capela São José. Ao lado só havia mato e bem próximo uma casa que abrigava índios. A igreja foi inaugurada no ano de 1947 com uma missa celebrada por Dom José Tupinambá da Frota, Pe. José Palhano e Pe. Valdir¹⁸. Essa obra contribuiu para o desenvolvimento do bairro.

Com a construção da igreja o bairro tomou uma nova configuração e outras benfeitorias, chegaram ao Sumaré: o Colégio Lions Clube de Sobral, a Sociedade de apoio as famílias sobralenses (SAFS). Para os moradores, foram contribuições que possibilitaram às crianças e às famílias a terem melhor qualidade de vida. As casas de taipa foram construídas de alvenaria, as crianças passaram a receber assistência e eram apadrinhadas por pessoas que possuíam melhores condições financeiras, enfim o grupo dos ciganos iniciava a apropriação cultural dos sobralenses ao mesmo tempo em que difundiam pela cidade de Sobral seus valores, saberes e cultura.

Embasado no documentário “Sobral Plural”, de Nilson Almino de Freitas, o Bairro Sumaré resulta do processo de ocupação com urbanização espontânea, o que repercute no arruamento irregular sem racionalização das quadras e quarteirões. As casas são conjugadas e o material utilizado varia entre tijolo e barro batido sendo considerado um bairro antigo da cidade onde sua ocupação ocorreu nos meados da década de 1930. A historiografia revela que o bairro é populoso e tem cerca de 16.060 habitantes (IBGE, 2016).

Destarte, o bairro se desenha num mosaico cultural diversificado e foi nesse bairro que os ciganos fizeram morada. É nessa construção plural de alteridade e experiências vivenciadas que a possibilidade de um duplo jogo de papeis se instaura no Bairro Sumaré, cada morador conta a história do local a partir do que narram revelando um protagonismo histórico e suas participações na memória social do bairro. Como os próprios moradores dizem: “no bairro tem de tudo”. Pessoas que se destacaram na política partidária e na polícia, artesãs, grupo

¹⁷Prefeito que governou a cidade de 1959 a 1963.

¹⁸Vigário na igreja catedral de Sobral onde desempenhou os seus serviços religiosos auxiliando o Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Na paróquia o seu trabalho pastoral era bem diversificado. Pe. Valdir Nasceu em 1931 e veio a falecer em 2001 na cidade de Sobral-CE.

de convivência de idosos, rezadeiras, ciganos e grupo quadrilheiro. Em suma, as relações dos moradores com os imigrantes que lá chegaram se articulam e se estreitam a partir de um choque cultural, de resistência, rejeição e troca cultural de possibilidades que se constituem numa teia de significados nas relações cotidianas.

Em síntese, ao relatarmos a história do Bairro Sumaré não podemos fazer um divisor de águas. Sabemos que os ciganos fazem parte dessa história, como afirma Thompson (1992), o que faz parte de nós mesmos e que pode estar ali adormecido como uma tatuagem nos possibilita lembrar a cada dia da sua existência. Portanto, relatar a história do bairro é entender, como parte dela, a existência dos ciganos.

3.4 A memória revisitada: os ciganos e a ocupação no Bairro Sumaré

O texto que segue apresenta o processo de inserção e de sociabilidade dos ciganos com os moradores do Bairro Sumaré, a partir da memória dos ciganos mais velhos, o tema em discussão apresenta como se deu a chegada do grupo no bairro.

Conhecer, aprender, guardar, recordar, contar e ouvir histórias faz parte da literatura popular, Bergson (1999) faz aproximações com a lembrança, distinguindo entre elas dois tipos, quais sejam: a lembrança espontânea, imediatamente perfeita, onde o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. E a lembrança aprendida, esta segundo Bergson, sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida tornar-se-á cada vez mais impessoal. Das duas memórias apresentadas, observa-se que a primeira parece, portanto, ser efetivamente a memória por excelência.

Para Bergson, a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, "ela prolonga o passado no presente" (BERGSON, 2006, p. 247), e "é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida" (BERGSON, 2006, p. 179). A esse respeito podemos citar o momento da chegada dos ciganos no Bairro Sumaré no ano de 1974, quando as correntezas das águas já não mais permitiam que os mesmos permanecessem no Bairro Dom Expedito¹⁹. Nessa mesma época foram enviados para o Bairro

¹⁹O Bairro Dom Expedito, situado no município de Sobral, também conhecido como a margem direita do Rio Acaraú, é delimitado ao norte por este rio, ao sul pelo Riacho da Várzea Grande (antigo Oiticica), ao leste pela ponte Othon de Alencar e Avenida Senador Fernandes Távora, e a oeste pela BR 222. Localiza-se ao sul do município e ocupa uma área de 1.006.940 m², com uma população de aproximadamente 5.424 habitantes. A história do bairro se entrelaça com a história de Sobral. Sua primeira denominação foi Monte Castelo, surgido

Sumaré por ordem do Prefeito, José Parente Prado, muitos moradores ficaram atemorizados e migraram para outros locais, nesse contexto um novo cenário emerge, o bairro passa por transformações e mudanças.

Os laços antes mantidos entre ciganos foram se alargando e acabaram unindo o destino desse povo à cidade de Sobral. É certo que os conflitos de interesses não surgem por acaso estão relacionados com o lugar social que cada morador ocupa, pois é a partir dos lugares que as estratégias e táticas surgem conforme os interesses dos moradores, destarte criam e recriam formas de fazer e viver o espaço (CERTEAU, 2005). Historicamente, os ciganos se constituem como povos que se relacionaram com o lugar e o tempo de forma particular, a seu modo, ou seja, não pertencem às modalidades fixas das sociedades não ciganas. Esse sentido de não pertença fez com que eles nunca se vissem dentro de uma nação e de suas estruturas.

Michel de Certeau nos ajuda a pensar sobre as pessoas comuns, que não estão carregadas de heroísmos oficiais e vitórias inquestionáveis. Ajuda-nos a entender o “caminhante inumerável” (CERTEAU, 2005), aquele que normalmente está fora das estatísticas e que percorre a periferia dos estudos historiográficos e também está alijado de políticas públicas. No caso dos ciganos, essa exigência parece estar na ordem do dia, a tão propalada ‘inclusão’, não os toca, o que para eles é fundamental é conseguir sobreviver em meio a uma sociedade que não os deseja.

3.5 Os ciganos do Bairro Sumaré: história, memória e trajetórias de vida

Durante muitos séculos, os ciganos mantiveram-se como nômades, viajando por entre caminhos e descansando de suas jornadas ao encontrarem abrigo em alguma vila ou cidade, que garantia aos mesmos, condições de sobrevivência a partir de seus trabalhos. No entanto, desde meados do século XX, esses grupos iniciaram o processo de sedentarização, o qual foi ocasionado pelas transformações que regiam o mundo a partir da ideia de progresso, tal visão era dramática revelando- se como um acúmulo de catástrofes, dessa forma passaram a conviver numa sociedade marcada pela desigualdade e conflitos sociais, o qual caracterizavam os indivíduos portadores da cultura nômade, como forasteiros e, em determinados momentos, como classe perigosa.

na época da Segunda Guerra Mundial, na batalha de Monte Castelo ocorrida na Itália. Posteriormente, foi dado ao local o nome de Dom Expedito em homenagem ao bispo sobralense (Dom Expedito) que fora assassinado em 1957, pelo sacerdote Hosana de Siqueira e Silva na cidade de Garanhuns – Pernambuco.

Dessa maneira, à medida que o grupo de ciganos encontravam condições de sobrevivência e apoio do poder local ficavam instalados e sedentarizavam-se em diversas regiões do Brasil e do mundo. Diante desse cenário, os primeiros ciganos chegaram à cidade de Sobral por volta do ano de 1936, recebendo o apoio do líder político da cidade, Francisco de Almeida Monte²⁰, montaram acampamento às margens do Rio Acaraú e aos poucos foram integrando-se junto aos sobralenses. Antes de chegarem à cidade, vagavam em caravana pelas cidades do Nordeste, sendo o ponto de partida a Bahia, passando pelo Maranhão, chegando até o Piauí, de onde desembocaram até Sobral e hoje se encontram fixados no Bairro Sumaré.

No entanto, a presença dos ciganos em Sobral já é mais novidade para a cidade, pois, segundo a fala do Sr. Benoar, “a primeira comitiva de ciganos passou pela cidade no ano de 1936, o grupo de ciganos apresentou o atestado de boa conduta ao delegado da polícia militar, José Nicodemus de Araújo²¹”, documento esse que, segundo o entrevistado, permitiu que os mesmos acampassem na cidade. Analisando a fala do entrevistado, podemos perceber que era comum aos grupos de ciganos que caminhavam pelas estradas brasileiras, levarem consigo um atestado de boa conduta da última cidade onde permaneciam por tempo indeterminado.

Logo, a sedentarização só ocorria quando o grupo encontrava condições favoráveis para a manutenção dos costumes e sobrevivência do grupo. Não sabemos ao certo as razões que levaram os primeiros grupos que passaram pela cidade em análise a seguir viagem, já que foram autorizados a permanecerem nela acampados.

Os fios da memória do Sr. Benoar, apesar de fragmentada, nos indicam um dos possíveis fatores que levou o Coronel Chico Monte apoiar a estadia do grupo de ciganos que chega a Sobral na década de 1936. Como podemos observar nesta fala: “(...) o Coronel Valdemar quando saía em caravana com seu grupo levava o atestado de boa conduta para apresentar a autoridade da cidade onde iria acampar, para que fosse liberada a entrada dos ciganos”.

Dessa forma, segundo a fala do Sr. Benoar, podemos inferir que esse documento dava livre acesso para o grupo acampar na cidade. Ainda segundo Benoar, “o grupo ficava acampado, debaixo das oiticicas que dava acesso ao Bairro Dom Expedito como já tinham influências com o líder político local Coronel Chico Monte, isso favoreceu aos ciganos uma

²⁰Coronel Francisco Monte de Almeida, fazendeiro, homem de poucas letras pelo charme de sua valentia pessoal e jeito bonacheirão, tinha o apoio popular, principalmente na sede do município de Sobral-CE. Foi um líder político desbravado e corajoso o qual os ciganos tiveram uma aproximação e acolhimento nos alpendres de sua fazenda “Pocinhos”. (COSTA, 1982, p. 126-127, grifo nosso).

²¹Tenente Coronel do 3º batalhão da polícia militar do estado do Ceará.

proteção e segurança mostrando que ali era um local mais do que desejado para a fixação do grupo”. Analisando a narrativa do entrevistado, podemos perceber que a mesma é fragmentada, revelando uma confusão temporal nos fatos da chegada do primeiro grupo a cidade, no ano de 1936, e na instalação do seu grupo na cidade na década de 1970.

No entanto, apesar de diluída, a narrativa do Sr. Benoar é compreendida como relevante para entendermos o processo de sedentarização e desenvolvimento da comunidade cigana na cidade. Afinal, segundo Alberti (2004), os trabalhos com a memória detêm uma elasticidade, um ir e vir temporal, especialmente quando se trata de experiências transmitidas a partir da oralidade, as quais podem sofrer a interferência das emoções ou mesmo da ação do tempo sobre as experiências vivenciadas ou apreendidas.

No ano de 1974, em Sobral, ocorreu uma grande enchente, inundando boa parte do Bairro Dom Exedito, motivo esse que levou os ciganos a subirem a ladeira do Alto do Facão com a ordem do prefeito da época, José Parente Prado²². Os ciganos já conhecidos pelas autoridades locais como desprendidos, desbravados e corajosos foram enviados para o Alto do Facão. O bairro detinha esse nome porque algumas famílias que lá residiam, brigavam entre si e quando isso acontecia só falavam em puxar o facão²³. Ressaltamos que nesse período, 1974, era comum o modelo patriarcal familiar, onde o hábito da briga entre famílias rivais era solucionado com a morte dos membros das famílias. Posteriormente, “O referido bairro passou a ser chamado Alto do Sumaré, e aprovado pela lei municipal 107/89 de 07/11/1989. Recebendo este nome pelo prefeito de Sobral, o Sr. Antonio Frota Cavalcante²⁴, que costumava ir até o alto da cidade e dizia o meu “Sul é uma maré” por motivo do volume das águas”; viam-se lá de cima as correntezas das águas que desciam do Açude Jaibaras e do Rio Acaraú (HISTÓRIA..., 2015).

Devido aos estereótipos associados aos ciganos, por ainda serem nômades, foram rechaçados pelos moradores do Sumaré, que não queriam eles habitando aquela região. Segundo a narrativa do Sr. Benoar sobre a instalação da comunidade no Bairro do Sumaré, o mesmo diz que: “[...] a polícia não entrava no bairro para fazer patrulhamento”. E afirma que somente após a chegada dos ciganos, o bairro passou a ter um sistema de patrulha, uma vez que eles próprios, à noite, começaram a fazer o patrulhamento do bairro a mando do Coronel da polícia José Nicodemus de Araújo.

²²Esteve sempre em defesa do pobre, esse jeito simples, amigo e companheiro de fazer política cativou até adversários, que se rendiam a um abraço do “Zé dos Pobres”, como era conhecido pela população sobralense. Prefeito eleito 1973-1977.

²³Narrativas da carta pessoal de Dona Marizor uma das primeiras moradoras do Bairro Sumaré. Ver: Jornal correio da Semana.

²⁴Sr. Antonio Frota Cavalcante foi prefeito de Sobral (1951-1954) (ARCO..., 2015).

Analisando o processo de fixação do grupo do Sr. Benoar, no Bairro do Sumaré, podemos inferir que a presença dos ciganos justificava o apaziguamento dos conflitos que existiam no Bairro, à medida que na fala do depoente, o mesmo enfatiza que o coronel da polícia deu aos ciganos a responsabilidade de patrulhar o bairro durante a noite. Dessa maneira, reconhecemos que apesar de serem estereotipados pela população, os mesmos usarem da estratégia de associação ao poder local, para firmarem sua identidade e fortalecerem seus laços de pertencimento à cidade, à medida que se delegam como os responsáveis pela pacificação do Bairro do Sumaré.

Entretanto, percebemos na fala do narrador, as estratégias²⁵ adotadas pelos ciganos para combater os estereótipos de classe perigosa, de ladrões e vagabundos que a eles era associado pelo senso comum. No relato, Sr. Benoar afirma que,

[...] os maus elementos da comunidade, não deixavam o comandante, junto com a polícia subir para o alto do Sumaré, e quando subia era uma dificuldade devido às estradas não prestarem, e esses elementos viviam casando e batizando- tanto é que, na época os ciganos já conhecidos pela boa conduta na cidade, o coronel José Nicodemus de Araújo, que era o militar que ordenava na cidade, mandou chamar seu padrinho Sr. Valdemar Pires Cavalcante, sendo o mesmo, o líder da comunidade cigana de Sobral e o chefe dos ciganos, para dar uma ordem, perguntando quantos homens na época tinha na família, com base de 60 homens, disse ao chefe dos ciganos que só não podiam era matar e nem fazer danações, mas era para pegar os maus elementos e “meter a peia” e deixar vir só o recado para polícia. Toda noite se juntava 8 a 10 homens que fazia o patrulhamento no Bairro Sumaré desciam a ladeira por volta de 18:00 hs e caminhavam rumo ao matadouro que ficava próximo a linha férrea pois lá era um local bom para ver quem subia e descia do alto. Os ciganos assim nessa época ajudaram as autoridades a entrar na comunidade para executar os seus trabalhos da segurança do bairro.²⁶ (Sr. Benoar, entrevista realizada na residência do participante em maio/2013).

A partir da fala do narrador, compreendemos que o mesmo se apropria do discurso de protegido do prefeito e homem de confiança do Coronel da polícia como estratégia para justificar a fixação dos ciganos na cidade. Além do que, apropriando- nos do conceito de estratégia definido por Certeau (2005), percebemos que o uso da amizade entre ciganos e poder local, rompe com o preconceito e os estereótipos que eram reproduzidos pelos sobralenses sobre os ciganos. Ao mesmo tempo, que indiretamente elaboram o discurso de pertencimento e de responsáveis pela pacificação do Bairro Sumaré destacando que “só não podiam matar, nem fazer danações”, combatendo assim as representações de ordem negativa onde eram chamados de ladrões, assassinos e vadios.

²⁵Nesse contexto, adotamos o conceito de táticas e estratégias utilizado por Michell de Certeau para contornar situações de conflito ou de auto afirmação. Sobre táticas e estratégias (CERTEAU, 2005).

²⁶Benoar, profissão aposentado, idade, 72 anos. Entrevista realizada na residência do Sr. Benoar na data de 20 de abril de 2014.

4 AS FONTES ORAIS: AS MARCAS DA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Um dos pontos de amplo debate para os historiadores na sociedade industrializada é a veracidade das fontes orais de investigação, que mesmo com sua antiguidade existencial e tendo sido de grande importância para as sociedades pré-letradas, hoje tenta provar sua importância original. As fontes orais, com o processo de industrialização e a massificação do conhecimento com base nas produções letradas, passou a apresentar uma “fragilidade implícita”, assim “considerada universal e irreparável”.

Historicamente, a história oral ganhou força e lugar na cena histórica em meados do século XIX com o trabalho do historiador Jules Michelet, professor da École Normale, da Sorbone, e do Collège de France quando escreveu a História da Revolução Francesa (1847-53). Para o autor, “os documentos escritos deviam ser apenas uma entre muitas outras fontes”, ou seja, tudo que se referisse à história da França nesses anos era possível de ser usado pelo historiador como fonte de investigação, fazendo um entrelaçamento entre os documentos e o julgamento popular (THOMPSON, 1992).

A partir desse momento, as fontes orais ganham espaço no campo da investigação científica, porém podemos contribuir com essa informação socializando que muito antes, nas sociedades pré-letradas as fontes orais eram o único veículo com o passado. Um exemplo disso eram as sociedades africanas.

Thompson (1992) evidencia a importância da tradição oral africana para o debate sobre fontes orais com base no clássico de Jan Vansina (1965) *Oral Tradition: a study in historical methodology*. Em debate Vansina divide a tradição oral africana em cinco categorias, a saber:

[...] em primeiro lugar, há as fórmulas – fórmulas de aprendizagem, rituais, gritos de guerra e outros, os títulos. A seguir, há as listas de nomes de lugares e de nomes de pessoas. Vem, em seguida, a poesia oficial ou privada – histórica, religiosas ou pessoal. Em quarto lugar, há narrativas – históricas, didáticas, artísticas ou pessoais. Finalmente, há as memórias, legais e de outro tipo. (THOMPSON, 1992, p. 46).

É possível observar que as fontes orais eram veículos incontestáveis no passado, antes das sociedades letradas a mesma tinha vigor e prestígio na condução ancestral dos acontecimentos. Com o advento da pós-modernidade sofrem a desconfiança da sua veracidade, e como diz Thompson (1992, p. 50), “agora é o documento que se mantém como autoridade final e como garantia de transmissão para o futuro”. É como base nesse debate que queremos conduzir essa reflexão, pois se entende que a expressão dessa situação tem marginalizado

comunidades que originalmente são herdeiras da oralidade, como exemplo a comunidade cigana. Assim, que transformações ocorreram na pós-modernidade que alocaram a oralidade como fonte histórica de desconfiança? Com base nesse debate, como as comunidades que trazem a oralidade como marca de sua existência tem se reordenado na sociedade supostamente letrada?

Essa grande revolução, que se deu no campo da produção, impulsionada, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico que, ao utilizar recursos da microeletrônica, informática, automação industrial, robótica, entre outros, elevou consideravelmente a produção nos países desenvolvidos, apresentando assim novos paradigmas da produção, como também de transmissão da informação. Nesse cenário, Harvey (1989) advoga que “o acesso à informação”, “as informações precisas e atualizadas são agora uma mercadoria muito valorizada”.

Não obstante, a escrita passa a ser referência nas sociedades modernas, assim “tornou possível investigar o discurso de uma maneira diferente”, o que antes era legitimado pela oralidade. Com esse momento, as fontes orais sem uma expressão documental passam a ocupar um lugar de expressão passiva de fazer parte da documentação histórica. Esse fato é legitimado quando em 1948, Allan Nevins, historiador da Universidade de Colômbia, começa a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana (THOMPSON, 1992).

De fato, as fontes orais se colocando como apêndice das documentações históricas são, como diz Prins (2011), semipermanentes, ou seja, passivas de questionamento, passivas de veracidade, essa observação podemos localizar nos registros da comunidade cigana. Para a cultura letrada e documental, o questionamento tem base no seguinte ponto: será que as fontes orais ciganas dão sustentabilidade a sua história?

No próximo tópico, registramos o resultado das entrevistas com a família do Sr. Benoar, a fim de iniciar nossas análises acerca do objeto de pesquisa proposto. Dessa maneira, foram realizadas para o desenvolvimento dessa pesquisa cerca de 5 entrevistas com os ciganos de sexo masculino e feminino e faixa etária de 28-90 anos. A escolha dos entrevistados se deu em virtude da proposta dessa dissertação, que era compreender as transformações e mudanças ocorridas dentro da comunidade cigana do bairro do Sumaré. Dessa maneira, optamos por realizar a seleção de ciganos mais velhos devido a sua capacidade de rememorar a história da comunidade e sua chegada a instalação ao bairro, portanto optamos pela escolha dos ciganos mais idosos que vivenciaram esse momento histórico. Quanto a seleção dos entrevistados mais jovens, optamos por escolher aqueles que reconhecem ainda a sua origem cigana e

mesmo não seguindo todas as tradições ciganas, ainda carregam marcas da cultura e alguns costumes dos ciganos.

4.1 Entrevistas com os ciganos: revisitando a memória dos ciganos no Bairro Sumaré

A memória dos ciganos funciona como um álbum ou como um livro e se inscrevem histórias e recordações. Por meio da observação de participante e das entrevistas com a comunidade cigana em estudo, buscamos compreender as representações e práticas sociais desempenhadas pelo grupo cigano. Por meio destas fontes orais ciganas, interpretamos algumas apropriações simbólicas culturais em detrimento à cultura letrada, bem como analisamos comportamentos, valores, sentimentos e emoções tanto quanto captamos a vida cotidiana dos ciganos em seus ritmos variados.

Figura 1 – Família Cigana do Sr. Francisco Benoar Pires Cavalcante, residente no Bairro Sumaré. Da esquerda para a direita: Cigana Rosa, Natália, Batista, Thamires, o cigano Padre Zé, Osório, Benoar e Zezita



Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa maneira, as entrevistas com os ciganos ocorreram no Bairro Sumaré, na cidade de Sobral, os entrevistados, membros da família Pires Cavalcante²⁷, tinham uma faixa

²⁷A família Pires Cavalcante é parte da linhagem dos primeiros ciganos que ocuparam a cidade de Sobral, o Bairro Sumaré na década de 1970. Essa família é descendente do Capitão Valdemar Pires Cavalcante que foi o primeiro cigano a chegar a cidade de Sobral no ano de 1936, tendo construído relação pessoal com o Coronel Chico Monte.

etária de 28-90 anos (ver: Figura 1). As entrevistas foram realizadas na forma de história de vida, onde os depoentes falavam livremente de suas vidas, cultura e tradição cigana bem como das transformações ocorridas com a chegada do século XXI. A escolha dos entrevistados culminou no desejo de perceber o que permanece e o que se dilui na tradição da comunidade em estudo. Dessa forma, Maurice Halbwachs (2004, p. 85) nos lembra que “a história começa somente do ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito”.

Segundo Halbwachs (2004), a memória funciona como uma construção social que os indivíduos procuram recordar aquilo que é importante para o grupo do qual fazem parte. Para o autor as memórias são sempre coletivas e que mesmo não estando materialmente presentes, os indivíduos baseiam suas recordações em fatos e estruturas sociais e culturais do grupo em que viviam ou ainda vivem.

Com base no conceito de memória coletiva, acima descrito, entendemos a memória como representação do passado, a qual evoca as primeiras impressões e lembranças de outrora, portanto, essenciais no processo de compreensão da tradição, memória e cultura dos ciganos assentados na cidade de Sobral, no Bairro Sumaré. No entanto, analisar a tradição e a história dos ciganos do Bairro Sumaré revelou-se a nós como possibilidade de compreender e perceber o choque que existe entre a tradição dos antigos ciganos, que desejam sua continuidade, em contraposição com a nova geração de ciganos que adotaram os costumes vigentes da sociedade em que estão inseridos.

Destarte, é necessário discutir a importância da oralidade e o modo como ela se configura na comunidade cigana em estudo. Como uma poeira encrustada pelo tempo, dar voz e legitimar os saberes dos ciganos que permanecem presentes no imaginário popular, é que remetemos ao leitor uma vivência muito próxima daquela provocada por Halbwachs (2004, p. 75): “a memória apóia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita”.

Conforme a citação, a História Oral centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunho do vivido. Dessa forma, podemos perceber a importância na fala dos entrevistados como a história narrada por eles mesmos se revelam a partir das suas experiências e de suas lembranças, não só por refletirem essencialmente a sua tradição, seus costumes, sua cosmovisão, mas também por ditarem normas de comportamento para os que as compartilham: são os mais velhos – a sabedoria cigana – passando o seu verdadeiro ouro aos mais jovens e, assim, de geração em geração.

4.2 A fala do Sr. Benoar e as marcas da educação cigana

Figura 2 – Sr. Benoar, residente no Bairro Sumaré. Da esquerda para a direita: Benoar e Osório



Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha de trabalhar com a história de vida do cigano Benoar (ver: Figura 2), justifica-se pelo mesmo ser hoje o líder do grupo investigado e um dos membros mais velho, devido a isso ser também um dos responsáveis pela manutenção das tradições e ensinamentos da cultura cigana. Além do que, somos cientes que os mais velhos, encontram-se livres de condenações morais ou políticas quanto a suas experiências e falas (JUCÁ, 2011).

Relacionar os ciganos ao que tinham de pior é na verdade uma forma de bloqueio das suas memórias e da sua cultura, no entanto, enquanto a sociedade desconhecer a história dos ciganos e seus hábitos, eles ainda serão um povo desconhecido e, por isso, suscetível à discriminação. Bosi (1994, p. 19) nos lembra que “a memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam e não se afastariam”. Legitimadas pelas fontes orais, a comunidade cigana apesar de nômade, se apoia nos espaços e nas relações de sociais como elementos de combate ou melhor estratégia para auto afirmar-se como grupo livre de vícios e de periculosidade uns para com os outros e para a sociedade.

A apropriação desse discurso de boa conduta e proteção pelo chefe do poder local proporcionava aos ciganos a segurança de que necessitavam para a difusão da sua cultura e tradição nas cidades por onde circulavam. A difusão da cultura e tradição cigana fazia-se notar pela diferença que tinham em relação aos não ciganos. Giddens (2005, p. 40) comenta que “toda cultura tem seus próprios padrões de comportamento, os quais parecem estranhos às pessoas de outras formações culturais”. Essa diferenciação era perceptível pela forma de vestir e pela tradição das mulheres de ler a mão, adivinhando o futuro e predizendo simpatias para o combate dos males, que acometiam os cidadãos que por eles eram abordados e permitiam suas práticas.

Nas conversas com Sr. Benoar²⁸, as lembranças afloraram tranquilamente sobre a comunidade cigana, e mesmo que para nós parecesse sem sentido, a narrativa do depoente estava interligada por uma invisível teia de lembranças, onde passado e presente se confundem e fundem construindo uma tessitura entre o real e o imaginário.

Atualmente, a comunidade cigana de Sobral é liderada pelo Sr. Francisco Benoar Cavalcante, 72 anos, mais conhecido como Bena, de aparência sisuda e às vezes desconfiado. O Sr. Benoar nos relata que o seu padrinho Valdemar resolveu nomeá-lo como líder por ser um dos seus sobrinhos mais velhos. Benoar foi casado por quatro vezes, o primeiro e o segundo casamento com mulheres ciganas o terceiro e quarto, com mulheres não ciganas, vejamos nesta fala: “já vou para quarta mulher que convive comigo, dei uma parada no freio com a Vera Lúcia, essa que convive comigo e que só atende por Tatá com quem já vivo por trinta anos”.

Compreendendo a História Oral como, “a memória que remete algo mais do que o mundo pessoal deixando transparecer a relação do indivíduo e o seu meio social” (JUCÁ, 2011, p. 25). Benoar, a partir de suas experiências, nos conta a história do povo cigano especialmente a comunidade que se fixou em Sobral. Dessa forma, compreendemos que as narrativas do depoente se entrelaçam a partir de suas experiências e de como o mesmo as compreendeu. Entretanto, a compreensão da difusão cultural e educativa dos ciganos pode ser investigada e analisada, a partir da oralidade, afinal, sendo o recurso da memória passível de elasticidade no que se refere a temporalidade, o ir e vir na narrativa de Benoar, nada mais é do que a representação do processo de fixação do seu grupo na cidade de Sobral, a partir da forma como o mesmo cristalizou em sua memória esse acontecimento.

²⁸Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na residência do Sr. Benoar na data de 20 de abril de 2014.

O atual líder relata que por várias vezes sofreu preconceito devido sua origem, não obstante a afirmação da identidade de Benoar se faz presente em toda a sua narrativa, tomando como referência a cidade de Sobral como podemos verificar

[...] eu nasci no estado do Piauí num município de Porto de Marruais, lugar por nome Alve Verde na beira do rio Parnaíba, eu sou piauiense de nascimento, me batizei em Sobral e me naturalizei Sobralense, mais sou piauiense de nascimento. Meu registro de nascimento é de Sobral, toda minha documentação são sobralense, me naturalizei sobralense. (Entrevista realizada em outubro /2014).²⁹

Analisando o depoimento acima podemos perceber o sentimento de pertença e de identidade que o depoente carrega em sua memória quando ocupa a cidade. O entrevistado sempre ressalta a relação de proximidade entre os ciganos e o poder local, durante o processo de fixação, ao mesmo tempo em que afirma seu pertencimento à cidade, especialmente no Bairro Sumaré, quando relata que o bairro tornou-se pacífico após a fixação dos ciganos lá, destacando sempre que possível, que aos ciganos foi dada a responsabilidade de patrulhar e combater os maus comportamentos dos habitantes do bairro.

A percepção dessa necessidade, de construir uma relação identitária com a cidade de Sobral e com o Bairro do Sumaré, não leva Benoar a negar suas raízes e tradição cigana, à medida que, em seus relatos enfatiza que seu grupo já foi nômade por muitos anos, quando nos revela que “na década de 1970 naquela época a gente andava só perambulando a cavalo porque pelo comportamento da gente todo mundo tinha conhecimento por todo canto que a gente chegava” ainda diz que “agora as famílias estão sedentárias, nem todos os ciganos aceitam sua ascendência”.

Entretanto, percebemos a mudança na fisionomia e mesmo na fala do narrador, ao relatar sobre as gerações mais novas do seu grupo. Essas alterações segundo Amado (2000), são decorrentes da presença de ressentimento ou traumas com algum fato ou acontecimento. O que inferimos acontecer na narrativa de Benoar, pois sempre que fala das atuais gerações, seu olhar vagueia pelo espaço ao mesmo tempo em que a voz parece faltar, pois segundo o mesmo,

[...] as novas gerações, não cultivam os hábitos e costumes, como usar roupas compridas, não dançam e principalmente não aceitam o comprometimento dos casamentos arranjados pelos pais, não utilizam o dialeto egipciano, e não valorizam a leitura das mãos.³⁰ (Entrevista realizada em maio/2013).

²⁹Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na residência do Sr. Benoar na data de 18 de outubro de 2014.

³⁰Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 20 de maio de 2013).

Enfim, analisando a mudança que o narrador indiretamente assume ao falar sobre as novas gerações, podemos perceber a tristeza que o mesmo sente por perceber que a falta de interesse das gerações mais novas, pela cultura e tradição dos seus antepassados, pode simbolizar o fim do seu grupo, à medida que como cigano, compreende a manutenção da cultura e tradição, como essenciais para a continuidade da identidade do seu povo e de sua história.

Observamos na narrativa de Benoar o sentimento de rejeição sobre as gerações mais novas, à medida que os jovens ciganos se recusam a conhecer e a difundir os hábitos, comportamentos, tradições e costumes ciganos. Benoar sente-se como um pai que tem sua herança rejeitada pelos filhos, ao mesmo tempo em que se entristece por ter consciência que essa rejeição pode simbolizar a morte da identidade cigana, o fim da sua etnia. No entanto, é interessante observar na história de vida relatada pelo próprio, de forma inconsciente Benoar rompeu a tradição cigana à medida que relata ter casado duas vezes com mulheres não ciganas.

Numa perspectiva comparativa percebemos que os ciganos passam por um processo de aculturação, ou seja, passam a adquirir novos hábitos e rompem com a tradição ao entrar em contato com os não ciganos como vimos anteriormente em relação ao casamento. Entretanto, a narrativa de Benoar é entrelaçada por momentos de euforia e de silêncios, afinal, o narrador faz uso da sua memória para legitimar sua experiência ao mesmo tempo em que ressignifica as experiências vividas, legitimando-as por uma fala que justifica e defende seu ponto de vista.

[...] a função do líder é justamente repassar os ensinamentos, a cultura, a dança, as crenças, a leitura das mãos, o jogo de búzios e leitura de cartas de baralho, e também aconselhar os ciganos mais jovens. [...] atualmente os ciganos mais jovens estão dispersos se afastando de suas origens, pois hoje dentro da comunidade cigana existe uma mistura de ciganos e não ciganos, o que vem dando uma preocupação as lideranças do grupo, pois nós tememos a extinção dos ciganos.³¹

Analisando a fala do depoente, percebemos que o que une a comunidade são as tradições ancestrais, dentre elas destacamos a presença marcante da oralidade como elemento fundante do processo educativo e do fortalecimento da identidade cigana. Dessa maneira, ao traçar sua trajetória de vida, Benoar revela um desencanto com as novas gerações de ciganos. Sua fala é entremeada por silêncios, por um olhar marejado e certa inquietude nos gestos. Essa alteração na narrativa ocorre quando tece a ligação entre passado e presente: “[...] as crianças e os mais jovens não buscam mais interesse sobre o dialeto egípciano, nem querem mais saber

³¹Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 10 de maio/2013).

dos costumes, nem aprender a ler mão, botar baralho. Tão se misturando tudo com os não ciganos”.

A força da História Oral é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Enfim, ao contar sua história de vida, Benoar interliga fatos e eventos que experienciou de acordo com a situação e com as relações que ocorrem durante a narrativa. Dessa forma, a narrativa da história de vida nem sempre ocorre de forma consciente, pois compreendendo a memória como um processo, ela vai definindo seu contorno a partir das relações que estabelece entre passado presente e futuro, dialogando silenciosamente com seu locutor.

A comunidade cigana é marcada pela tradição identitária nômade, se apoia nos espaços e nas relações pessoais construídas com seus iguais. É perceptível na narrativa de Benoar que as lembranças tranquilamente afloram sobre a história do grupo cigano. No entanto, ao interligar passado, presente e futuro o narrador, percebe-se um desencanto com o presente e as nuances do futuro, enfim Benoar parece ressentido quanto às crianças e jovens ciganos que negam a sua identidade e rejeitam as tradições e hábitos culturais. Ansart (2004, p. 21-22) destaca que “é preciso compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, e quais comportamentos servem de fonte, que atitudes e condutas inspiram, consciente ou inconscientemente”.

A singularidade da trajetória apresentada se torna reveladora quando permite entrever as estratégias, posições, sentimentos e discursos, presentes nas narrativas do Sr. Benoar, durante o processo de sedentarização do grupo de ciganos na cidade de Sobral, no ano de 1974, até o presente. A despeito dos estereótipos associados aos ciganos, devemos levar em consideração como o narrador elabora um discurso de afirmação identitária do seu grupo frente aos ataques que recebiam da população da cidade de Sobral, além do que devemos levar em conta as estratégias de afirmação das suas tradições e cultura frente às novas gerações de ciganos, contribuindo para minimizar o desequilíbrio de forças existente.

O Sr. Benoar carrega em sua memória um passado que ainda repercute no presente, a riqueza de informações prestadas por intermédio da oralidade completa o dito e fornece o não dito sobre o grupo sociocultural cigano do Bairro Sumaré em Sobral, Ceará. Sempre receptivo e de aparência lustrosa, o depoente transfigura no seu semblante um sentimento de alegria e gratidão quando é convidado a participar das pesquisas para mostrar a história do seu grupo. Como ele mesmo fala “quando eu reflito esse momento me corta até a voz devido à

alegria que eu tenho, na época de hoje está ainda lúcido para eu poder explicar as coisas às pessoas”.

Logo entendemos que a narrativa do Sr. Benoar perpassa por diversos acontecimentos vividos e presenciados, pelos fios de sua memória nos revela a história da sua comunidade tomando como base a família, como podemos ver nesta fala: “[...] para saber essa história da comunidade cigana eu pesquisei a minha própria família, as distinções, os nomes, as misturas, como o mais adulto da família sempre pesquisei, sempre procurei saber dos meus pais e dos meus avós.³²

A partir da fala do entrevistado é possível notar que a referência e identidade do grupo cigano se encontram na linhagem familiar, pois é na família que os saberes, a tradição e os costumes se perpetuam de geração a geração. Ao usar a expressão “eu sempre pesquisei e procurei saber dos meus pais e meus avós”, o depoente relata a importância de conhecer suas origens e as tradições do seu grupo, dessa forma podemos entender que o passado tem forte influência no presente. Contudo, é no cotidiano das relações em família, tanto do ponto de vista ideológico (representações) como da organização social, que se recriam e reforçam o estilo de vida cigano, dando sentido a sua existência social.

É interessante perceber no depoimento apresentado as revelações da postura do ser e do agir na satisfação dos anseios pessoais do Sr. Benoar, ao mesmo tempo que expressa a importância e o reconhecimento da influência deixada pela educação dos mais velhos. Nas reminiscências suscitadas conforme nos revela o depoente, a figura do mais velho na comunidade cigana do Bairro Sumaré ainda permanece viva e tem uma representação valiosa e significativa dentro do grupo. Não obstante, é possível perceber que os ciganos necessitam do passado para se afirmarem no presente.

Ao lembrar de sua infância, o depoente nos revela “[...] nunca fui criança eu sempre fui adulto por causa da minha obediência, os meus pais nunca me bateram, nunca me escurraçaram, sempre me trataram com amor, carinho e fraternidade”.³³

Diante do exposto as lembranças da infância na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho mostram que essas recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006).

³²Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 20 de agosto de 2015).

³³Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 20 de outubro de 2015).

É possível perceber na fala do narrador quando expressa a “obediência” se referindo ao respeito pelos mais velhos ao mesmo tempo em que reconhece a sua função no grupo. Para tanto convém comentar que para entendermos com mais propriedade e significação o processo educativo das comunidades ciganas, lançamos o conceito de educação segundo Durkeim (1980). Para o autor, a educação é uma ação exercida pelos adultos sobre as crianças, a fim de integrá-las à sua comunidade e transmitir sua cultura. Neste sentido a educação torna-se uma atividade eminentemente social, onde os membros da comunidade aprendem e interiorizam as normas e modelos de ser, agir e pensar a partir das práticas exercidas pelos mais velhos.

As lembranças dos benefícios de uma educação, que se fixou na memória de Benoar e não mais se apagam, expressam um valor significativo e simbólico, dizia respeito ao reconhecimento do mérito adquirido e a transmissão do saber, entretanto, para o depoente nem sempre estudar era uma ação benéfica. Como podemos notar:

[...] eu me sinto mais feliz quando eu sento em banco de árvore para ser educador para os escritores e pessoas de alto nível, mas me formei na faculdade da vida uma das faculdades melhor, o mundo me ensinou, o que eu aprendi foi através da educação do meu pai e eu fui explorando a minha própria pessoa e eu explorei a minha capacidade e cheguei onde estou hoje.³⁴

Para analisar o depoimento acima apresentado, recorreremos ao pensamento de Tardif (2014). O autor nos lembra que a educação não tem uma origem precisa, não foi inventada, não começou em nenhum lugar, não é propriedade de um povo e de nenhuma cultura, ela é inerente à experiência humana. A partir desse conceito dado pelo autor, podemos avaliar que a educação cigana foge dos padrões formais de ensino, e se efetiva às atividades educativas a partir dos costumes e modos de vida exercidos pelos membros do grupo. A esse respeito, convém destacar que ninguém foge da educação, afinal estamos todos envolvidos na vida com ela (BRANDÃO, 2007).

Mesmo sem menosprezar a importância de uma formação escolar, Sr. Benoar reconhece ter aprendido a partir de suas experiências ao longo da vida e não nega que ao mesmo tempo que transmite os ensinamentos aos interessados em conhecer sua cultura, também educa os mais jovens de sua comunidade. Entretanto, para o entrevistado o tempo se configura como circular em um horizonte de eterno retorno, pois todo o acervo de crenças, ideias e técnicas a ser passado de uma geração a outra é constantemente reencenado (LÈVY, 1993).

³⁴Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 20 de agosto de 2015).

Marcados pela oralidade, os ciganos buscam sua identidade a partir dos saberes e costumes exercidos pelo grupo, entretanto, vale ressaltar que a educação nas sociedades ágrafas é ensinada por meio das crenças, repassada de uma geração a outra e processada num constante movimento de reiteração. No entanto, para os ciganos a palavra não identifica apenas a expressão dos sentimentos dos indivíduos ou a prática social da comunicação entre os membros do grupo, funciona como gestora da memória social. Dessa forma é inútil qualquer escritura, pois só a palavra basta.

De acordo com os argumentos nos depoimentos apresentados, os benefícios que resultam de uma formação educacional cigana sobrepunham-se à contradição das comunidades não ciganas. Dessa maneira, os ciganos confirmam o significado da educação a partir da relação homem e mundo que se concretiza nos mais diversos espaços sociais, a partir da troca do diálogo, da interação e valorização da cultura, uma vez que todos no grupo são capazes de ensinar e aprender de criar e recriar.

Se analisarmos com atenção a expressão usada pelo depoente “eu me sinto mais feliz quando eu sento em banco de árvore para ser educador para os escritores e pessoas de alto nível”, metaforicamente é como se a luz de um farol invadissem o seu interior e guiado pelas as lembranças de um tempo vivido, porém vivo e pulsante, o depoente rememora parte, antes de tudo, da ligação com objetos, espaços, e mesmo da sua vivência cotidiana em determinado contexto.

Conforme Halbwachs (2006, p. 97),

[...] quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem... Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio.

Não obstante, é possível perceber a sensação de alegria e de prazer na fala do Sr. Benoar, bem como os méritos e valores aprendidos no berço familiar e transferidos para o coletivo.

Diante dessa premissa, os espaços vivenciados pelo depoente são eloquentes e preciosos, pois ele tece ao mesmo tempo uma memória íntima e compartilhada num contexto multifacetado, dinâmico e cíclico. Ao revelar as lembranças, quando aprendera as primeiras letras e frequentou o curso de datilografia, Sr. Benoar nos revela

[...] os mais velhos alfabetizavam a gente, que naquela época era cobrir uma carta do alfabeto, colocava um papel ao meio pra saber se o aluno tinha boa memória, cobria a primeira letra e a última ia e voltava pra ver se o aluno sabia. Só li mesmo

a carta do alfabeto. Depois fiz um curso de datilografia aqui mesmo no Sumaré a professora era a tia Crispina. A minha educação foi através do berço e o mundo.³⁵

A sinceridade do depoimento apresentado denota a influência pela educação de um ensino tradicional, idealizado como modelo que deixou suas marcas naqueles que frequentavam a casa da professora Crispina no Bairro Sumaré, que funcionava para alfabetizar os moradores do referido bairro. A princípio tal comentário me pareceu uma manifestação eloquente e prazerosa de reconhecimento e valorização dos estudos na escola de Tia Crispina. Ao enfatizar “a minha educação foi através do berço e do mundo”, Benoar reconhece que o curso de datilografia teve um destaque significativo em sua formação educacional, entretanto, considera como reconhecimento da força educacional para o seu grupo a educação transmitida pelos mais velhos.

É curioso observar como as memórias de Benoar se afloram num presente contínuo, ao mesmo tempo que são influenciadas pelo seu grupo social, mesmo de forma inconsciente recorda os rituais praticados pelos membros da comunidade cigana quando se ocupam de prever o futuro. Como podemos verificar neste depoimento, “quando se chega a uma certa idade se faz umas previsões do que pode acontecer daquela idade por diante”.³⁶

Contudo, as memórias de Benoar não foram vivenciadas diretamente mas integram o conhecimento que o depoente tem de si e das experiências vivenciadas ao longo da vida. Essas são as memórias “emprestadas” que lhes servem como bagagem de suas lembranças vividas. É possível perceber em seu semblante as lembranças que se evocam, a partir das experiências adquiridas ao longo da vida, quando afirma “estou agradecido a Deus por tudo que vivi e quero que me conceda uns 75 anos”.

Para tanto falar das memórias dos velhos remete à experiência imediata e cotidiana sem eliminar os acontecimentos do passado. Dessa forma, recorreremos às palavras de Eclea Bosi (2004, p. 46-47)

[...] memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. [...] A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora.

A memória é, assim, responsável pela “conservação” das experiências, levando-nos a “reproduzir” o já vivido; este, todavia, é sempre reinventado, porquanto, quando lembramos, nos utilizamos de um registro a mais, o da imaginação. “A memória é essa reserva

³⁵Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 20 de outubro /2014).

³⁶Benoar, aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 20 de outubro de 2014).

crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência” (BOSI, 1996, p. 47). Por isso, se diz que a ponte entre o presente e o passado é feita pela memória.

Para tanto, as questões aqui analisadas podem servir de base para refletirmos também sobre os posicionamentos críticos e as possibilidades de ação dos grupos socioculturais e étnicos, que têm sofrido com o processo de globalização que adentrou dentro do grupo de ciganos que aos poucos vai fazendo ruir suas raízes ancestrais, tradições, cultura e educação, rompendo com o estilo e modo de vida cigana.

4.3 Cultura e tradição dos ciganos do Bairro Sumaré: entre a permanência e a ruptura

A sociedade moderna corrói, cada vez mais, a tradição, como já dizia Marx "tudo que é sólido desmancha no ar", "tudo que é sagrado, é profanado". Em interface a esse modelo de sociedade, marcada por uma dinâmica do desenvolvimento temporal onde as velhas tradições e antigos costumes não têm espaço, onde o passado se torna cada vez menos importante, para os ciganos é diferente: preservar os ensinamentos recebidos ainda é uma forma de cultivar a cultura e a tradição nas suas comunidades, haja vista que a tradição e a cultura das comunidades ciganas retratam o universo cigano a partir das práticas exercidas por eles.

Figura 3 – Gerações mais novas, residente no Bairro Sumaré. Da esquerda para a direita: Filha de Thamires, Natália, Raíssa, o filho de Tamires e Thamires



Fonte: Elaborado pela autora.

Na comunidade do Bairro Sumaré, muita coisa mudou (ver: Figura 3), os mais jovens já não seguem mais a tradição como podemos observar nesta fala: “o cigano hoje tá moderno tem moradia fixa, muitos jovens vive empregado e estudando a nossa vida é normal é uma vida boa, só o cigano legítimo que não deixa de ler carta, botar baralho e ler mão”³⁷ (Cigano Batista, entrevista realizada em maio/2015). Frente às transformações e adversidades enfrentadas no mundo moderno, os ciganos mais jovens rompem com a tradição, no entanto, de modo inconsciente, quando são convidados a participarem das pesquisas para relatar suas histórias de vida se remetem ao passado, fazendo alusão às tradições dos seus ancestrais, quando se apresentam com suas indumentárias e adereços na tentativa de preservar a cultura cigana.

A cultura que cada um faz é história e todas são manifestadas pela expressão, identificando que sempre existiu os conflitos que se tornam uma preocupação da atualidade, pois vivemos no tempo em que as transformações ocorrem constantemente em todo o mundo. Dessa forma, o mundo é visto tendo como referência a própria cultura, que pode ser identificada por vários contextos (LARAIA, 1999), no caso dos ciganos os ensinamentos compartilhados dos mais velhos para os mais novos é o que indica a própria herança cultural, que pode ser identificada com as articulações de um indivíduo e/ ou seu grupo pertencente.

É interessante enfatizar na fala do narrador quando o mesmo revela “só o cigano legítimo que não deixa de ler carta, botar baralho e ler mão. Vale ressaltar que entre a permanência e a ruptura da tradição por parte dos mais jovens, no bairro ainda há aqueles que seguem a tradição como é o caso de Batista, Zezita e Dulcineide, além de receberem seus clientes em casa fazem atendimento pelo centro e praças da cidade de Sobral ou seguem viagem para exercer seus trabalhos.

O valor do atendimento é variado, depende da disponibilidade e da vontade do agrado, bem como da familiaridade dos clientes com os ciganos e quantas vezes o cliente é atendido por semana ou por mês. O valor não é fixo, existem algumas variáveis na formação do preço, que já revela formas de convivência e de trocas, o preço varia conforme o serviço desejado pelo cliente. O jogo de cartas custa R\$ 20,00, já o dos búzios custa R\$ 100,00, pois, segundo eles, “puxam muita ciência”, no entanto, há clientes que não pagam.

Para tanto, tomamos o conceito de Eric Hobsbawm, quando afirma que as tradições legitimam determinados valores pela repetição de ritos antigos que se renovam e se

³⁷Batista, neto do coronel Valdemar Pires Cavalcante. Preserva a tradição e a cultura cigana na cidade de Sobral-CE. Trabalha com leitura de mãos, jogos de búzios e jogos da sorte. Entrevista realizada em sua residência em maio de 2015.

opõem a novos costumes. Assim, a tradição deve ser observada não como algo "dado", "estático", "congelado", mas algo em constante mudança, convivendo com a permanência (HOBSBAWM; RANGER, 2002). Frente ao exposto, a tradição cigana não se limita nas narrativas, lendas e mitos, ela está ligada ao comportamento cotidiano dos membros e da comunidade, ela é ao mesmo tempo princípios, valores, costumes e hábitos, que se perpetuam e se modificam a partir das manifestações e fatos históricos que marcam a vida da comunidade.

Uma das maneiras de manter viva a tradição nas comunidades ciganas é a utilização do idioma, o uso de uma linguagem própria e exclusiva falada pelos ciganos e proibida de ensinar aos não ciganos. Souza (2013) enfatiza que a língua não é exatamente um denominador comum, por causa de sua enorme variação dialetal, mas é reconhecida por muitos ciganos como expressão de sua diferença étnica. Para a comunidade em estudo, a linguagem é considerada um segredo milenar como podemos ver: “A língua cigana existe três formas de ser falada nós só ensinamos duas, a terceira é um segredo oculto porque não podemos entregar todos os apetrechos e nossas armas para os outros³⁸. (Sr. Benoar, entrevista realizada em 15 de maio de 2015).

Os ciganos são solidários entre si, formam grupos a parte e isolam-se uns dos outros (NUNES, 1996). Em determinadas situações, eles se automarginalizam quando se sentem em situação constrangedora ou ameaçados; usam a sua língua (o caló) como autodefesa, diferenciando-se assim dos não ciganos. Conversar com os ciganos mais velhos, assim como os ciganos mais novos, é sempre um desafio para o pesquisador, imerso num universo plural de acontecimentos. Eles continuam à margem da sociedade quando revelam sua cultura. Nas conversas com os ciganos percebemos que a língua revela muito a vida deles, pois as pessoas que a falam cruzam muitas fronteiras, fazendo com que os costumes e até mesmo algumas palavras permaneçam desconhecidas para os não ciganos, entretanto, para os ciganos isso se constitui num sério código de autopreservação em suas comunidades (FONSECA, 1996).

4.4 Entre o presente e o passado: os ciganos do Bairro Sumaré em tempos de modernidade

Estudar a formação sociocultural dos ciganos, em meio às intermitentes mudanças movidas pelo processo da globalização, é sempre desafiador. De fato, vivemos em um período

³⁸Benoar, profissão - aposentado, idade - 72 anos. Entrevista realizada na sua residência na data de 15 de maio de 2015.

evidente de transformações, seja na esfera social, política ou econômica, a modernidade tornou-se experimental e estamos presos a uma grande experiência fora de nosso controle, em uma aventura perigosa onde somos obrigados a participar.

Embasado no pensamento sociológico de Antony Giddens, o autor deixa claro que é impossível dissociar a constituição das sociedades modernas, em sua complexidade atual, sem levar em conta as consequências dramáticas que a globalização ou os riscos sociais imprimem, tanto ao indivíduo quanto às instituições modernas (GIDDENS, 2002).

No caso dos ciganos do Bairro Sumaré, um sentimento de transformação e o início de uma nova era já foi identificado com a miscigenação entre ciganos e não ciganos. Como podemos observar:

[...] para seguir a tradição ao pé da letra tem que começar no casamento eu já me desfocalizei nesse ponto porque estou casada pela segunda vez e os meus dois casamentos foi com os moradores. Também tentei manter a minha tradição botando cartas no centro da cidade mas devido eu ter estudado eu desaprendi muita coisa³⁹. (Natália, entrevista realizada em maio/2015).

Dessa forma, entendemos que a partir da interação dos ciganos com os moradores do bairro, a comunidade cigana passa por transformações em seu modo de vida, ao mesmo tempo que as barreiras do isolamento são rompidas com o casamento dos ciganos com não ciganos, ritual que acontece de forma constante na comunidade em estudo.

Ao analisar o depoimento, percebemos que mesmo rompendo com a tradição a entrevistada reconhece o casamento entre os ciganos como elemento promissor para manter viva a tradição do seu grupo. Ainda nesse depoimento, a depoente nos revela a oposição da cultura escolar em detrimento à cultura cigana, ao enfatizar que pelo fato de ter frequentado a escola desaprendeu a preservar sua própria cultura.

Dessa maneira passamos a nos questionar. Afinal que relação, podemos estabelecer entre a memória e a construção de uma identidade cultural cigana? Nas últimas décadas, o estudo das identidades tornou-se lugar-comum no campo das ciências sociais, sobretudo a partir dos anos 90. As mudanças históricas, ocorridas nesse período, conduziram à emergência do estudo das identidades como um referencial de compreensão e explicação das mudanças sociais, marcada por sociedades cada vez mais heterogêneas, culturas híbridas e grupos complexamente diversificados.

Percebe-se, assim, uma fragmentação das coesões sociais, outrora escamoteadas sob unidades territoriais, políticas e socioculturais, cedendo lugar a uma

³⁹Natália, 28 anos, casada, dona de casa, bisneta do Coronel Valdemar Pires Cavalcante e filha de Batista. Entrevista realizada em sua residência em 15 de maio de 2015.

multiplicidade de identidades, que reivindicam lugar e visibilidade ante o modelo de globalização econômica, política e cultural e a homogeneização dela advinda.

É justamente esse processo, composto de constantes empréstimos que põem em evidência as formações identitárias no interior dos grupos socioculturais ciganos e que se manifestam como reações deles no meio social. Nesse contexto, a centralidade sobre as relações sociais resultantes do intercâmbio entre indivíduos e grupos. Assim, os significados e as identidades são produzidos por esses grupos a partir de relações que estabelecem entresi e com os outros.

Peter Burke (2000) em seus estudos amarra a memória da pessoa à memória do grupo e a memória do grupo à tradição que é a memória coletiva de cada sociedade. A memória é, em parte, herdada, e não se refere apenas a vida física da pessoa, podem existir acontecimentos que traumatizam tanto marcam uma região ou um grupo, dessa maneira a memória também sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, e está sendo expressa (POLLAK, 1992).

Hoje, as transformações sofridas pela comunidade cigana do Bairro Sumaré se perpetuam em função da sociabilidade dos ciganos com os não ciganos, dessa forma passam por mudanças. Como podemos ver nesta fala: “as vezes eu me orgulho de ser cigana, mas no mercado financeiro eu me nego porque o cigano tem a sina de ser ladrão”⁴⁰ (Natália, entrevista realizada em maio/2015). Entre o presente e o passado, os ciganos como guardiões de uma memória coletiva vão constituindo suas identidades.

Com base nos estudos de Lopes (2008), não foram certamente os ciganos que se autodefiniram como ladrões, vigaristas, chicaneiros ou traficantes, mas é sob esse prisma negativo que, de forma globalizada, continuam a ser olhados por todos. Portanto, toda essa indiferença remonta também ao baixo nível socioeconômico em que vivem. Conforme as palavras do autor, essa afirmação nos remete a uma reflexão profunda no que diz respeito ao processo de exclusão social dos ciganos. Instituiu-se um olhar de ordem negativa a respeito desses grupos étnicos, enquanto grupos constitutivos de uma realidade mundial que não pode ser negada e, por isto, vivem em situação de desvantagem.

Para Castells, a identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo. [...] Toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece” (CASTELLS, 2000, p. 22-23). Ora, sabemos que a identidade possui um caráter relacional, ou seja, ela se define em

⁴⁰Natália, 28 anos, casada, dona de casa, bisneta do Coronel Valdemar Pires Cavalcante e filha de Batista. Entrevista realizada em sua residência em 15 de maio de 2015.

relação à alteridade, “depende, para existir, de algo fora dela: a saber [...], de uma identidade que ela não é [...], mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista [...]. A identidade é, assim, marcada pela diferença”.

Dessa maneira, a identidade da comunidade cigana do Bairro Sumaré tem ultrapassado as fronteiras do grupo cultural ao qual está inserida e vem sendo gradualmente construída em meio aos novos elos que a comunidade agrega. Pollak (1992) aponta que a identidade cultural de um grupo se constitui em referência aos demais e a partir dos critérios de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade, que se faz por meio da sociabilidade direta com ou outros.

O processo de formação da dinâmica identitária cultural se constitui por diferentes sujeitos, onde há uma permanente interação entre o vivido, o aprendido e o transmitido, conforme Pollak defende. A Comunidade cigana do Bairro Sumaré ao interagir com a sociedade não cigana começa a fazer parte dela, a agregar valor a ela e a ser também transformada por ela. Como podemos observar:

[...] aqui na minha casa os meus filhos são filhos de ciganos já meus netos não são porque um é casado com uma menina lá do Sinhá Saboia outro é casado com uma menina do Dom Expedito né e tem outro que era casado com uma cigana que é de São Luís que ele tá até separado, mas sempre esses mais antigos carrega a cultura cigana na religião dentro do sistema que é criado né lendo mão, botando baralho.⁴¹
(Cigano Batista, entrevista realizada em agosto/2014).

Nesta partilha, entre as culturas ciganas e não ciganas, é que desejamos a promoção de uma sociedade emancipada onde as diferenças culturais sejam respeitadas e valorizadas. Percebemos na fala do depoente que a família do cigano Batista já é mestiça pois começa a transformar seus modos de vida no casamento. É interessante ressaltar que os ciganos se consideram legítimos quando se casam com ciganos e preservam a tradição realizando seus ofícios como: a leitura das mãos, o jogo de cartas e o de búzios. Podemos observar que os mais velhos seguem a tradição familiar e estão sempre se remetendo ao um passado distante. Com afirma Maurice Halbwachs, a memória é um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes (HALBWACHS, 2004). Neste contexto, a Comunidade Cigana do Bairro Sumaré apesar de toda interação cultural com outros grupos sociais, vem ao longo do tempo, resguardando suas raízes e seu sentimento de pertencimento à cultura cigana.

⁴¹Batista, neto do Coronel Valdemar Pires Cavalcante. Trabalha com leitura de mãos, jogos de búzios e jogos da sorte. Entrevista realizada sem sua residência em maio de 2015.

Ao mostrar que a memória é uma construção social, Halbwachs também apontou que os indivíduos recordam aquilo que consideram importante para seu grupo. Para ele, as lembranças são sempre coletivas, pois, mesmo que em determinadas circunstâncias se esteja materialmente só, o indivíduo recorda tendo como referenciais estruturas simbólicas e culturais de um grupo social.

4.5 Os depoimentos do cigano Batista

Figura 4 – Cigano Batista, residente no Bairro Sumaré



Fonte: Elaborada pela autora.

O reconhecimento do valor das entrevistas como fonte histórica possibilita ao pesquisador principiante um roteiro seguro no campo da História Oral como opção metodológica, pois nessa perspectiva sua especificidade está no próprio fato de se prestar diversas abordagens adentrando num terreno multidisciplinar.

Entretanto, o terreno multidisciplinar que denominamos transdisciplinar da História Oral situa-se nos diferentes campos do saber, ao mesmo tempo que se revela como estratégia de captação de informações relativas às experiências vividas, pelos ciganos do Bairro Sumaré sejam elas pessoais ou sociais, pressupõe o apoio de um referencial que não se

alicerça na história tradicional dos fatos, das datas, dos personagens e dos heróis, mas na história como fruto de suas vivências, onde cada um possa ter voz e vez e ser protagonista, interlocutor e membro ativo da sociedade (JUCÁ, 2009).

Dessa forma tomamos como referência os ofícios exercidos pelo cigano Batista, pois percebemos a importância que ele tem no dia a dia da comunidade quando oferece seus serviços mágicos, a leitura das mãos e os jogos da sorte (búzios e cartas). Segundo o dicionário Houaiss, a palavra ofício significa: 1) qualquer atividade especializada de trabalho, ocupação, profissão; 2) função de que alguém se encarrega; e 3) conjunto de orações de um dia. Para os ciganos, a palavra ofício está relacionada ao modo de vida e não simplesmente ao trabalho e/ou à profissão.

Recorrendo ao conceito de Pesavento, a identidade implica nos costumes, hábitos e maneiras de ser e de viver dos grupos sociais, mais do que isso, se constitui e se revela em ritos e práticas sociais (PESAVENTO, 2008). A partir das práticas exercidas pelos ciganos, vamos percebendo como se constituem a identidade dos ciganos do Bairro Sumaré. Desse modo, as palavras do cigano Batista bem expressam essa formação identitária.

A vida cigana é uma vida boa porque o cigano vive de troca, ler mão, bota baralho tem o atendimento ajudando o próximo, botando cartas, jogo de búzio na linha branca, na linha do bem e a linha do bem você pode ajudar qualquer outra pessoa que é a linha branca chamada por nós ciganos que já nasce com o dom aí desenvolve também nos cultos Africanos Brasileiros de mãe menininha em Salvador na Bahia.⁴² (Cigano Batista, entrevista realizada em maio/2015).

Toda sociedade possui uma cultura, assim todos os indivíduos só vivem em sociedade devido à cultura, ou seja, à cultura é à vida em sociedade, nessa perspectiva cultura é o que se cultiva no social possibilitando os indivíduos a viverem em sociedade (BOSI, 1996). Vale ressaltar que todo universo cultural tem suas regras e códigos, entretanto, vale ressaltar que o universo cultural cigano é rico, complexo e plural. É por isso que, ao nos depararmos com uma pessoa de cultura diferente, acontecem confusões e mal-entendidos, pois o desentendimento provém do choque cultural, do contato entre duas culturas distintas. Nesse sentido, é possível lembrar das comunidades ciganas, pois é por meio da herança cultural que os ciganos se comunicam entre si e com os outros.

Embora os ciganos mais jovens não conservem a tradição, o grupo não se deixa diluir por suas fortes marcas identitárias. Dessa maneira, o alcance da tradição ainda permanece atuante na formação sociocultural dos ciganos do Bairro Sumaré. Entretanto,

⁴²Batista, neto do coronel Valdemar Pires Cavalcante. Preserva a tradição e a cultura cigana na cidade de Sobral-CE Trabalha com leitura de mãos, jogos de búzios e jogos da sorte. Entrevista realizada em sua residência em maio de 2015.

pensar na identidade de um povo ou de um grupo social é pensar nas teias de relações partilhadas e vivenciadas dentro do grupo.

Os ciganos do Bairro Sumaré há mais de 30 anos frequentam a porta do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Sobral⁴³, local onde já são conhecidos por realizarem seus ofícios. Dona Zezita⁴⁴, Dulcineide⁴⁵ e Batista todos os dias descem a ladeira do Alto do Sumaré para atender seus clientes e os que deles se aproximam. Como podemos observar neste depoimento: “nós atendemos o comércio todo, na santa casa, eu, a minha irmã e a cumade Zezita nós joga lá, os cliente sabe que ali é o nosso ponto”⁴⁶ (Cigano Batista, entrevista realizada em maio/2015). É revelador na fala do depoente a tônica dominante ao reconhecimento do “ser cigano” a partir das experiências sociais partilhadas e dos ofícios exercidos por eles percebemos como a vida cigana se constitui.

A busca de uma identidade coletiva, mesmo partindo de depoimentos individuais, não está desvinculada de um espaço cultural, mas eles se utilizam da preservação de uma memória, como uma possibilidade de garantir as sementes de um resgate profícuo à compreensão do passado (JUCÁ, 2011). Como podemos observar nesta fala “o cigano legítimo não deixa a tradição de ler cartas, botar baralho e ler mão e jogar búzios aí vai desenvolvendo porque isso daí já vem desde o início da vida cigana”⁴⁷ (Cigano Batista, entrevista realizada em maio/2015).

No teor dos relatos apresentados, os ciganos do Bairro Sumaré se revelam a partir dos seus serviços mágicos e das atividades realizadas em seu cotidiano. Nesse sentido, a cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, símbolos e valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social (BOSI, 1996). Tal definição dá à cultura um significa do próximo do ato de educar. Assim sendo, nessa perspectiva, a cultura cigana seria

⁴³Está localizada no coração da Região Norte do estado do Ceará, em Sobral, sendo um patrimônio histórico desta cidade. Hospital filantrópico e de caráter regional, tem 92% de sua área instalada a serviço do Sistema Único de Saúde - SUS, atendendo uma população estimada em mais de 1.500.000 habitantes, oriundos de 55 municípios. Tendo como provedora a Cúria Diocesana, a Santa Casa de Misericórdia de Sobral sempre caminhou sem perder seu objetivo de prestar atendimento aos mais necessitados, seguindo os princípios da Igreja que prega a solidariedade e a igualdade, ultrapassando seus limites regionais, atendendo pacientes de diversas partes do Ceará e até do Piauí. A Santa Casa é um hospital de extrema importância no Ceará, pois integra o Sistema Único de Saúde como única referência terciária para toda a Região Norte deste Estado (SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SOBRAL, 2015).

⁴⁴Cigana moradora do Bairro Sumaré e prima de Batista.

⁴⁵Cigana do Bairro Sumaré e irmã de Batista.

⁴⁶Batista, neto do coronel Valdemar Pires Cavalcante. Preserva a tradição e a cultura cigana na cidade de Sobral-CE Trabalha com leitura de mãos, jogos de búzios e jogos da sorte. Entrevista realizada sem sua residência em maio de 2015.

⁴⁷Batista, neto do Coronel Valdemar Pires Cavalcante. Preserva a tradição e a cultura cigana na cidade de Sobral-CE. Trabalha com leitura de mãos, jogos de búzios e jogos da sorte. Entrevista realizada sem sua residência em maio de 2015.

o que os ciganos mais velhos ensinam, a partir de suas experiências, às novas gerações para garantir sua sobrevivência.

Ao mostrar que a memória é uma construção social, Halbwachs também infere que os indivíduos recordam daquilo que consideram importante para seu grupo. De acordo com os argumentos nos depoimentos apresentados cada entrevista tem significado especial, pois a ênfase de cada narrador no relato do seu cotidiano associado às práticas coletivas típicas dos grupos socioculturais ciganos revelou-se a maneira do ser e do agir de cada um deles.

Nessa perspectiva, percebemos que o bairro tem uma forte carga simbólica, pois passaram a ter residência fixa, além da preservação da linguagem, o uso das indumentárias e os ofícios realizados por eles são elementos marcantes da identidade cultural do grupo cigano fixado no Bairro Sumaré. Halbwachs, ainda, revela que as lembranças são sempre coletivas, pois, mesmo que em determinadas circunstâncias se esteja materialmente só, o indivíduo recorda tendo como referenciais estruturas simbólicas e culturais de um grupo social.

Desse modo, percebemos como os construtos identitários e culturais dos ciganos se definem, a partir do seu estilo de vida onde se apropriam dos espaços públicos e organizam-se nos mesmos de forma inusitada, graças à arte de saber fazer, reinventar o cotidiano, alterar os códigos e (re)apropriar-se dos espaços, isto é, palmilham seus caminhos buscando viver do melhor modo possível, preservando suas tradições.

A partir das considerações tecidas aqui, exporemos no próximo capítulo nossas considerações finais acerca da memória, da cultura e da tradição cigana do Bairro do Sumaré, em Sobral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, pode-se visualizar a forma como os ciganos do Bairro Sumaré em Sobral-CE dão sentido a sua existência e constroem sua identidade enquanto grupo sociocultural. Nesta travessia dos últimos três anos, seja fotografando, entrevistando ou escrevendo, me debrucei sobre as histórias de vida e práticas cotidianas dos ciganos residentes no Bairro Sumaré com o intuito de compreender a cultura, a tradição e a educação cigana a partir dos modos de vida e das relações sociais dos ciganos com os moradores e com a cidade de Sobral.

A partir dos depoimentos e relatos narrados, buscamos enfatizar como a perspectiva da História Oral permite tecermos a história de uma comunidade cigana e os desafios que a mesma enfrenta para afirmar sua identidade frente à elaboração dos estereótipos e dos seus estilos de vida. Como bem lembra Thompson (1992), a história oral é uma história construída em torno das pessoas, as fontes orais são mais do que fontes, são elas a identidade de um povo, ou seja, de forma que falar de oralidade é se colocar na postura do não esquecimento da História.

Em meio a rememoração, encontramos lembranças que assumem significados e que ao mesmo tempo estão confinadas no silêncio. Nesta pesquisa, embora as entrevistas tenham causado um certo desconforto nos depoentes, conseguimos levá-los a um passado remoto, mesmo assim estes deixavam entrever um sentimento de alegria, satisfação e bem-estar por estarem ali falando sobre suas histórias de vida, o movimento incessante do ir e do vir em seus discursos nos revelava de forma intensa as reminiscências acalentadas na alma de cada um.

Essa pesquisa traz para o cerne do debate acadêmico as vozes silenciadas daqueles que permaneceram omissos ao longo de suas vidas, impossibilitados de difundir sua cultura, e ao mesmo tempo excluídos da sociedade. Dessa forma, queremos aqui tratar os ciganos como sujeitos protagonistas em uma cultura ampla, dinâmica e plural, pois são eles detentores do saber e de experiências únicas. Cada história que nos foi contada traz um sentido social que não se restringiu a um olhar individual e/ou neutro de quem narra. Cada ação e cada palavra traz a marca de sua própria visão de mundo, visão construída historicizada e contextualizada culturalmente.

Ao analisar o processo de fixação do grupo cigano no Bairro Sumaré, pudemos investigar as múltiplas facetas no processo de sedentarização, de afirmação identitária e de

inserção no cotidiano da cidade. Paralelo a isso, percebemos como ocorreu o processo educativo e a formação identitária das gerações mais velhas, as quais mantêm seus laços de pertencimento através da oralidade e da manutenção de costumes e de valores, considerados ultrapassados pelas novas gerações.

O respeito pelos mais velhos ainda são preservados como um legado valioso e, por conseguinte, a quiromancia, o jogo de cartas e o jogo de búzios são práticas educativas exercidas por eles como rito de preservação de sua cultura. Dessa forma, entendemos que os ciganos usam o imaginário para representar o mundo, comportando crenças, mitos, ideologias, valores, conceitos e constituindo assim suas identidades (PESAVENTO, 2004).

Entretanto, foi possível também perceber os pontos de aproximação e de afastamento presentes no processo de formação educativa dos ciganos e a problemática que o grupo passa na atualidade, gerada pelos conflitos entre as gerações mais velhas e as novas gerações.

Consideramos que os estudos desenvolvidos com o grupo étnico cigano nos faz pensar na relação entre “eu e o outro”, nos remete a nossa própria história rompendo com o preconceito. Legitimar a existência desses povos, a partir de seus costumes e de sua pluralidade cultural, nos permite conhecer o outro que parece ser estranho ou exótico. Portanto, realizar pesquisas com a comunidade cigana nos remonta a buscar, em suas narrativas, uma sensibilidade ao mundo místico, pois ao mesmo tempo em que trabalhamos com um campo de feito cultural, também estamos nos colocando em múltiplos campos ao fazermos a leitura dos espaços que esses povos ocupam e de suas origens.

Reconhecemos aqui os ciganos como espectadores e protagonistas do seu saber, da sua história, não podemos esquecer que carecem de um contato coletivo e de um olhar voltado às suas demandas e aos seus direitos sociais.

Dessa maneira, é preciso romper com o estigma e o esteriótipo que esses povos carregam ao longo de suas vidas. Com efeito e como tentamos demonstrar, ao longo desse texto, os ciganos do Bairro Sumaré exercem suas práticas cotidianas com o intuito de aproximar-se dos não ciganos e como uma forma de revelar sua identidade e seu trabalho.

Nesse sentido, trazer para o debate acadêmico estudos acerca dos ciganos é também nos reconhecer como parte dessa história e ao mesmo tempo, valorizar a história cultural desses povos, que permanecem até então silenciada. Sabemos sim, que a cultura cigana ainda é alvo de preconceito por parte dos não ciganos. Destarte, lembrar, rememorar a cultura cigana é ir exatamente contra o processo de exclusão e esquecimento, os excluídos só têm o estigma

de excluídos quando não nos lembramos deles. Os ciganos do Bairro de Sumaré, em Sobral, já não são mais excluídos porque agora falamos em nome deles, onde quer que estejamos.

Afinal, os ciganos tiveram fortes contribuições na formação identitária e cultural brasileira, ao trazerem a dança e a música flamenca, além de colaborarem na economia com o comércio, na troca e venda de animais, contribuindo também com a política local.

REFERÊNCIAS

AIRES, Sérgio. A escola ainda é alheia e adversa à cultura cigana. **Jornal A Página da Educação**, [s. l.], ano 13, n. 131, p. 1, fev. 2004.

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALVES, Maria do Carmo. **Planejamento urbano e formação territorial: Sobral e suas contradições**. Campinas: Edições Territorial, 2011.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2004. p. 15-36.

ARCO do triunfo está depredado em Sobral. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/arco-do-triunfo-esta-depredado-em-sobral-1.761049>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BARROS, José D'Assunção. **História comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas).

BERGSON, Henri. **Memória e vida: textos escolhidos por Gilles Deleuze**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999 .

BESSA, José Rogério Fontenele. **Comunidade cigana de Sobral: aspectos linguísticos e etnográficos relativos a mobilidade geográfica, natureza e tempo**. Sobral: UVA, 2004.

BESSA, José Rogério Fontenele. O Projeto Comunidade Cigana de Sobral. **O Povo**, Fortaleza, 15 nov. 1998. Caderno Opinião.

BESSA, José Rogério Fontenele. Os ciganos assentados em Sobral: razões Metodológicos da investigação científica. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 113, p. 504,1988.

BEZERRA, Viviane Prado. **Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)**. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organizada por Cláudio Brandão de Oliveira. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP e A, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Povo cigano**: o direito em suas mãos. Brasília, DF: Presidência da República, 2007.
- BRASIL. **Regimento da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**. Brasília, DF, 2005.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior. 26. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2002.
- BURKE, Peter. História como memória social. *In*: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000. p. 67-89.
- CARLOS, Liana Liberato Lopes; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia Os fios invisíveis da oralidade: o estudo das fontes orais da comunidade cigana do Bairro Sumaré – Sobral–Ce. *In*: ENCONTRO NORTE-NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO-INSTITUIÇÕES ESCOLARES-PROFISSÃO DOCENTE, 5., 2014, Teresina. **Comunicação oral**. Teresina: UFPI, 2014.
- CARLOS, Liana Liberato Lopes; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O passado como um Presente mais ou menos invisível: as memórias dos ciganos assentados no Bairro Sumaré em Sobral-Ceará. *In*: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CEARÁ, 14., 2015, Crato. **Comunicação oral**. Crato: URCA, 2015.
- CASA-NOVA, Maria José. **Etnicidade gênero e escolaridade**: estudo em torno da socialização do gênero feminino numa comunidade cigana de um bairro periférico da cidade do Porto. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000 .
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 1990. (Coleção memória e sociedade).

COELHO, Adolpho. **Os ciganos de Portugal**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1892 .

COSTA, Francisco José Lustosa da. **Sobral do meu tempo**. Brasília, DF: Senado Federal, 1982.

CRUZ, Lilian Rodrigues; GUARESCHIN, Neusa. **Políticas públicas e assistência social: diálogo com as práticas psicológicas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELORS, Jaques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Lisboa: Ed. 70, 1980.

ELIAS, Norbet. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

FERRARI, Florência. **Palavra cigana: seis contos nômades**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FERREIRA, Antonio Gomes. O sentido da educação comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. *In*: MARTINEZ, S. A.; SOUZA, D. B. (Org.). **Educação comparada: rotas de além-mar**. São Paulo: Xamã, 2009. p. 137-166.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, Nilson Almino. **Trajetos e memórias: patrimônios, narrativas e visualidades na cidade de Sobral/CE**. Sobral: UVA, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de M. L. Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e etnicidade entre os calons de Sousa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil (1821-1823)**. São Paulo: Nacional, 1956.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HISTÓRIA do bairro do Sumaré em Sobral. **Jornal Correio da Semana**, Sobral, 2015. Disponível em: <<http://blogsobralcultural.blogspot.com.br/2015/05/historia-do-bairro-do-sumare-em-sobral.html/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

HOBBSBAWM, Eric. RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade: mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Sobral, 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=231290>>. Acesso em: 13 out. 2016.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva**. Fortaleza: Premium, 2011.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil (1815-16)**. São Paulo: [s. n.], 1842.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LOPES, Daniel Seabra. **Deriva cigana: um estudo etnográfico sobre os ciganos de Lisboa**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

MARTINS, Joseth Antonia Oliveira Jardim. **A cultura cigana em questão: significados e sentidos da instituição escolar para a criança cigana**. Curitiba: [s.n.], 2011.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Lerche Sofia. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha: UECE, 2001.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRELES, Cecília. Os cânticos e a canção acima foram extraídos. *In*: _____. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1963. p. 25, 32, 45.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, C.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya; GOMES, Gonçalo de Pinho Gomes; ROCHA, Manoel Valdey da. **Centenária da Diocese de Sobral**: 1915 – 2015. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil. Recife, 2005. Disponível em: <dhnet.org>. Acesso em: 20 jan. 2016. e-book.

MOONEN, Frans. **As minorias ciganas**: direitos e reivindicações. Recife, 2000. Disponível em: <dhnet.org>. Acesso em: 20 jan. 2016. e-book.

MORAIS FILHO, Mello. **Os ciganos no Brasil e cancioneiro dos ciganos**. São Paulo: Itatiaia: Universidade de São Paulo, 1981.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NASCIMENTO, Maria Cardozo do. **Cartas de Maria Cardozo do Nascimento**. Sobral, [19-]. Acervo pertencente à Ana Maria Nascimento, filha de Dona Marizor.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: PUCSP, 1993. (Projeto História, 10).

NORDESTE TV. **Ciganos**. [S.l.], 2013. 1 DVD.

NÓVOA, Antonio. Modelos de análise em educação comparada: o campo e o mapa. *In*: MARTINEZ, S. A.; SOUZA, D. B. (Org.). **Educação comparada**: rotas de além- mar. São Paulo: Xamã, 2009. p. 23-62.

NUNES, Olímpio. **O povo cigano**. 2. ed. Lisboa: Artes Gráficas; Águeda, 1996.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas**: a relação dos Tremembés com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**: adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em

10 de dezembro de 1948. Brasília, DF, 2009. Disponível em:
<<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História, memória e centralidade urbana. **Rev. Mosaico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2008.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

PIERONI, Geraldo. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas: os degredados no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRINS, Gwyn. História oral. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2011. p. 163-198.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem à província de São Paulo (1816-22)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SOBRAL. **Empresa**. Sobral, 2015. Disponível em:
<<http://www.stacasa.com.br/index2.php?pagina=empresa>>. Acesso em: 6 out. 2015.

SANTOS, Virgínia R. dos. **Espacialidade e territorialidade dos grupos ciganos na cidade de São Paulo**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Lailson Ferreira da. **Parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os calons de Sobral, Ceará**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SIMÕES, Silvia Régia Chave de Freitas. **Educação cigana: entre - lugares entre escola e comunidade étnica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SOUZA, Marcelo J. Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias de *et al.* **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

SOUZA, Mirian Alves de. **Ciganos, Roma e Gypsies**: projeto identitário e codificação política no Brasil e Canadá. 2013. 352f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

TARDIF, Maurice. Os gregos antigos e a fundação da Tradição educativa Ocidental. *In*: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Org.). **A pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. Carta da transdisciplinaridade. *In*: CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE, 1., 1994, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 1994. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Responsável: Liana Liberato Lopes Carlos RG.: 2004031095686 – SSP – CE
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável – UFC Nome do participante:

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **MEMÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS CIGANOS NA CIDADE DE SOBRAL-**

CEARÁ (1974-2000), cujo objetivo é: Investigar a dinâmica sociocultural do grupo cigano a partir da tradição que o grupo traz como marca de identidade cultural contribuindo assim com a cultura da cidade de Sobral- CE. Você será entrevistado em local e horários previamente combinados. O pesquisador utilizará um gravador e um diário de campo para apreensão dos discursos que serão utilizados somente para fins acadêmicos e de pesquisa. No caso de desistência, você será liberado, não havendo nenhum prejuízo moral ou social e afetivo. Os resultados da pesquisa servirão apenas para publicação em meio acadêmico e científico e serão mantidos em sigilo, sendo preservados a sua integridade e seu anonimato.

Os riscos da pesquisa são mínimos como, por exemplo, algum constrangimento durante a entrevista pelo pesquisador, porém tais riscos serão minimizados com a utilização da técnica de entrevista semi-estruturada, com perguntas direcionadas exclusivamente aos objetivos do estudo. Os benefícios esperados deste estudo são: o fornecimento de informações acerca da cultura e da tradição cigana, particularmente dos ciganos residentes no Bairro Sumaré em Sobral-CE, bem como as suas relações com a sociedade, analisando quais os fatores de ordem social, política e ou religiosa que contribuíram para que os ciganos ingressassem na cidade de Sobral onde permanecem até hoje.

Em caso de dúvida entrar em contato com a pesquisadora responsável:

Liana Liberato Lopes Carlos – Cel (88) 99978-8599 – (88) 99426-2107
Rua Dona Maria Tomásia nº 86-Campo dos Velhos. CEP-62030-130

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPE) da UVA:

Av. Comandante Maurocélvio Rocha Ponte nº 150
Bairro: Derby Club, Fone: (88)3677-4255,
Email: uva_comitedeetica@hotmail.com

Eu, _____, (participante)
RG _____, abaixo assinado, concordo com a
participação no estudo _____ como
participante ou responsável pelo participante da pesquisa. Fui devidamente informado e
esclarecido pelo pesquisador _____ sobre a pesquisa,
os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da
sua participação. Foi-me garantido que posso, como participante ou como pesquisado, retirar
meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou
interrupção de acompanhamento, assistência e tratamento.

Local e data _____ / _____ / _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO B – CARTA DE DONA ANA

Carta da Dona Ana - História do Bairro Sumaré

Há informações da Sra. Maria Cardoso (Mazor) que este populoso bairro tem uns 130 anos, seu pai Sr. João Cardoso do Nascimento em suas andanças procurando um lugar para se abrigar com sua família, encontrou naquela época este paraíso, só tinha uma casa, muitas árvores, a ventilação forte só se ouvia os cantos dos pássaros, ele disse aqui vai ser o melhor lugar construiu sua casa e veio morar com sua família, diz a Mazor que a noite fazia medo porque era muito escuro, só era melhor quando era noite de lua clara, isso aconteceu em 1930 então as duas famílias se juntaram fizeram grandes amizades fazendo que o lugar fosse conhecido, e não passou muito tempo e começaram a construir casas e mais casas e com esse crescimento apareceu um senhor chamado Chico Petronilio dizendo que era dono da terra, e que todos os moradores tinham que pagar, o Sr. João Cardoso homem sério ainda questionou, mas não teve jeito, todos pagaram com muita dificuldade, o dinheiro se chamava tostão e o terreno se media por palmos. Entre as famílias da época tinha uns valentes que gostavam de brigas e quando brigavam entre ele só falavam em pegar o facão, por isso se colocaram o primeiro nome de alto do facão, mas com o crescimento e desenvolvimento este nome foi esquecido. Em 1935 foi construída uma capelinha dedicada a São Miguel Arcanjo, enfrente foi erguido um cruzeiro, onde todas as noites os moradores se reuniam para conversarem, as moças e os rapazes se divertiam sentados ao redor do cruzeiro, na capela era celebrado as missas pelo saudoso Bispo D. Jose Tupinambá da Frota que vinha acompanhado pelo seu secretario Pe. Jose Palhano de Sabóia, por volta de 1948 a capela foi demolida para dar lugar a um colégio que passou uns três anos para iniciar as atividades mais ou menos em 1950, na demolição da capela o povo teve um grande desgosto e para completar a tristeza da população o cruzeiro também foi derrubado. Muita gente chorou e a revolta foi grande, puseram uma corda na cintura da imagem e conseguiram demolir. Neste bairro andavam muitas pessoas principalmente na época chuvosa eles vinham para apreciar as águas, as enchentes que vem do açude Jaibaras e do Rio Acaraú, o prefeito de Sobral Sr. Antonio Frota Cavalcante (1951/1955) o mesmo que mandou construir o arco do triunfo foi quem deu origem a esse nome, ele costumava ir até o alto e dizia o meu sul é uma maré por motivo do volume das águas, o Sr. João Cardoso tomou conhecimento da frase dita pelo prefeito e juntou as letras retirou o l e ficou Sumaré, e ainda falou a partir de hoje o nosso bairro passa a ser chamado Sumaré. Em 1948 foi iniciada a construção da igreja de São José o benfeitor foi o Sr. José Modesto e foi inaugurada em 1948 foi uma grande festa para a população, em frente a igreja foi fixado um cruzeiro que é obra do ferreiro sobralense Alexandre Luiz da Costa foi oferecido pelo tenente Coronel João Evangelista da Frota, e assim o Sumaré tomava rumo de melhorias e conhecimento. A igreja São José pertence a paróquia da nossa Senhora do Patrocínio, festejamos São José com novenas, missas e procissão de 9 a 19 de março, onde toda a comunidade se une na organização da festa para festejar alegrar o nosso padroeiro. O bem feitor Sr José Modesto em 1965 faleceu e foi sepultado ao lado da igreja como também sua esposa Sra. Dolores, nos fundos da igreja tinha uma casa que abrigava índios, mas foi demolida para construir uma casa para umas irmãs josefinas morar, ao lado só era mata com o passar do tempo foi construído ao lado o centro de treinamento que se chama CENTRESUM, na frente da igreja um colégio estadual Carmosina Ferreira Gomes, mas ao lado outra estrada municipal José parente Prado, foi construído um posto de saúde da família - PSF na Rua do Cortume que inaugurou 16/10/04 no final da gestão do CID. Na rua Arco Verde temos a Creche Anizia Rocha, onde no começo dessa historia se fala na capela de São Miguel, a creche funciona neste lugar foi inaugurada 05/05/03, antes da construção da escola José Parente Prado já existia o monumento de Dom José que foi construído e inaugurado em 1982,

mesmo estava abandonado, mas a escola restaurou e passou a ser memorial Dom José tem um belo auditório e salão de arte, e próximo da escola José Parente Prado ele, que foi prefeito de Sobral por dois mandatos, deputado Estadual 3 mandatos, temos duas associações comunitárias que visam a melhoria da Comunidade, a 1ª foi fundada 16/09/86 a outra foi fundada 08/07/98 temos a SOPI (Sociedade da Pro Infância) fundada 25/06/88 a casa da memória e cidadania fundada 02/09/04 onde jovens e adultos fazem cursos e se reúnem para discutir melhorias para a comunidade, foi criado pelo nosso Pe. João Batista Frota, como também a organização construtor da paz fundada em 12/03/07. Pelo Bairro Sumaré passa a estrada de ferro Sobral/Cratéus e a estrada BR-222 de Fortaleza/Teresina. O Bairro Sumaré é ponto de apoio as andanças de ciganos que andam pelo mundo afora, só que pararam em Sobral, em 1974 naquela época deu uma enchente forte e eles habitavam no bairro Dom Expedito e com medo das correntezas o prefeito na época José Prado pegou eles e trouxe para este lugar porque é alto e as enchentes não vem pra cá, então muitas pessoas ficaram até com medo e foram embora, eles gostaram e até hoje já tem residência fixa e não se sentem mais andarilhos, alguns já foram embora. Como surgiu as ruas, como o lugar é bom, apareceu uns americanos para fazerem uns estudos e ficaram por aqui durante uns dois anos 1967 a 1969, começaram a conhecer, fazendo pesquisa, convidou algumas pessoas mais experientes para se reunir e traçarem ideias para dar nomes as ruas, e com pouco tempo já estavam todas com nomes e números, a SOPI-(Sociedade Pró Infância) quem trouxe para nós foi a Dona Maria Jose Ferreira Gomes, ela na época era a primeira dama em 1982 vendo as necessidades dos Bairros Dom José e Sumaré trouxe esta entidade para nós na época era CCF que beneficiava os dois bairros com o passar dos tempos foram divididos cada bairro ficou com sua entidade o Sumaré SOPI e o Dom José a SAFS, foi o maior e melhor presente que foi dado a este bairro, onde as crianças e adolescentes eram apadrinhados pelas pessoas boas da Alemanha e até do Brasil que enviam cartas, fotos, fotos e presentes para seus afilhados, na época todas as casas de taipo foram construídas de alvenaria, todas as crianças eram inscritas nessa entidade eram felizes como também as famílias graças a Dona Maria José, e assim a comunidade foi se destacando as pessoas se organizando, tomando consciência de dever cumprido. O lugar é aconchegante as pessoas são compreensivas e gentis, tem pessoas más, mas isto é em todos os lugares do mundo, aqui temos grupos de jovens, vários times de futebol, grupo de convivência de idosos, grupo de ginásticas, grupos religiosos, grupo de danças, grupo das artesãs, rezadeiras, pessoas que se destacam na política partidária, se destacam na polícia, no serviço social, professores, de tudo tem aqui. No dia 4 de janeiro do ano de 2014 a nossa igreja São José passou a ser paróquia, foi um imensa alegria par nós. Realizmos casamentos, 1ª eucaristia, crisma e batizados temos uma feira de negócios todos os anos que iniciou em 2000 e até hoje sempre cai no mês de outubro ou novembro e se aproveita para comemorar o aniversário do bairro. A feira se chama FENESU o fundador foi o José da Silva Sousa, Zezinho do Sumaré, nesta feira tem de tudo, precisamos de mais organização de um olhar mais carinhoso de nossos governantes, não temos uma lugar de lazer nem para as crianças e adolescentes e tão pouco para nossos idosos, falta segurança, moradia, melhorar a saúde, transporte coletivo e etc, mas saibam que merecemos.

Obrigado, este documento foi feito com ajuda da dona Maria Cardoso (Mazor) e ajuda da Ana que é sua filha, ela dizia com suas palavras e eu Ana escrevia. Tudo isso é verdadeiro acredite.

17/09/05 – 25/09/1